



  
Coleção  
Documentos

**23**

  
CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



# SÁTIAS POLÍTICAS VERSEJADAS NO BRASIL MERIDIONAL: AS ORIGENS DAS HISTORIETAS (1890)

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

# **SÁTIAS POLÍTICAS VERSEJADAS NO BRASIL MERIDIONAL: AS ORIGENS DAS HISTORIETAS (1890)**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



### **DIRETORIA**

**PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL**

**DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS**

**1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES**

**2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO**

**1º TESOUREIRO – VALDIR BARROCO**

**2º TESOUREIRO – ROLAND PIRES NICOLA**

Francisco das Neves Alves

# SÁTIAS POLÍTICAS VERSEJADAS NO BRASIL MERIDIONAL: AS ORIGENS DAS HISTORIETAS (1890)



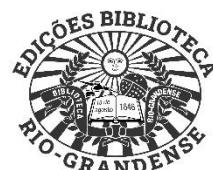
- 23 -



UIDB/00077/2020



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



Lisboa / Rio Grande  
2020

**Ficha Técnica**

Título: Sátiras políticas versejadas no Brasil Meridional: as origens das Historietas (1890)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 23

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: BISTURI. Rio Grande, 21 fev. 1892, a. 16, n. 9, p. 2.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Junho de 2020

ISBN – 978-65-87216-08-9

**O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e quarenta livros.



## **Conselho Editorial**

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)  
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)



Contarei todos os dias  
uma historietazinha,  
em versos, mas não capengas,  
em cadênciâ afinadinha.

(...)

Prometo contar-vos tudo  
em quatro quadras por dia,  
marcando o compasso certo  
e respeitando a harmonia.

**Cantu-Mirim**

**ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jun. 1890**



## ÍNDICE

*Eco do Sul*, João José Cesar e as Historietas, 11

As Historietas em 1890, 77



*ECO DO SUL, JOÃO JOSÉ CEZAR*  
**E AS HISTORIETAS**

A formação histórica da mais meridional porção brasileira, o Rio Grande do Sul, foi marcada por peculiaridades em relação ao resto do país. No período colonial constituiu uma área de incorporação tardia ao projeto de colonização português, e a conquista de seu território foi marcada por uma série de confrontamentos bélicos entre lusos e hispânicos, em um vai e vem de fronteiras que atravessou o século XVIII, estendendo-se até os primórdios da centúria seguinte. À época da formação do Estado Nacional Brasileiro, com a independência e a instabilidade política que marcou o I Reinado e o período regencial, o Rio Grande do Sul em muito contribuiu nesse contexto de conflagração com a eclosão da Revolução Farroupilha, o mais grave conflito bélico, dentre as revoltas provinciais. Terminada a guerra civil, as décadas que se seguiram foram marcadas pelo confronto entre conservadores e liberais, com ampla ascensão destes sobre aqueles nas décadas finais dos Oitocentos.

A partir da proclamação da República, as especificidades político-partidárias sul-rio-grandenses tornaram-se ainda mais acentuadas, uma vez que, ao contrário do restante do país, que contou com uma republicanização relativamente mais tranquila, o Rio Grande do Sul, no período de implantação da nova forma de governo, passou por uma de suas fases de maior agitação partidária da qual adviria séria crise política e revolucionária. No cenário político gaúcho, ao final do Império, o Partido Liberal constituía uma entidade bem arregimentada e forte, enquanto os republicanos, recém-alçados ao poder, ainda representavam uma agremiação pouco significativa em termos eleitorais. Tendo em vista destruir a máquina eleitoral dos liberais e consolidarem-se

como os novos detentores do poder, os republicanos castilhistas, denominação derivada de sua principal liderança, Júlio Prates de Castilhos, nortearam sua atuação com base em práticas exclusivistas, de modo a alijar todos os possíveis adversários.

Do exclusivismo castilhista não escaparam os antigos liberais, nem os conservadores, alguns dos quais se haviam tornado republicanos de última hora, e nem mesmo alguns dos republicanos históricos, formando-se, desde cedo, uma dissidência do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), já que Júlio de Castilhos não pretendia aceitar sectários que não aderissem na totalidade à sua cartilha político-ideológica e nem deixar espaço para que nenhuma outra personalidade pudesse vir a ofuscar a sua figura política. Essas exclusões levariam à formação de uma ferrenha oposição ao castilhismo, representada por aqueles diversos grupos alijados do processo político. As *derrubadas*, típicas das inversões partidárias do Império, continuaram a se fazer presentes nos novos tempos republicanos, com incontáveis demissões por motivos políticos. Assim, além de constituir-se em um conflito de natureza partidária, a disputa entre castilhistas e oposicionistas derivava-se ainda da luta pelo controle do aparelho do Estado, bem como pelas diretrizes da política econômica a ser adotada, beneficiando esse ou aquele setor, essa ou aquela região, traduzindo-se também em um confronto por interesses regionais no âmbito estadual.

Nesse quadro, formava-se um conflito que passaria do debate pela imprensa e pelo parlamento, às disputas eleitorais e ao meio extremo do confrontamento bélico, gerando-se um confronto intra-oligárquico que marcaria

toda a vida política sul-rio-grandense, ao tempo da República Velha. Ainda nos instantes iniciais da República – quando sob a ditadura do Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, preparava-se o país para a formação de uma Constituinte responsável pela reordenação institucional, adaptando-o à nova forma de governo –, a instabilidade política já se fazia sentir no Rio Grande do Sul, levando a que o Governo do Estado mudasse constantemente de mãos. O primeiro governante rio-grandense, nesse período, foi o visconde de Pelotas, antigo líder liberal, os castilhistas, por sua vez, iriam ocupar os principais cargos do primeiro escalão governamental. Logo surgiram os desacertos entre o governador, que tentava levar à frente uma política de conciliação, e seus assessores diretos, defensores que eram das práticas exclusivistas, e o governo do visconde, que se iniciara com a proclamação, não passou de fevereiro de 1890.

O ex-chefe liberal foi substituído pelo general Júlio Falcão Frota, com o qual cresceu a hegemonia castilhista. Esse militar governou entre fevereiro e maio de 1890, afastando-se por desentendimentos com o governo central a respeito da instalação de instituições bancárias no Estado. Interinamente, assumiu o governo Francisco da Silva Tavares, antigo militante do Partido Conservador, cuja família havia ingressado “à última hora” nas hostes republicanas, não sendo, portanto, confiável aos olhos dos castilhistas. O novo governante viria a promover o expurgo dos adeptos do castilhismo, que reagiram e, aproveitando-se das festividades do 13 de Maio e das confusões originadas do conflito entre manifestantes e a polícia, promoveram um golpe

para derrubar Silva Tavares que, sem o apoio da chefia militar, acabaria afastando-se do governo, o qual só durara de 6 a 13 de maio de 1890. Provisoriamente, entre 13 e 24 de maio, o general Carlos Machado Bittencourt, Comandante das Armas no Rio Grande do Sul, assumia o Governo do Estado, até que o governador nomeado por Deodoro, o general Cândido José da Costa ocupasse aquele cargo, onde permaneceu até março de 1891.

Ainda em junho de 1890, o novo regulamento eleitoral promulgado pelo Governo Provisório visava a assegurar a vitória do situacionismo, impedindo, assim, que setores oligárquicos ligados aos antigos partidos imperiais tivessem qualquer chance de vitória. Isso realmente viria a ocorrer nas eleições de setembro de 1890, nas quais foram escolhidos os membros da Assembleia Constituinte, instalada em novembro do mesmo ano. O governo do marechal Deodoro enfrentava uma crescente crise que se intensificou a partir de janeiro de 1891, quando foi desmanchado o primeiro ministério republicano e composto um novo sob a liderança do barão de Lucena, antigo político conservador, da confiança do chefe do Governo Provisório. Em fevereiro de 1891, foi promulgada a primeira Constituição Republicana e, em seguida, a mesma Assembleia elegeu Deodoro da Fonseca como presidente constitucional.

No Rio Grande do Sul, a derrubada de Silva Tavares agravara ainda mais os conflitos entre os castilhistas e os seus opositores, levando a que essas oposições buscassem uma certa aglutinação e organização. Surgiu, nesse contexto, em junho de 1890, a União Nacional, frente partidária que reunia membros dos extintos partidos imperiais, desgostosos com a situação reinante.

Tal frente apresentou-se não como uma agremiação que viesse a disputar a outro partido a preeminência na opinião pública ou na posse do oficialismo e sim como um conjunto de partidos, podendo formar nessa aliança os cidadãos desagregados dos partidos existentes. Congregando liberais e conservadores, a União Nacional foi a primeira articulação política a reunir de forma mais organizada forças antecastilhistas.

Os castilhistas, por sua vez, predominavam cada vez mais junto do Governo do Estado, contando com o prestígio do marechal Deodoro que, entre apoiar a União Nacional – que tinha a ascendência dos liberais de Silveira Martins, inimigo pessoal do presidente – ou os republicanos seguidores do castilhismo, optou por estes. Júlio de Castilhos foi nomeado Vice-Governador do Estado, aumentando a sua já existente influência junto ao general Cândido Costa. O líder do PRR passou a ser ainda mais prestigiado por Deodoro da Fonseca quando apoiou publicamente a candidatura deste à Presidência da República. Esse ato, no entanto, custou a formação de uma nova dissidência ao partido castilhista, representada notadamente pelas figuras de Barros Cassal, que rompeu imediatamente com Castilhos, recusando-se a compor a chapa republicana, de Demétrio Ribeiro e de Antão de Faria que, após eleitos representantes na Constituinte, também ingressariam no grupo dos dissidentes republicanos.

Nas eleições à Assembleia Constituinte, a União Nacional optou pela não participação no pleito, propondo a abstenção de seus eletores nesse sufrágio. Com isso, a chapa do PRR foi eleita na íntegra, sob denúncias de corrupção e

fraudes eleitorais de parte dos oposicionistas. Os castilhistas continuavam seu trabalho de desmantelar a máquina político-eleitoral dos liberais e de montar uma própria, a qual lhes garantisse a continuidade no poder. De acordo com esse objetivo, promoviam dissoluções de Câmaras Municipais, com a formação de juntas governativas nomeadas, com gente da sua confiança, pelo Executivo Estadual; mudanças de comandos na Guarda Nacional; e substituições de funcionários públicos não fiéis ao castilhismo. A imprensa teve um papel fundamental em meio a esses confrontos partidários e, no contexto do jornalismo rio-grandense-do-sul, o periódico *Eco do Sul*, da cidade do Rio Grande, foi um dos protagonistas.

A partir da instauração da forma de governo republicana, o *Eco do Sul* passou por significativas transformações em sua estrutura discursiva tendo em vista uma adaptação ao novo cenário político. Essa busca por adaptar-se ao incipiente contexto político-partidário republicano, que representava uma ruptura em relação ao jogo partidário do período imperial, ao qual o jornal estava intrinsecamente ligado, defendendo o ideário conservador, levou-o a uma desorientação político-editorial, renegando algumas de suas posições e contradizendo certas convicções expressas anteriormente. Nesse novo percurso, a folha passou de um apoio aos primeiros governantes, ainda nos meses iniciais da formação republicana, a uma aberta oposição para com os mesmos, mormente no contexto regional, onde acabaria por tornar-se uma importante publicação de combate ao castilhismo. Essa resistência aos governistas, manifestada de modo mais veemente, perpassaria por todo o período de

agitação e revolução, prolongando-se até o início do século XX, quando, paulatinamente, o diário rio-grandino foi promovendo mudanças em sua conduta editorial, buscando construir a imagem de uma folha “independente”, tendo em vista adaptar-se à nova fase pela qual passava o jornalismo.

Diante das dificuldades em obter um conhecimento mais preciso a respeito da mudança institucional ocorrida a 15 de novembro de 1889, o *Eco* optou, inicialmente, por uma posição cautelosa, na busca de informações mais esclarecedoras sobre o ocorrido. A princípio, o periódico limitou-se a dar breves notas e transcrever telegramas sobre os “graves acontecimentos” no Rio de Janeiro. Segundo o diário, a informação sobre o fim da Monarquia surpreendera a comunidade rio-grandina, afirmando que “as notícias alarmantes” de que estavam “ameaçadas de desaparecer as instituições do país, causaram grande surpresa à pacífica população”. Explicava que ignorava “as causas que determinaram semelhantes sucessos” e, “na carência absoluta de pormenores”, se absteria “de fazer comentários”. Manifestava ainda o seu desejo de que “a paz e a tranquilidade fossem de pronto restabelecidas, com prudência e patriotismo, para a felicidade da pátria”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 nov. 1889, a. 36, n. 264, p. 2. Esta preocupação com a “ordem pública” e com a falta de notícias precisas foi constante nas primeiras manifestações do jornal acerca da instalação da República: “Durante o dia de ontem foi grande a ansiedade de todos por notícias dos acontecimentos da atualidade. Apesar disso, a ordem não foi perturbada. Todos os cidadãos têm sabido ser prudentes e circunspectos. Os distintos oficiais desta guarnição têm-se esforçado vivamente por manter a tranquilidade pública, pelo que se têm tornado credores dos mais sinceros encômios” (ECO DO SUL. Rio Grande, 17 nov. 1889, a. 36, n. 265, p. 2.).

Somente a 21 de novembro de 1889, o jornal explicaria aberta e diretamente a sua posição diante da nova forma de governo. Abandonando o dístico “Órgão do Partido Conservador” no seu cabeçalho, a folha declarava sua aceitação à República, apesar de sua “admiração pelo passado”, representado pelas estruturas monárquicas. Explicava que aderia à nova situação, acompanhando a maioria dos brasileiros que esperava a queda do “regime” com a morte de D. Pedro II. De acordo com a filiação partidária até então professada, o periódico atribuía ao ministério liberal a culpa pela antecipação da derrocada da Monarquia. Destacava ainda que se tornava “republicano pela pátria”, em artigo intitulado *“Vita Nuova”*:

Estamos na República, devemos ser republicanos. O sagrado culto da pátria exige o sacrifício de todos os afetos, de todos os laços que nos prendiam ao regime combalido. Isto não é uma abjuração, é um holocausto imposto pelo patriotismo (...) Guardaremos uma grande e sincera veneração pelo passado, porque nele formamos as convicções políticas que hoje depomos no altar da nova pátria, como vencidos de uma gloriosa revolução, e convertendo-nos à fé dos vencedores (...) não lhes poderíamos oferecer mais valiosos troféus do que esses que foram as nossas armas de combate num largo período do Segundo Império. (...) Todo o país era revolucionário, na própria inconsciência do seu estado político, caracterizado por sintomas de adiantada decadência, a revolução sagrada por um secreto instinto de simpatia universal, garantida em seus efeitos pela unanimidade dos entusiasmos populares. Esperava-se que explodisse mais tarde, quando D. Pedro cerrasse os olhos; porém o Ministério Ouro Preto apressou a explosão, ateando com imperita mão o fogo ao rastilho da mina republicana, desafiando audaciosamente esta grandiosa reivindicação da democracia brasileira. (...) Repetiremos: temos uma grande e sincera veneração pelo passado, mas acima de todos os afetos, muito acima de todas as nossas simpatias pelo regime abatido e pela soberana personalidade que o iluminou com o esplendor das suas virtudes de cidadão e de

monarca, está a pátria, essa pátria que desejamos ver sempre grande, sempre gloriosa no seio do Novo Mundo. Somos de hoje em diante republicanos pela pátria (...). Que o amor da liberdade e o patriotismo nos inspirem para bem servirmos à causa a que desde já hipotecamos todas as nossas dedicações.<sup>2</sup>

De acordo com essa asserção, durante os primeiros meses de vigência da República, a folha rio-grandina deu apoio incondicional aos atos dos novos governantes, destacando que os decretos promulgados pelo Governo Provisório exibiam “o cunho da mais nítida e justa compreensão das necessidades do momento e patenteavam ao mesmo tempo a índole moderada e o elevado critério prático dos eminentes cidadãos que assumiram o trabalhoso encargo de organizar o novo regime”; constituindo-se em “medidas vasadas nos moldes da mais refletida prudência, umas atinentes a serviços que não podiam sofrer interrupção, outras dando organização federal às antigas províncias” e outras “tendentes a garantir a paz pública e a segurança individual em todas as circunscrições da nova pátria”<sup>3</sup>. O jornal manifestava sua esperança de que a adoção do modelo republicano da “União Americana do Norte” significaria a garantia de que no Brasil as instituições seriam organizadas “à sombra da liberdade política, da liberdade civil e da liberdade religiosa”, que iriam “arraigar-se nos costumes e nos espíritos, investindo os cidadãos de todas as dignidades inerentes à soberania coletiva”. Esperava, assim, que, “no terreno das liberdades e direitos individuais”, a “índole da futura Constituição Brasileira”

---

<sup>2</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 nov. 1889, a. 36, n. 268, p. 1.

<sup>3</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 nov. 1889, a. 36, n. 270, p. 1.

viesse a consagrar “todos os dogmas sociais firmados pela democracia moderna”<sup>4</sup>.

No intento de manter o Partido Liberal como o seu tradicional adversário ao entabular um conflito discursivo, o *Eco* argumentava que a existência daquela agremiação não tinha mais sentido depois de instaurada a República. Segundo o jornal, a continuidade da ação dos liberais só faria sentido “sob a única condição de permanecer fiel a sua natureza monárquica e, nesse caso, hostil ao regime republicano”, uma vez que, continuar a “ser o que era e cooperar na organização da nova pátria eram intuitos que se excluíam em face da moral política”, não podendo compreender-se “essa dualidade de vistas senão como uma abdicação expressa da integridade das ideias e dos princípios, numa submissão medrosa à situação vitoriosamente inaugurada a 15 de Novembro”. O periódico buscava demonstrar que os liberais eram os inimigos dos novos governantes, afirmando que não poderia “subsistir o partido que na última hora do Império era mais realista do que o rei”, e que teria organizado, “subterraneamente, umas sinistras milícias para desencadeá-las contra os religionários da República”. A tentativa de desestabilização direcionava-se também aos liberais gasparistas – seguidores de Gaspar Silveira Martins –, destacando a folha que, no Rio Grande do Sul não poderia sobreviver “o partido que pelo vigoroso braço do seu *Profeta* descarregou todas as cóleras da maldição

---

<sup>4</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 nov. 1889, a. 36, n. 271, p. 1.

e do ostracismo sobre os republicanos, organizando contra eles um sistema de perseguições verdadeiramente inquisitoriais”<sup>5</sup>.

O jornal defendia a “ditadura” republicana das acusações de estar excluindo “a intervenção de antigos monarquistas na organização do novo regime, distribuindo os empregos públicos pelos republicanos ortodoxos”. Argumentava que a pretensão de que os republicanos abdicassem do “seu direito, numa aquiescência injustificável às exigências sentimentais da oposição”, vindo a entregar “aos adversários da véspera um poder que a revolução lhes confiou e pelo qual eram os únicos responsáveis perante a mesma revolução, seria uma insensatez”. A folha enaltecia as atitudes do Governo Provisório, explicando que, “neste particular, a ditadura dava uma lição retrospectiva aos velhos partidos da monarquia”, que, ao estrear no poder, promoviam “aqueelas pavorosas *razias* que eram as suas armas de vingança”, em um exemplo que não estaria sendo seguido, até então, pelos republicanos. O periódico avisava aos “senhores da oposição” que esperassem chegar a sua vez, pois, “por enquanto o bordo era dos revolucionários”, daqueles “que fizeram o movimento republicano, cabendo-lhes de fato e de direito a responsabilidade do momento” a qual eles não poderiam partilhar “com aqueles que ainda ontem eram seus adversários e perseguidores”<sup>6</sup>.

Ao completar-se dois meses da instauração da República o diário rio-grandino persistia no apoio aos governistas, comentando que naquele período já

---

<sup>5</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 nov. 1889, a. 36, n. 272, p. 1.

<sup>6</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1889, a. 36, n. 287, p. 1.

era possível notar, “como um milagre do patriotismo, como uma das feições mais salientes do novo regime, a espantosa acumulação de trabalhos de reorganização política, econômica e administrativa, realizadas pelo Governo Provisório”. Destacava que o “inventário deste fatigante labor de sessenta dias era de uma complexidade assombrosa e só pela totalidade material das reformas sabiamente decretadas excedia o quanto se fizera em meio século sob o extinto regime parlamentar”; de modo que, “a todas as classes, a todos os ramos de serviço público, e a todas as necessidades econômicas e administrativas”, naquela “fase inaugural, havia chegado a providente ação da ditadura, ungida das aspirações do patriotismo e da mais lúcida e nítida compreensão das exigências da nova ordem de coisas”<sup>7</sup>.

A partir do final de janeiro de 1890, desencadeou-se uma gradativa transformação nessa postura oficialista do *Eco*<sup>8</sup>, iniciando-se, após dois meses de um silenciar quanto aos assuntos político-partidários, um processo de ruptura para com os governantes republicanos. Esse rompimento teve como principal motor as atitudes autoritárias assumidas pelos situacionistas em nome da estabilidade das instituições, além de um controle bastante incisivo sobre a imprensa, contra os quais a folha rio-grandina reagiu, declarando-se

---

<sup>7</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jan. 1890, a. 37, n. 13, p. 1.

<sup>8</sup> Contribuiu para esta mudança de posição o fato de que a direção do jornal passou a ser assumida de forma mais direta e praticamente exclusiva por Alfredo Rodrigues de Oliveira, que adquiriu a totalidade da empresa. De março de 1891 em diante, o diário rio-grandino permaneceria nas mãos de Rodrigues de Oliveira e, após a sua morte, de seus sucessores, até praticamente o fim da sua circulação.

como publicação “independente”, e, em nome da “verdadeira república”, como oposicionista aos novos detentores do poder:

*Estamos na República, devemos ser republicanos.* Não o ignobil interesse de aliciar as boas graças de semideuses do dia, mas o nobre desígnio de cooperar na obra da reconstrução social do país inspirou-nos a patriótica abjuração. Éramos mais do que uma folha política, éramos órgão de um partido que, como nós, como todos os brasileiros sensatos, depôs às plantas da República vitoriosa as suas armas de combate, a sua gloriosa bandeira e a sua fé – troféus de uma batalha sem vencidos; e naquela posição não hesitamos um momento sequer em adotar a conduta que o civismo nos impunha na hora suprema da revolução, abraçamos a República pela pátria. Somos e seremos, pois, republicanos, e pertencemos ao número dos que não creem na restauração da Monarquia, porque julgamos sociologicamente impossível regressar do 15 de Novembro ao passado (...). Este critério isenta-nos a pecha de hipócrita, não devemos parecer *suspeitos* aos olhos da misteriosa polícia que anda espiando à porta das consciências e farejando traições por todos os cantos. (...) Nós, que somos hoje uma voz independente no coro da imprensa, que não temos vínculos com partido algum; nós, que flutuamos isoladamente na corrente dos sucessos, sem outra orientação política além da que nos prescreve o sentimento do dever [não podemos] silenciar servilmente, medrosamente, a revolta do nosso espírito diante da flagrante deturpação do regime republicano, ontem proclamado. (...) Somos republicanos pela pátria, e pela pátria estamos em oposição à ditadura. Combatemos com as armas da opinião esse governo que ressuscitou o extinto poder pessoal (...). Tomado isto como um parêntesis, retomaremos o curso das nossas manifestações oposicionistas, na certeza de que o *Eco do Sul* não tem política, não faz política, nem jamais estará ao serviço de personalidades políticas. Independência absoluta.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 mar. 1890, a. 37, n. 63, p. 1.

Apesar dessa pretensa natureza apolítica, ao colocar-se em oposição ao governo, o diário rio-grandino retomou abertamente o debate de cunho político. A folha afirmava que “enquanto a nova República seguia a linha reta, impulsionada por uma política genuinamente republicana, dirigida por uma administração bem orientada e honesta”, o país andava em caminho ao progresso, mas quando os governantes abandonaram esta conduta e esquecendo o ideal da “verdadeira república”, a “moral política e a moral financeira desapareceram, agarradas uma a outra, como afogadas no golfão de escândalos”, trazendo “esta submersão trágica como consequência o irremediável descrédito de tudo quanto representava e constituía efetivamente a riqueza pública e particular” dos brasileiros<sup>10</sup>. O jornal anunciava “as mais sombrias apreensões sobre o futuro do país, que se queria a todo custo empobrecer à força de esbanjamentos e de insensatas ostentações”, graças às “prodigalidades do governo, ao parecer crente de que se perpetuaria na posse do poder e de que ninguém pediria contas dos seus desperdícios e dissipações”. Prenunciava também que teria grandes dificuldades o governo que viesse a substituir aquela “endrômina ditatorial”, para “organizar o verdadeiro regime republicano”<sup>11</sup>.

As censuras do periódico para com o Governo Provisório direcionavam-se mormente às medidas autoritárias adotadas pelo mesmo, como em relação às restrições impostas ao jornalismo, em março de 1890. Na opinião do jornal não

---

<sup>10</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 mar. 1890, a. 37, n. 65, p. 1.

<sup>11</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 mar. 1890, a. 37, n. 69, p. 1.

havia nada que justificasse o “ato ditatorial, porque a liberdade da imprensa era uma necessidade absoluta e incontestável”. Defendia que “sob o regime republicano”, que deveria ser o “regime da liberdade e da ordem, o jornalismo não poderia ser amordaçado, porque as suas opiniões francas e desapaixonadas” davam vida e granjeavam “crédito aos governos e as suas apreciações leais e judiciosas podiam corrigir muitos e graves erros, evitar muitos desastres e orientar e guiar o povo, que era de fato o soberano das nações”. Argumentando que “a liberdade de imprensa era mais útil que prejudicial aos governos”, a folha aceitava que se punisse “rigorosamente os que tentassem abalar a tranquilidade pública, mas não que se confundisse o abuso com o uso legítimo e prudente da liberdade”; e manifestava sua esperança de que o novo decreto restringisse “a sua ação aos que pregassem doutrinas evidentemente subversivas e que a imprensa continuasse a ter a liberdade que até então tinha gozado”<sup>12</sup>.

A postura oposicionista do *Eco* ficou ainda mais evidente com a contratação do jornalista João José Cezar para o cargo de redator. A partir de então a oposição do jornal não se direcionou apenas aos governantes na esfera federal, como também aos republicanos castilhistas que ganhavam força no cenário político regional. Nesse sentido, o jornal condenou veementemente as práticas exclusivistas, com as perseguições de natureza política, que passaram a orientar as atuações dos governantes republicanos, notadamente no contexto estadual. Denominando os castilhistas de “executivos”, a folha afirmava que, com aquelas práticas, “foram lançadas as bases de uma política de ódios, sendo

---

<sup>12</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 abr. 1890, a. 37, n. 76, p. 1.

o grande lema de combate a divisão da família rio-grandense, que, unida, seria um poder irresistível<sup>13</sup>. Explicava que o “15 de Novembro fora também conquista de muitos políticos do antigo regime”, de maneira que liberais e conservadores também “inflamaram-se de ardor cívico pela realização do grande feito da força armada da nação”, mas que, não levando isso em conta, os “executivos implantaram no poder o exclusivismo, promovendo toda a casta de perseguições contra os cidadãos – uns que sempre serviram à República, outros que sinceramente a aceitaram, por ela trabalhando com lealdade”<sup>14</sup>.

Diante do complexo quadro político sul-rio-grandense, marcado por constantes mudanças no Governo do Estado, o periódico recebeu com aplauso a escolha do antigo líder conservador Francisco da Silva Tavares para exercer aquela função, e encarou tal nomeação como a solução para os problemas criados pelos “executivos”. A folha explicava que a opinião pública “havia condenado o regime de violências posto em prática logo após o advento da República pelos homens que, na oposição, viveram a apregoar os sãos princípios da escola democrática”, ao passo que, enquanto no governo, constituíram “a negação absoluta destes mesmos princípios”, demonstrando “à sociedade que nenhum pregar tinham de administração e que a sua política era apenas caprichosa, odienta e sem intuições elevados”. Destacava, assim, que no “meio da desordem criada pelos executivos”, a escolha daquele político representava “a esperança de ver-se esta grande terra servida pelas luzes, pelos talentos e pela

---

<sup>13</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 maio 1890, a. 37, n. 103, p. 1.

<sup>14</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 maio 1890, a. 37, n. 108, p. 1.

abnegação” do “ilustre rio-grandense”, que “lavrou, em tempo, protesto contra os desmandos dos inauguradores, na República, da política reacionária, consciente, como estava, de que semelhante governo não poderia perdurar, por ser anti-patriótico”; e que promoveria “uma política de congraçamento, em oposição ao governo impopular que caíra condenado”<sup>15</sup>.

Com Silva Tavares no governo, o *Eco* anunciava o abandono de sua postura oposicionista, argumentando que adotara essa posição pela necessidade do rompimento contra aqueles que inauguraram um governo formado “não de ideias de paz entre uma só família”, mas de “ódios que tinham acumulado durante o período de oposição, não esquecendo nenhuma das individualidades que lhes ofereceram o combate franco e leal da imprensa livre”. O jornal comentava que assumira então um posto “de luta contra os que tão mal serviram à República, desvirtuando-a condenavelmente” e que lançaram mão “de todos os meios para aniquilar a oposição que de toda a parte se levantava contra o partidarismo exclusivista”. A folha acusava os “executivos” castilhistas pelas constantes perseguições à imprensa, denunciando os seguidos “chamados à polícia”, que eram impostos aos jornalistas; e destacava que ao novo governante não faltavam “merecimentos para restabelecer o regime legal, governando com a imprensa, que haveria de dar todo o apoio”, pois quase toda ela “estava em revolta, condenando o poder despótico dos perturbadores do trabalho da República”. O periódico conclamava os representantes dos extintos partidos imperiais a unirem-se em apoio a Silva Tavares, afirmando que “tinha

---

<sup>15</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 maio 1890, a. 37, n. 106, p. 1.

fé que os políticos dos antigos credos empenhariam o maior esforço em prol dessa obra patriótica, acercando-se do honrado rio-grandense que acabara de assumir posição de tanta importância”<sup>16</sup>.

Tendo em vista esse apoio, o diário rio-grandino divergiu abertamente da destituição de Silva Tavares, afirmando que nada “legitimava a campanha readora encetada” contra um indivíduo que governou “em nome da harmonia dos cidadãos republicanos de todas as origens, na tentativa patriótica de implantar um regime diametralmente oposto à divisão pelos ódios pessoais”. Declarava também que a “deposição pela força” era um “fato bem deplorável”, estando criada “uma situação embaraçosa para o Rio Grande, que já contava vítimas ensanguentadas entre os trabalhadores da República”, de modo que “a continuação de semelhantes cenas arrastaria a família rio-grandense aos maiores perigos”<sup>17</sup>. Na versão da folha, aquele ato dera a demonstração “mais cabal de que fora a força das baionetas que exautorara o chefe do Governo Provisório”, já que depusera “o funcionário por este investido dos direitos e dos deveres de administrar em nome dos princípios republicanos em conciliação”<sup>18</sup>.

Os “sucessos graves” denunciados a partir da queda do ex-líder conservador, levaram o jornal a criticar a instabilidade política no Rio Grande do Sul, que parecia “ingovernável”, atribuindo a culpa desse fato aos castilhistas, já que os rio-grandenses, “afeitos à liberdade”, queriam “a *República fraternidade e*

---

<sup>16</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 maio 1890, a. 37, n. 107, p. 1.

<sup>17</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 maio 1890, a. 37, n. 114, p. 1.

<sup>18</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 20 maio 1890, a. 37, n. 116, p. 1.

não a *República ódio*", não podendo aceitar os "inauguradores daquela situação, guiados por um homem cheio de ódios e de má índole", que "enveredavam por caminho escuso, atropelando direitos, desorganizando o serviço público e perseguindo os leais servidores da República", os quais estariam a revoltar-se "contra a deturpação do regime novo". Diante do "golpe" contra um governante considerado como legítimo, a folha cobrava providências ao governador recém-empossado, afirmando que desejava a paz, mas uma "paz castigadora dos que estavam fora das leis civilizadoras da democracia", cumprindo "reprimir os ímpetos de ferocidade dos desordeiros de 13 de Maio", pois, eliminando "esse elemento perturbador de sua vida laboriosa, o Rio Grande reencetaria as suas conquistas de povo livre e amante do progresso em todas as suas potentes manifestações"<sup>19</sup>.

Os ataques aos castilhistas intensificavam-se e o diário qualificava as atitudes destes como "política bastarda", que não tinha "intuitos patrióticos, não se inspirava no bem público e não era fiel às leis do código democrático"<sup>20</sup>. O *Eco* denominava a publicação dos republicanos, *A Federação*, de "órgão da desorientação", que seria o instrumento pelo qual "o chefe magno, o algoz dos princípios democráticos e a alma danada do PRR insuflava os ódios" e afagava "o plano de um governo moldado pelas práticas as mais condenáveis", que só poderia servir aos "seditiosos da doutrina", os quais "nunca tiveram o contato das massas populares". A folha incluía-se dentre os "republicanos conscientes

---

<sup>19</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 maio 1890, a. 37, n. 118, p. 1.

<sup>20</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jul. 1890, a. 37, n. 152, p. 1.

da responsabilidade do que se passava" e propunha que, "sem medo nem terror", todos combatesssem "a sangue frio os energúmenos felicitados com o poder"<sup>21</sup>. Júlio de Castilhos era descrito como um político que "pouco se importava com a honra" e que "se aconchegou ao poder ditatorial, esquecendo compromissos e desrespeitando os empenhos da sua palavra", trocando-a pela "ambição desvairada do mando", tendo vencido "pela astúcia, sem se importar com a dignidade política"<sup>22</sup>. Segundo o jornal, diante das "ambição" do "ditador do Rio Grande, o ideal democrático transformara-se em bandeira de retalhos incolores", pois o mesmo teria condenado os rio-grandenses a uma "política de ódios e exclusivismos" que arrastara o Estado "às maiores calamidades"<sup>23</sup>.

No primeiro aniversário da nova forma de governo, o diário rio-grandino manifestava sua decepção e previa o momento em que "os ambiciosos e os tiranos de qualquer ordem" acabariam por "ser fulminados pelo anátema das multidões", surgindo então, "límpida e serena, a imagem da verdadeira república"<sup>24</sup>. Já no início do ano seguinte, a folha destacava que as atitudes dos novos governantes serviram como "ponto de partida para todos os desastres, para todas as indisciplinas, para todos os crimes que se praticaram em nome da salvação pública". Explicava também que, "no doido afã de legislar, mas sem orientação exata e segura, a ditadura fizera um amontoado de leis, cada qual a mais disparatada", além do que "o nepotismo acentuara-se como norma de

<sup>21</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jul. 1890, a. 37, n. 154, p. 1.

<sup>22</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 ago. 1890, a. 37, n. 184, p. 2.

<sup>23</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 set. 1890, a. 37, n. 209, p. 1.

<sup>24</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1890, a. 37, n. 265, p. 1.

procedimento governamental". Segundo o jornal, dessa "horrorosa catástrofe de sentimentos e de opiniões" teriam se afastado "em tempo os mais leais servidores da República, entregando-a aos desatinos daqueles que em vão agitavam os membros da locomoção para fugir ao esmagamento das avalanches da condenação popular"<sup>25</sup>.

Na expressão da maioria de suas matérias de natureza, editorial, opinativa e noticiosa, o *Eco do Sul* manteve uma certa linha de conduta expressa a partir dos ditames da imprensa que se autodenominava como séria<sup>26</sup>. Ainda que tivesse calcado historicamente sua postura a partir de pronunciamentos políticos mais enérgicos, para manter a credibilidade junto aos leitores, e para garantir os interesses financeiros relacionados à venda de assinaturas e publicação de material publicitário, o periódico teve de criar certas regras de autocontrole, levando em conta "o uso das linguagens sérias, unívocas, os discursos consistentes e monolíticos". Entretanto, a exacerbação de ânimos típica dos primeiros tempos republicanos, permitiram ao jornal que houvesse a abertura de espaço para uma seção não-editorial, na qual era aberto o espaço para "as equívocidades de todo o gênero, a piada, o trocadilho, o humor, a poesia", e mesmo "os discursos ambíguos e até paradoxais"<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 1º jan. 1891, a. 38, n. 1, p. 1.

<sup>26</sup> Contextualização histórica e acerca do periódico *Eco do Sul* elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 23, 109-113 e 307-316.

<sup>27</sup> EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 125.

Tal seção denominou-se “Historietas” e se desenvolveu nas páginas do *Eco* desde o final de junho de 1890 até meados de dezembro do ano seguinte, envolvendo mais de quatrocentas inserções. O estudo das origens das Historietas, no segundo semestre de 1890 constitui o objetivo deste livro. Ao contrário da formação textual e discursiva das matérias editoriais que, por mais combativas que fossem, mantinham uma determinada linha de execução, as Historietas correspondiam a uma composição versejada de ferrenho teor satírico. Tal proposição chegava a aproximar tal seção de comportamento praticado comumente por representantes da pequena imprensa, como no caso do jornalismo satírico-humorístico e mesmo dos praticantes da pasquinagem. Tal formação discursiva abria a possibilidade de manifestar um olhar crítico que chegava a imiscuir o público com o privado<sup>28</sup>, bem como deixava aberto o caminho para os excessos de linguagem<sup>29</sup> e o uso de termos ricos em expressões contundentes e incontinências verbais<sup>30</sup>.

Seguindo um gênero satírico e humorístico, as Historietas traziam um conteúdo cujo escopo era o de ridicularizar ou zombar dos vícios e das pessoas, ou despertar o riso, podendo também, revestir-se de intuitos moralizantes objetivos ou apenas caricaturescos<sup>31</sup>. O próprio termo utilizado como título da

<sup>28</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 183, 188 e 194.

<sup>29</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993. p. 20.

<sup>30</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Antologia de humorismo e sátira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 3.

<sup>31</sup> TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

seção carregava alguma ambiguidade, pois historieta pode se referir a uma narrativa de fato pouco importante, a uma novela, ou ainda a um conto ou uma anedota. No caso dos versos publicados no *Eco do Sul*, tais concepções somavam-se à perspectiva de buscar constituir uma “pequena história”, ou seja, a expressão de uma visão e o estabelecimento de uma versão crítica acerca da sociedade brasileira, sul-rio-grandense e rio-grandina, nos primórdios da República. Esse olhar crítico também recaía sobre os costumes de então, mas tinham um alvo preferencial que era a vida política nacional e estadual, com a construção de um antagonismo exacerbado para com os governantes na esfera federal e, mormente, na regional, sustentando a linha oposicionista do *Eco do Sul*, no combate ao castilhismo.

Essa perspectiva de “pequenas histórias”, calcadas em uma óptica crítico-opinativa, irônica e satírica, ficava também evidenciada na escolha do pseudônimo adotado pelo escritor dos versos – *Cantu-Mirim*, em uma referência a um dos historiadores mais conhecidos mundialmente naquele final de século XIX. O italiano Césare Cantu nasceu em Brivio, Província de Como, em 1805, e faleceu em Milão, em 1895. Começou a trabalhar cedo, como professor, lecionando em Sôndrio, Como e Milão. Defendia ideais nacionalistas, que iriam acentuar-se em Milão, onde militou ao lado dos liberais, participando de agitações anti-austriácas, sofrendo perseguições e acabando por ser preso. No cárcere escreveu um romance histórico, publicado em 1836, considerado como um “grito de protesto contra os tiranos” e apontado como um dos livros mais populares da Itália. Entabulou diversos trabalhos que visavam a divulgar e a popularizar a flama patriótica da independência italiana e participou da onda

rebelde de 1848, tendo de exilar-se na Suíça e no Piemonte (Turim), onde continuou seu caminho profissional. Já nos anos setenta, com a formação do Reino da Itália, atuou como deputado por dez anos no Parlamento Nacional. Entre vários escritos como *Margarida Pusterla* e *História da Literatura Italiana*, sua obra mais conhecida foi a *História Universal* escrita em mais de trinta volumes, entre 1838 e 1846, e idealizada desde os momentos de sua primeira prisão. Em seis anos a *História Universal* já chegava a seis edições e foram pelo menos doze até a morte do autor, o que lhe renderia razoáveis dividendos<sup>32</sup>.

Césare Cantu considerava que se devia “estudar mais ciência nem tanto para enriquecer a mente de variados conhecimentos, quanto para torná-la mais ativa e livre”<sup>33</sup>. O escritor italiano definia a história como “a narração dos acontecimentos importantes, admitidos como verdadeiros, com o fim de obter do passado probabilidades para o futuro, no desenvolvimento da atividade espontânea do homem”. Para ele, a história constituía-se em um elemento essencial às sociedades, pois, “quanto mais a humanidade se adiante no seu caminho, tanto mais ela sente a imensa necessidade do verdadeiro, do belo e do bom, e nenhuma ciência satisfaz mais esta necessidade do que a história”. Segundo Cantu, a história tinha como função fundamental a de prestar lições para o futuro, uma vez que o homem poderia tirar “do passado a força necessária

---

<sup>32</sup> PICCAROLO, Antônio. Césare Cantu e a *História Universal*. In: CANTU, Césare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1946. v. 1, p. 5-12.; e PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura (biobibliográfico e cronológico)*. Barcelos: Portucalense Editora, 1934. p. 347.

<sup>33</sup> CANTU, Césare. *Attenzione! riflessi di un popolano*. Milão: Tipografia e Libreria Editrice Ditta Giacomo Agnelli, 1884. p. 342.

par se lançar no futuro, com tanta circunspecção e experiência, como perseverança enérgica e refletida”<sup>34</sup>.

O italiano Césare Cantu encontraria reconhecimento internacional a partir de sua obra prima e, se ele confeccionou uma gigantesca “História Universal”, o colaborador do *Eco do Sul*, utilizaria para subscrever seus poemas um pseudônimo que trazia consigo a fácil identificação com a figura do historiador, no caso para elaborar aquelas pequenas e críticas histórias. Não querendo atingir a grandeza do nome do personagem que o inspirou, bem como deixando evidenciado o tom jocoso que lançava sobre suas matérias, o articulista adotava uma denominação calcada em um termo de origem indígena que traz em si a noção de pequeno. Nascia assim, como autor das Historietas, o *Cantu-Mirim*.

O pseudônimo *Cantu-Mirim* correspondia ao jornalista e tipógrafo João José Cezar, cujos dados biográficos são bastante escassos, pois não há referências a ele na literatura especializada em temas biobibliográficos no contexto brasileiro e sul-rio-grandense. As poucas informações sobre sua vivência podem ser coletadas como verdadeiros fragmentos expressos em periódicos e publicações nas quais ele participou, os quais, em conjunto, possibilitam a formação de um mosaico que, embora com lacunas, traz alguma luz sobre a sua existência. Ele nasceu a 7 de setembro de 1849 e, muito jovem, com treze anos, já trabalhava como aprendiz nas oficinas do *Eco do Sul*. Também atuou na vizinha cidade de Pelotas e na capital gaúcha, onde serviu na

---

<sup>34</sup> CANTU, Césare. *História universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1946. v. 1, p. 19, 23 e 125.

redação e na oficina do órgão de divulgação do ideário republicano, *A Federação*. Desenvolveu outras atividades em Porto Alegre, até fundar e dirigir a *Folha da Tarde*. Foi um defensor do pensamento antimonárquico e militou junto dos republicanos rio-grandenses. Entretanto, à época da transição da Monarquia à República, rompeu com o castilhismo, compondo uma das primeiras levas de dissidentes republicanos. Como inimigo dos castilhistas sofreu forte perseguição dos governistas, voltando para a cidade do Rio Grande, para trabalhar na redação do *Eco do Sul*, oportunidade na qual passaria a escrever as Historietas<sup>35</sup>.

Os vínculos de J. J. Cezar com as atividades gráficas ficavam demarcados na sua participação no estabelecimento de um Grêmio Tipográfico, na fundação do qual ele atuava como presidente e colaborou no estabelecimento de seus estatutos<sup>36</sup>. Tal entidade tinha um escopo essencial ligado ao associativismo e ao mutualismo, elementos constitutivos fundamentais em uma época na qual não havia legislação de cunho trabalhista. A instituição constituía uma “sociedade benficiante e instrutiva, formada de compositores e impressores” e suas finalidades eram as de “socorrer a todos os seus membros, quando enfermos ou indigentes, e sem recursos para subsistência”; de “sustentar uma biblioteca, organizada com recursos independentes dos fundos destinados a auxílios”; de “estabelecer mútua proteção entre os associados, cuidando assim do seu bem-estar” e de “propugnar pelo engrandecimento da classe a que

---

<sup>35</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 abr. 1890, a. 37, n. 92, p. 1.; e 7 set. 1893, a. 40, n. 189, p. 2.

<sup>36</sup> ESTATUTOS DO GRÊMIO TIPOGRÁFICO. Pelotas: Tipografia da Livraria Americana, 1881.

pertencem seus membros", vindo a fundar, quando fosse possível, "uma escola para educação artística de crianças que queiram aprender a arte tipográfica". Lembrando a tenra idade que Cezar iniciaria suas atividades, a entidade esclarecia que seus sócios efetivos seriam "os tipógrafos maiores de 14 anos".

Os sócios do Grêmio deveriam "manter entre si a mais íntima fraternidade, tendo sempre em vista o engrandecimento da classe a que pertencem". Dentre seus direitos, estava o de participar dos trabalhos da instituição, "tratando de todos os assuntos referentes ao bem social ou de que depender qualquer benefício para os seus consócios"; bem como "de reclamar contra as faltas, injustiças ou abusos cometidos pela diretoria, seus membros ou consócios"; e "de receber os socorros estabelecidos". Cada um dos membros deveria "contribuir com a joia de cinco mil réis e a mensalidade de dois mil réis". A partir de tal arrecadação se formava um fundo que proporcionaria ao "sócio enfermo" uma diária de 500 réis, além de "médico e botica". Tal diária também seria destinada "ao sócio indigente", podendo ser ainda estendida ao sócio "com despesas superiores aos seus honorários" em casos de enfermidade na família. Também havia a previsão de auxílio no "caso de falecimento de um sócio ou de pessoa de sua família". A diretoria ainda deveria "prestar toda a coadjuvação ao sócio desempregado por motivo alheio à sua vontade", no sentido "de conseguir-lhe trabalho". Especificamente quanto à "criação da biblioteca", a direção da entidade deveria envidar "todos os seus esforços a seu alcance", vindo a dirigir ofícios para a "imprensa, pedindo a remessa de seus jornais"; as "repartições públicas, para obtenção de relatórios, estatísticas, etc."

os “corpos coletivos, solicitando estatutos, revistas e outras publicações”. Já a fundação da escola artística seria levada a efeito quando a entidade contasse “número suficiente de sócios e os fundos necessários para fazer face às despesas de sua sustentação”.

Após sua atuação na zona sul gaúcha, João José Cezar foi para Porto Alegre e, bem de acordo com suas convicções antimonárquicas, conseguiu um lugar no jornal *A Federação*, na mesma época em que o líder máximo do republicanismo sul-rio-grandense ocupava a função de diretor da redação do periódico. A proximidade com os republicanos ficava evidenciada em pequenos e grandes detalhes. Um deles esteve presente na lista de objetos doados para quermesse, organizada por Honorina de Castilhos, exatamente a esposa do diretor do jornal e principal liderança do PRR, para a qual Cezar, muito simbolicamente, doou um quadro alegórico representando Bento Gonçalves à frente do exército da República Rio-Grandense<sup>37</sup>. J. J. Cezar também seria um dos escritores designados para participar de páginas da *Federação* alusivas à efeméride da Revolução Farroupilha, na data do 20 de Setembro, demonstrando sua identificação com a causa e com a folha, pois, nessas ocasiões, era comum a reunião de intelectuais para divulgar/enaltecer o tema. No caso o assunto era bastante significativo para os republicanos, que viam nos farroupilhas seus antecessores na promoção do ideário antimonárquico. Em 1884, Cezar apresentou o texto “Vencido, não convencido!” e, no ano seguinte, trouxe uma nota informativa:

---

<sup>37</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 5 set. 1884, a. 1, n. 205, p. 1.

20 de setembro é o ponto de partida desta grande obra que, um ano depois, inaugurou no Rio Grande do Sul um sistema racional de governo – extinto após um decênio de lutas intemeras.

O *farrapo* obedecia a uma senha – pátria! pugnava por uma força – a democracia! tinha um ideal – a liberdade!

No início, a revolução puniu a ditadura do império; nos feitos, a república proclamou a justiça de uma causa; no malogro, o Rio Grande reivindicou dignidade tradicional.

O império venceu, mas não convenceu.

Nem convencerá!<sup>38</sup>

-----

Seguindo o exemplo dos rio-grandenses em São Paulo, os rio-grandenses no Rio de Janeiro acabam de fundar outro “Clube Vinte de Setembro”.

É a propaganda profícua que avança em nome do Rio Grande do Sul, das suas tradições, do culto imutável dos seus filhos pela verdadeira liberdade.

É um novo protesto pela honra do passado!<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 20 set. 1884, a. 1, n. 217, p. 1.

<sup>39</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 20 set. 1885, a. 2, n. 212, p. 2.





Alguns dados de cunho familiar de J. J. Cezar também se faziam presentes nos fragmentos expressos junto à imprensa periódica. Apontado como “conhecido e ilustrado jornalista”, em 1884, ele era casado e tinha dois filhos, Maria Telenia e João. Mais tarde, em 1888, viria a perder um filho recém-nascido, de nome Armando. Era cunhado de Antônio Joaquim Dias, personagem ligado às lides jornalísticas e literário-culturais, fundador do periódico literário *Arcádia*, na cidade do Rio Grande, proprietário do *Correio Mercantil* de Pelotas e fundador da Biblioteca Pública Pelotense<sup>40</sup>. Por outro lado, era identificado como um auxiliar de primeira ordem no jornal *A Federação* e um membro ativo do movimento republicano gaúcho. Chegou a ser apresentado como “companheiro de redação” e “companheiro de trabalho” do periódico republicano<sup>41</sup>. Na mesma linha, empreendia viagens junto de lideranças republicanas como Ramiro Barcelos e Ernesto Alves<sup>42</sup>, além de ter representado *A Federação* e o Clube Republicano de Porto Alegre em solenidades, como funerais<sup>43</sup>.

Na época em que trabalhava na *Federação*, se fez presente também na condição de pesquisador e escritor, como ao colaborar com o *Anuário da*

---

<sup>40</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 7 nov. 1884, a. 1, n. 257, p. 2.; 21 nov. 1884, a. 1, n. 269, p. 1.; 8 mar. 1886, a. 3, n. 55, p. 1.; 31 mar. 1886, a. 3, n. 73, p. 1.; e 21 maio 1888, a. 5, n. 114, p. 3.

<sup>41</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 21 nov. 1884, a. 1, n. 269, p. 1; 8 mar. 1886, a. 3, n. 55, p. 1; e 31 mar. 1886, a. 3, n. 73, p. 1.

<sup>42</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 1º dez. 1884, a. 1, n. 277, p. 2.

<sup>43</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 1º maio 1886, a. 3, n. 98, p. 1; e 21 maio 1886, a. 3, n. 115, p. 1.

*Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1885*<sup>44</sup>. Na ocasião não deixaria de lado seu tema de trabalho, apresentando o artigo “Notas sobre a imprensa do Rio Grande do Sul”, um levantamento quantitativo quanto aos periódicos que circulavam no contexto rio-grandense-do-sul no ano de 1884, classificados por cidade e identificados quanto à postura político-partidária. A respeito de sua pesquisa, esclarecia que, “como trabalho estatístico, embora sem nenhum valor, estas linhas não deixam de ter o seu *que de histórico*”, surgindo “às vezes particularidades” em sua composição, demarcando que tal explicação deveria servir “de prevenção contra más apreciações que por acaso sejam feitas sobre esta colaboração destinada ao *Anuário*”.

Na narrativa de Cesar, apareciam algumas indicações de cunho autobiográfico, como ao referir-se à *Federação*, trecho em que identificava o corpo redacional e de colaboradores da folha, citando que, entre eles, estava “em último lugar o autor desta despretensiosa estatística”. Revelava ao longo do texto, outro tópico de natureza pessoal, pois, embora não tenha feito referência ao início de sua carreira ao apresentar o jornal *Eco do Sul*, na descrição do periódico *Artista*, também rio-grandino, identificava que fora compositor da folha Numa Pompílio Cesar, morto aos 14 anos de idade, explicitando que poderia “parecer simples demais esta particularidade”, desculpando-se, por tratar-se de “uma homenagem de amor fraternal”. Ao encerrar o artigo, definia

---

<sup>44</sup> CEZAR, João José. Notas sobre a imprensa do Rio Grande do Sul. In: *Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1885*. Porto Alegre: Editores Gundlach & Cia., Livreiros, 1884. p. 188-200.

que “o único interesse” que tinha naquelas “notas” era o de “apresentar um trabalho o mais completo possível”, de modo que pedia “aos diretores de todos os jornais da província que se dignem enviar-me quaisquer informações a respeito, retificando pontos que forem inexatos”. Desse modo, ficaria “muito grato aos colegas que me honrarem com suas notícias, a fim de habilitarem-me a melhorar este – simples ensaio estatístico”.

Ao final de 1886, o jornalista viria a deixar *A Federação*, em uma saída que ficou marcada pela concórdia e coleguismo, pois a redação da folha ressaltou o papel de Cezar na execução de serviços redacionais e tipográficos. Além da questão profissional, ele era identificado como próximo e sectário das ideias defendidas pelo periódico, uma vez que foi apresentado como “companheiro, amigo e correligionário”:

Deixou de ser nosso companheiro de trabalhos nesta folha o nosso amigo e correligionário João José Cezar, em quem a *Federação* contava um talentoso, dedicado e ativo auxiliar, como redator do seu noticiário e como administrador das suas oficinas tipográficas.

Sentindo a retirada do bom e laborioso companheiro, que trabalhava inteligentemente ao nosso lado desde a fundação desta folha, agradecemos os bons serviços que nos prestou durante três anos e desejamo-lhe completo sucesso nos labores a que vai dedicar-se.

O nosso amigo estabeleceu uma agência de trabalhos tipográficos e litográficos, incumbindo-se de executar todas as obras desse gênero que forem confiadas à sua perícia profissional.

Da sua capacidade técnica oferecem o mais favorável testemunho os trabalhos executados sob a sua hábil direção nas oficinas da *Federação*.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 21 dez. 1886, a. 3, n. 290, p. 1.

A partir do afastamento da *Federação*, Cezar lançou-se em uma nova empreitada, dedicando-se às lides com as quais trabalhava desde a juventude, dedicando-se a uma tarefa a qual esteve vinculado por aproximadamente um quarto de século:

Agência de anúncios e trabalhos tipográficos e litográficos em Porto Alegre, estabelecida e dirigida por J. J. Cezar, Rua dos Andradas, 313 (provisoriamente), endereço telegráfico: Elzevir.

Contrata: anúncios e mais publicações para as folhas desta capital, para as de qualquer ponto da província, do império e da Europa, dispondo já de alguns correspondentes.

Aceita: encomendas de todo e qualquer trabalho tipográfico ou litográfico, desde o mais simples cartão de visita até o mais grosso volume, assegurando impressão nítida, excelente material e revisão caprichosa.

A prática de mais de 25 anos na direção de diversos estabelecimentos tipográficos – parece uma recomendação ao diretor da agência, desde que reconheçam um pouco de inteligência, honestidade e muito zelo pelos serviços de que se encarrega.

A empresa e a redação da *Federação*, nesta capital, podem oferecer a respeito valioso testemunho.<sup>46</sup>

Pouco depois, o jornalista/tipógrafo iria lançar-se em novo empreendimento, de modo que mais uma vez era *A Federação* que anunciava a “inauguração do *Café High-life*, nome que tomou o *Café Brasil*, passando à propriedade do cidadão João José Cezar”. O periódico detalhava que “a transformação que sofreu esse estabelecimento não foi só no nome”, pois, “o

---

<sup>46</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 21 dez. 1886, a. 3, n. 290, p. 3.; e 22 abr. 1887, a. 4, n. 90, p. 6.

gênio infatigável do novo proprietário, como os frequentadores" viriam a ter "ocasião de apreciar, acentuou o seu cunho no *High-life*, transformando-o em uma casa confortável e completa em seu gênero". Destacava ainda que "a imprensa da capital foi convidada a fazer-se representar na festa inaugural, a qual não faltará, com certeza, concorrência e animação", garantindo a redação da folha republicana que aceitava e agradecia "a amabilidade do convite"<sup>47</sup>. O café era atividade concomitante com a agência de serviços gráficos e, como tal empresa, tinha uma localização nobre na capital rio-grandense, ficando ambos na Rua dos Andradas<sup>48</sup>.

Na mesma época, J. J. Cezar fundou um novo periódico, *A Folha da Tarde*, com circulação bissemanal, prometendo levar ao público "uma leitura útil, amena e instrutiva"<sup>49</sup>. No frontispício da publicação, ele aparecia como diretor, atuando na redação e no gerenciamento das atividades. Até então, eram mantidas as relações de companheirismo e cordialidade com os seguidores de Júlio de Castilhos, tanto que continuava presente nas páginas da *Federação*, como ao ser apresentado na condição de "colega de imprensa", o qual participou das comemorações pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, organizadas em Porto Alegre pelo Centro Abolicionista, que promoveu "imponente manifestação de regozijo"<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 19 mar. 1887, a. 4, n. 64, p. 6.

<sup>48</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 7 maio 1887, a. 4, n. 103, p. 2.

<sup>49</sup> O SÉCULO. Porto Alegre, 24 dez. 1887, a. 8, n. 360, p. 1.

<sup>50</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 15 maio 1888, a. 5, n. 110, p. 2.



*A Federação* também chamava atenção para a participação do “colega” João José Cezar, “da *Folha da Tarde*”, que discursou na tribuna de “reunião popular”, promovida pela “mocidade”, contando com grande número “de jovens estudantes e cidadãos de várias classes sociais”. O tema “predominante” dos “entusiásticos” pronunciamentos era a República, de modo que “os oradores concitaram a mocidade a atentar para o movimento que” se operava “na sociedade brasileira, em prol da salvação da pátria”<sup>51</sup>. O periódico porto-alegrense voltou a apresentá-lo como “colega da imprensa”, com participação ativa na festa comemorativa do primeiro aniversário da União Operária, atuando como “orador oficial” e vindo a concitar “os operários a unirem-se em torno da bandeira da associação para conquistarem o lugar” que teriam “direito na comunhão social”<sup>52</sup>. O mesmo jornal informou que Cezar também se fez presente na comissão referente ao 2º Distrito da União Republicana, visando à qualificação de eleitores republicanos<sup>53</sup>.

Na época em que atuava como diretor de periódico na capital gaúcha, em 1888, Cezar organizou uma coletânea, intitulada *Contrabando oficial*, reunindo os artigos publicados pelo órgão bissemanal *Folha da Tarde*, constituindo um “livro oferecido às praças de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande e mandado imprimir por iniciativa do comércio importador da capital da província”<sup>54</sup>. A contracapa da publicação servia para que J. J. Cezar fizesse propaganda da

<sup>51</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 8 jul. 1889, a. 6, n. 153, p. 2.

<sup>52</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 22 jul. 1889, a. 6, n. 165, p. 2.

<sup>53</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 14 ago. 1889, a. 6, n. 185, p. 2.

<sup>54</sup> CEZAR, João José (dir.). *Contrabando oficial*. Porto Alegre: *Folha da Tarde*, 1888.

assinatura da *Folha da Tarde* e destacasse que continuava atuando na prestação de serviços gráficos, explicitando que a oficina do periódico se prontificava a realizar “toda a classe de trabalhos tipográficos, litográficos e de gravura”, assim como aceitava “a edição de qualquer livro”. A obra contava com uma apresentação da lavra do jornalista, intitulada “Ao comércio lícito”:

De posse de informações minuciosas sobre o grande escândalo do contrabando pela fronteira, estudei-as durante algum tempo, procurando saber qual o seu grau de veracidade.

Muito se tinha dito em relação a essa pasmosa imoralidade, sendo raro o dia em que qualquer folha da província não inseria em suas colunas alguma notícia tratando da introdução ilícita, em um ou outro ponto da fronteira, de mercadorias vindas das Repúblicas do Prata; mas tudo isso se dizia vagamente, sem que se precisasse o *processo empregado* pelos contrabandistas *oficiais* e *comerciais*.

Não raras vezes tive ocasião de escrever, em diversos órgãos de publicidade, sobre o contrabando, consciente, como todos nesta província, de que ele se fazia com o maior descaro. A grande questão, porém, era *por o dedo em cima da coisa*, era desfazer perante o público toda essa meada de patifarias sem nome que, vindo de longe, continuam a embaraçar as transações do comércio honrado da província, ameaçando-o com a bancarrota.

Foi o que consegui, graças ao precioso cabedal que me foi oferecido.

Na época em que esteve à frente da *Folha da Tarde* se daria o rompimento de J. J. Cesar com o castilhismo. Pelas páginas do periódico ele acabaria por manifestar-se contrariamente às autoridades governamentais e, como foi típico dos primeiros tempos republicanos, sofreu perseguições motivadas por tal postura. Iniciava-se ali a adesão do jornalista à dissidência republicana, pois,

mesmo que fosse um adepto histórico do republicanismo, ousara discordar da liderança máxima do PRR, fator que, inevitavelmente levava à ruptura em relação ao exclusivismo castilhista. Nessa linha, *A Federação* viria a publicar um furioso editorial denominado “Chamado à polícia”, desancando contra Cezar, em clara tentativa de menosprezar o papel que ele exercera junto ao movimento republicano e ao próprio periódico governista, que não poupou adjetivações pejorativas para desqualificar o novo inimigo:

J. J. Cezar mantinha nesta cidade um jornal – a *Folha da Tarde* – espécie de barraquinha de feira, onde eram explorados e forjados escândalos.

Odiente e audacioso, contando com a impunidade, esse indivíduo, nos últimos tempos, excedera-se de moto notável na sua linguagem.

Os dois últimos números do seu jornal, que o público terá ainda na memória, eram um desafio à autoridade, um acervo de calúnias e injúrias.

Uma tal linguagem, se o seu autor continuasse impune, traria como consequência irremediável o desprestígio da autoridade.

Ora a autoridade republicana não está por forma alguma resolvida a deixar-se desmoralizar por quem quer que seja.

*A Folha da Tarde*, papeluco insignificante, órgão dos maus sentimentos do seu redator, não é um jornal, é um instrumento de desordem.

Desmoralizar a autoridade pública é inabilitá-la para o cumprimento do dever; e mal andaria a autoridade republicana se se deixasse desprestigar.

No intuito de fazer com que J. J. Cezar não continuasse sua obra de difamação e desordem, o Dr. chefe de polícia, de acordo com o marechal governador, mandou conduzir à sua presença este indivíduo e intimou-o a não continuar com a insolência de linguagem, que era a nota da sua folha, e a não se ocupar de assuntos militares, alarmando o espírito dos oficiais com as últimas ordens de recolherem-se os arregimentados a seus corpos, sob pena de tomar providências imediatas.

J. J. Cezar retirou-se com a intimação e, por um ato perfeitamente acorde com o seu caráter, declarou que tinha sido intimado a fechar a sua barraquinha de feira.

Neste sentido, passou um telegrama para a Capital Federal, que foi subscrito também pela *Reforma, Jornal do Comércio e Mercantil*.

O telegrama é este: "Redator *Folha da Tarde* intimado polícia não acusar governador e secretário deste Estado. Ameaça cadeia. Imprensa, solidária, pede providências."

J. J. Cezar não foi intimado a não continuar a acusar, nem estava acusando, estava caluniando, injuriando e violando uma ordem expressa do Governo Provisório.

A intimação que lhe foi feita foi para que não prosseguisse no terreno da calúnia e da injúria, que a autoridade não permitirá a quem quer que seja.

Não se trata de um jornalista, trata-se de um indivíduo que inventou uma folha para aterrarr pela insolência, de um inimigo da autoridade que quer lançar o descrédito sobre ela.

A liberdade de imprensa nada tem que ver com a covardia de permitir a exploração de uma indústria ignóbil.

-----

Os jornais que se tornaram solidários com a *Folha da Tarde* fizeram-no por espírito de oposição.

Se a *Folha da Tarde* cessou, foi à míngua de recursos, não foi em virtude de intimação da autoridade.

O último número dela foi gratuitamente impresso nas oficinas da *Reforma*, e o gerente desta empresa declarou ao governador do Estado que não estava disposto a fazê-lo mais.

Apareceu um pretexto e o proprietário do jornal falido agarrou-se a ele e diz que cessou a publicação da sua folha porque a autoridade não lhe permite continuar.

A *Reforma* de ontem vem, em nome da liberdade de imprensa, profligando o procedimento da autoridade que nem ao menos é julgado tal com foi.

Alega que J. J. Cezar colaborou ao nosso lado nesta folha, e que é um republicano antigo, que ao sair desta folha fundou uma a qual deu o caráter doutrinário.

É verdade que J. J. Cezar exerceu na *Federação*, durante algum tempo, uma função secundária: foi noticiarista e revisor desta folha, mais nada.

Nunca teve autoridade alguma aqui, nem parte alguma na direção da folha.

Na doutrina exposta pela *Federação* não há nada escrito por esse indivíduo.

Mas o que também é verdade é que, saindo daqui, constitui-se um inimigo da República e que levou todo o tempo oferecendo-se aos liberais, como principalmente vê-se dos números do seu jornal correspondentes à última fase da monarquia.

Não é personalizando questões que são de moralidade e ordem pública, que o órgão liberal há de conseguir provar que J. J. Cezar é um jornalista.

Ele não exercia o direito de crítica, caluniava; não julgava, injuriava com insolência e ostentação.

Entre a sua respeitabilidade e J. J. Cezar, a autoridade tinha a escolher.

Preferiu conservar-se enérgica e digna, eis tudo.

Nesta fase excepcional a autoridade não tem o direito de ser benévolas com os desordeiros, quaisquer que sejam.<sup>55</sup>

Pouco depois, *A Federação* publicava a nota “Exibição de autógrafo”, informando que J. J. Cezar fizera “intimar o impressor desta folha a fim de exibir em juízo o original do artigo inserto no editorial desta folha sob o título ‘Chamado à polícia’”. Destacava ainda que a audiência já estava marcada, sem deixar de, antecipadamente, declarar “que o autor desse artigo, o nosso companheiro Dr. Ernesto Alves, se apresentará em tempo”<sup>56</sup>. Os antigos aliados transformaram-se em figadais adversários, e João José Cezar, que fora apontado como “colega, companheiro, amigo e correligionário”, por ousar praticar a discordância, foi alocado no rol do inimigo político, em um rápido esquecimento de um passado bastante recente.

---

<sup>55</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 10 mar. 1890, a. 7, n. 57, p. 1.

<sup>56</sup> A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 13 mar. 1890, a. 7, n. 60, p. 1.

Diante das dificuldades que se antepunham na capital gaúcha, J. J. Cezar decidiu voltar à sua cidade natal, para atuar no periódico no qual iniciara sua carreira nas lides tipográficas. No *Eco do Sul*, publicaria o editorial "No mesmo posto", realizando um breve histórico de sua carreira, notadamente em suas origens na cidade do Rio Grande, destacava a sua versão para os atos coercitivos com os quais sofrera e enfatizava sua postura de "franco oposicionista" ao regime que se afirmava no Rio Grande do Sul:

Há vinte e oito anos que fiz a minha aprendizagem artística nas oficinas do *Eco do Sul*.

Eram então redatores desta folha, em posto efetivo, Pedro Bernardino de Moura, Carlos Augusto Lage (já falecidos) e Carlos de Koseritz, o jornalista intemerato, que é um Hércules a bater-se, dia a dia, por este apostolado incruento que tantos sacrifícios impõe.

E venho hoje, sob o peso de uma responsabilidade que não sei como medir, enfrentar com as glórias colhidas por lutadores de tanta valia – graças à gentileza de um moço que tão bem tem compreendido os deveres e tão bem palpado as dificuldades da imprensa diária.

E venho substituir Rocha Gallo, como se ele – o forte, o abnegado, o herói – pudesse ser substituído por uma individualidade jornalística, como eu, de tão medíocre investidura...

Que me perdoe a velha cidade onde nasci, o arrojo da empresa, certa, porém, de que hei de servi-la – aos seus interesses, às suas aspirações, à reivindicação dos seus foros de terra de primeira grandeza – com a lealdade característica dos seus filhos, ainda os mais humildes.

-----

De volta às lides do jornalismo, tenho como primeiro dever a manifestação do meu reconhecimento para com a imprensa de todo o país, principalmente a do Rio Grande, a qual soube manter-se dignamente ante a violência de que fui vítima por parte dos governantes deste Estado – um caos em política e em administração.

Fui forçado a suspender, em Porto Alegre, a *Folha da Tarde*, por não poder revoltar-me, com eficácia, contra o regime pretoriano que nos aflige.

E a imprensa independente e honesta colocou-se ao meu lado, não desmentindo a solidariedade que espero há de existir inalterável.

Devo-lhe por isso gratidão sem limites, o que assegura a minha atitude de perfeita cordialidade com todos os ilustres, especialmente os do Rio Grande.

-----  
Dado o fato da prepotência e tendo o *Eco do Sul* a posição elevada dos primeiros no combate pela solidariedade jornalística, é claro que me sinto a gosto para a continuação de franco oposicionista aos que fizeram do Rio Grande uma terra de vencidos e vencedores.

Hei de afrontá-los com a coragem, com a convicção de sempre, tendo por ideal supremo a organização da República Federal.

Todos os brasileiros, todos os cidadãos são chamados pelo patriotismo a este trabalho nobilitante, e se o concurso dos pequenos não deve ser desprezado, o dos grandes, o dos filhos beneméritos é imprescindível, porque eles estão radicados na opinião, que lhes assinala os serviços inolvidáveis.

A política de ódios só pode ser esposada pelos que temem o prestígio dos verdadeiros lutadores da grandeza moral, intelectual e material deste abençoado torrão, que não esquecerá jamais os seus filhos ilustres!

Por maior que seja a gratidão dos brasileiros em face da gloriosa conquista de 15 de Novembro, esse sentimento não impedirá que eles castiguem com valentia e seriedade os atos dos que estão desvirtuando tão assombroso feito histórico.

Nas próprias prescrições do Governo Provisório, nessa lei de imprensa tão retocada e tão sofística – está determinada a crítica severa aos que se distanciam do dever cívico.

Manterei, portanto, aqui o mesmo posto, identificado com os princípios da escola política que sempre servi e identificando-me com a marcha dada, nos últimos tempos, a este antigo órgão de publicidade.

-----  
Reconhecendo, como reconheço, as cruezas que se me apresentam para desempenhar tarefa de tanta importância, nesta folha, ilustrada pelos melhores jornalistas, confio na generosidade deste público hospitaleiro e bom.

Se corresponder aos seus desejos, não terei desmentido a confiança do meu distinto conterrâneo, o amigo Alfredo Rodrigues de Oliveira<sup>57</sup>.

A presença de J. J. Cezar em meio ao jornalismo rio-grandino despertou reações, com foi o caso da folha caricata *Bisturi* que, após um apoio inicial aos novos detentores do poder, com a mudança na forma de governo, dava os primeiros passos para colocar-se na oposição ao autoritarismo governamental. Nesse sentido, o semanário saudava a chegada de Cezar e colocava-se ao seu lado diante das perseguições sofridas:

A um tão pujante combatente nas lutas da publicidade rio-grandense, o *Bisturi*, de *casaca e clac*, de barba feita, colarinho em pé, vem-lhe render as suas homenagens sinceras pelo seu regresso à terra natal.

A independência das suas opiniões, a rigidez de seus princípios sãos e nobres e ultimamente a atitude sobranceira, que soube manter brilhantemente nas conjunturas amargurosas por que passou em Porto Alegre (se por ventura o não conhecêssemos de outras tenazes lutas e sempre gloriosas) nos davam agora, a medida da sua estatura na imprensa.

Um aperto de mão.<sup>58</sup>

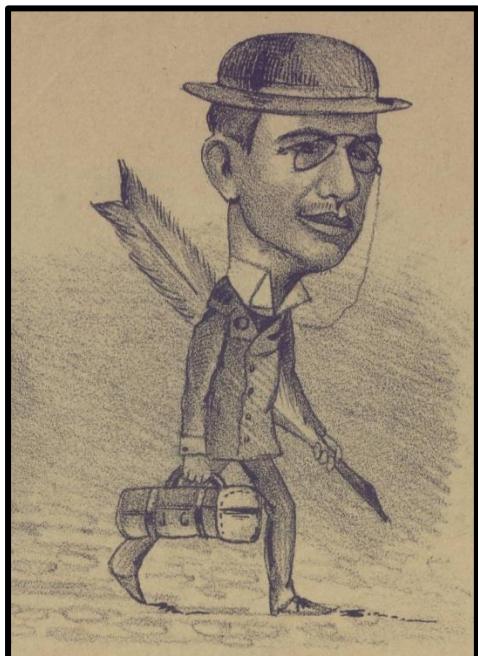
A partir de seu ingresso no *Eco do Sul*, Cezar se afirmaria como voz de oposição e resistência ao castilhismo, movendo editorias de profundo combate. A partir do final de junho de 1890 traria uma nova estratégia no ataque aos

---

<sup>57</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 abr. 1890, a. 37, n. 92, p. 1.

<sup>58</sup> BISTURI. Rio Grande, 4 maio 1890, a. 3, n. 19, p. 3.

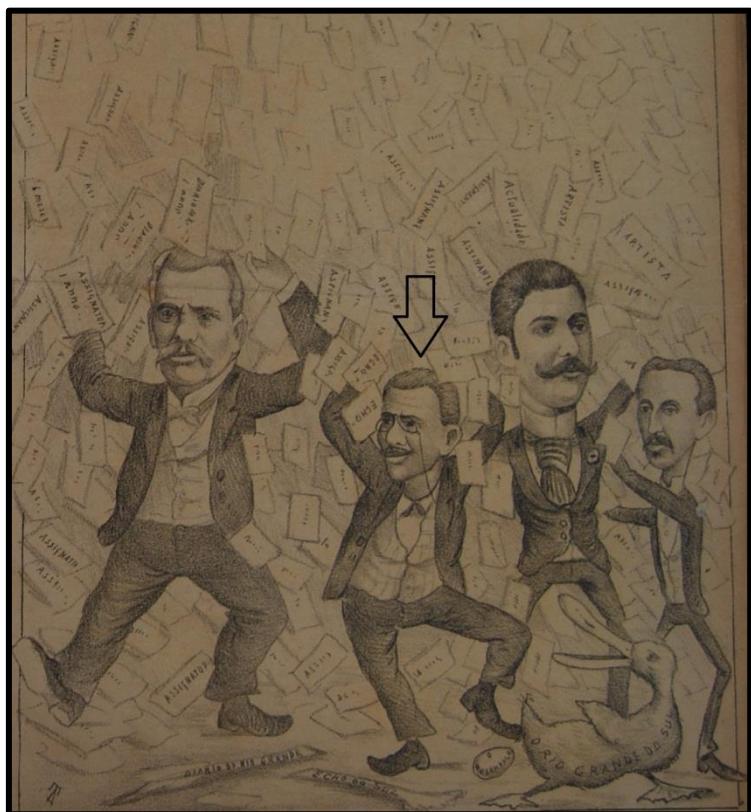
governistas, promovendo a edição das Historietas que seriam publicadas de modo quase que ininterrupto por praticamente um ano e meio, batendo forte em Júlio de Castilhos e seus agentes políticos. Em novembro de 1891, a queda dos castilhistas do poder foi vista por J. J. Cezar como uma vitória definitiva, de modo que as Historietas deixaram de ser publicadas em várias edições, tendo em vista as ausências do jornalista da cidade do Rio Grande, retomando-as em seu retorno, como mostrou o *Bisturi*, ao saudar o “simpático e prezadíssimo colega”, que voltava de viagem à capital federal<sup>59</sup>.



As inserções das Historietas rareavam cada vez mais, até que viriam a desaparecer, com mais de quatrocentas edições, em dezembro de 1891. A partir da nova situação política, com a ascensão das forças antecastilhistas, e os dissidentes republicanos em destaque, J. J. Cezar obteve um cargo público e, após breve período tentando conciliar as funções redacionais com a nova ocupação, acabaria observando a incompatibilidade entre ambas, vindo a deixar a redação do *Eco*. O afastamento dos castilhistas duraria pouco e eles retomariam o

<sup>59</sup> BISTURI. Rio Grande, 21 fev. 1892, a. 16, n. 9, p. 2.

poder em meados de 1892. João José Cezar, perdendo seu cargo, voltou à redação do *Eco do Sul* no segundo semestre daquele ano, permanecendo até os primeiros meses do ano seguinte. Esse retorno foi observado pelo semanário ilustrado e humorístico *Bisturi*, ao saudar a chegada do ano novo, desejando que ele fosse marcado pela renovação de assinaturas, mostrando os redatores das folhas rio-grandinas, satisfeitos sob uma chuva de papéis que representavam a conquista de novos favorecedores e, dentre eles, estava J. J. Cezar.



Os ódios e paixões partidárias estavam chegando ao auge, com o prenúncio da guerra civil chegando cada vez mais às raias da efetivação. O jornalismo recrudescia como uma das armas de combate, entretanto, as autoridades governamentais adotavam atitudes crescentemente coercitivas, passando as ameaças e perseguições a tornarem-se um lugar comum na vida dos escritores públicos. O hebdomadário caricato rio-grandino *Bisturi* denunciou esse cerceamento à liberdade de expressão, mostrando os diversos redatores dos periódicos citadinos agrilhoados ao chão e com as mãos amarradas para trás, em sinal da repressão sofrida. Cada um deles tinha uma pena, como símbolo de sua profissão, representando o órgão ao qual pertencia. O primeiro deles, à esquerda, identificado com o *Eco do Sul*, era J. J. Cezar. A folha ilustrada lembrava que o texto constitucional garantia que era “livre a manifestação do pensamento pela imprensa, ou pela tribuna, sem dependência de censura, respondendo cada um pelos abusos que cometer”, mas que a lei maior não vinha sendo respeitada, de modo que “por ordem *del Goviernador* fica proibida a imprensa de dar quaisquer notícias com referência à revolução”, ou seja, “mais uma vez a Constituição [era] desrespeitada” e “a imprensa desta localidade acaba de ser amordaçada”, concluindo com ironia: “Viva a liberdade”<sup>60</sup>.

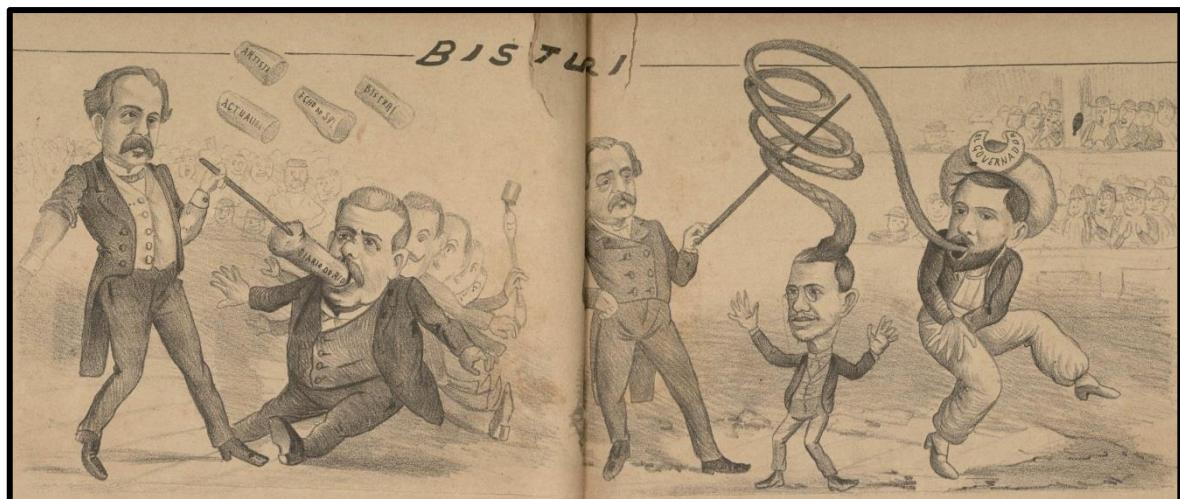
---

<sup>60</sup> BISTURI. Rio Grande, 19 fev. 1893, a. 16, n. 22, p. 1 e 4.



As atitudes persecutórias recrudesciam com veemência e Cesar era um dos alvos preferenciais. Tamanha repressão obrigou-o a afastar-se mais uma vez de sua cidade natal. Como em um primeiro momento não havia notícias de seu paradeiro, boatos surgiram a seu respeito e o *Bisturi* imaginava um destino funesto para ele, tanto que mostrou um prestidigitador que se apresentava no Rio Grande, conferindo a ele a única possibilidade de realizar um “trabalho difícil e assombroso”, vinculado a “arrancar a rolha da imprensa”, em referência à falta de liberdade de expressão. O semanário humorístico não deixava de lembrar o companheiro cuja localização era desconhecida, destacando que era “tal a habilidade” do mágico, que também iria “arrancar do ventre do governador deste estado, o valente jornalista J. J. Cesar, que desapareceu desta cidade”. No desenho, Júlio de Castilhos era representado com um turbante, em alusão ao autoritarismo, ao passo que o escritor público era retirado de suas entranhas,

expelido a partir de uma língua em formato de serpente, como simbologia da maldade considerada inerente ao governante<sup>61</sup>.



Meses depois, ficaria esclarecido o mistério do desaparecimento de J. J. Cezar. Ela não tivera apenas de deixar a cidade em que nasceu e desenvolvia seu trabalho, vendo-se obrigado, a partir da opressão governamental, a abandonar até mesmo o Rio Grande do Sul. Por ocasião de seu quadragésimo quarto aniversário, a redação do *Eco do Sul* saudava “o inteligente e amestrado jornalista”, que passara a residir no Rio de Janeiro, vindo a ser “um dos coproprietários e redator da *Crônica*”. O periódico rio-grandino esclarecia que Cezar se vira na obrigação não só de afastar-se do emprego, como da própria

<sup>61</sup> BISTURI. Rio Grande, 19 mar. 1893, a. 16, n. 22, p. 1 e 4.

família, descrevendo que, “distante do meio onde nasceu e do lar que constituiu, as alegrias que o aniversário daquele amigo” deveria despertar, ficavam “intercaladas de saudades da terra natal, o Rio Grande, e da prole que idolatra, a qual reside nesta cidade”<sup>62</sup>.

Mais tarde, viria a retornar ao Rio Grande do Sul e continuaria a militar no jornalismo. Na virada do século XIX para a centúria seguinte, permanecia ativo na vida cultural gaúcha, como ao proferir a palestra “A maçonaria e a mulher”, na cidade de Porto Alegre<sup>63</sup>. Voltou a residir no Rio Grande e as perseguições políticas também permaneceram, como referenciava o *Eco do Sul*, ao enfatizar que estivera “sob a pressão de uma ameaça policial o nosso colega J. J. Cezar, que, avisado a tempo, retirou-se para Pelotas, pelo trem da tarde”. A folha diária rio-grandina descrevia ainda que “a residência daquele conhecido jornalista esteve guardada pela polícia”, concluindo ao excluir: “A que situação chegamos!...”<sup>64</sup>.

Apesar da política coercitiva governamental, J. J. Cezar manteve através das páginas do *Eco do Sul*, sua postura de aberta oposição ao castilhismo, ao redigir tanto os editoriais quanto as seções noticiosas. Em ambas, apesar do caráter ferrenho dos pronunciamentos, havia a necessidade de manter os parâmetros da imprensa dita séria e, foi por meio das Historietas que o jornalista

---

<sup>62</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 set. 1893, a. 40, n. 189, p. 2.

<sup>63</sup> CEZAR, João José. *A maçonaria e a mulher – conferência*. Porto Alegre: Tipografia Marconi, 1901.

<sup>64</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jun. 1903, a. 49, n. 130, p. 2.

encontrou espaço para extravasar um discurso ainda mais contundente e com forte teor satírico na luta empreendida contra os inimigos castilhistas. A primeira Historieta foi publicada em 27 de junho de 1890, estendendo-se ininterruptamente até o encerramento deste ano, com o número 157, acompanhando as edições do jornal, com sua tradicional folga semanal e o respeito aos feriados.

A numeração das Historietas foi marcada por algarismos romanos até a centésima edição, quando a opção passou a recair sobre os arábicos e, ao longo deles, houve alguns erros gráficos de numeração, com supressão ou repetição de números. Durante essa primeira etapa correspondente ao ano de 1890, em termos de versificação, o escritor manteve as quadras, trazendo por vezes apenas o poemeto e, em outras, um breve texto para contextualização ou um título. A ampla maioria das Historietas foi alocada na segunda página, embora algumas tenham sido inseridas na primeira. Além do teor satírico, irônico e chistoso, a forma de redigir trazia certas liberdades, como o uso proposital de grafias erradas, tentativas de criação de neologismos que acabariam por não ser incorporados aos conteúdos dicionarísticos, erros gramaticais forçados e mesmo a inserção de idiomas estrangeiros, por vezes utilizados de maneira macarrônica.

Além de anunciar seu intento com as Historietas, na primeira edição, Cezar aproveitava os números redondos para saudar a continuidade da seção, o que poderia ser interpretado com uma certa popularidade que aquele estilo estaria produzindo. Utilizando-se do tom jocoso desde o início, na primeira

inserção, o jornalista dizia: “Faço hoje a minha estreia/ e aos meus amáveis leitores/ tenho muito que contar”/ de modo que prometia: “Contarei todos os dias/ uma historietinha,/ em versos, mas não capengas,/ em cadência afinadinha”. E completava: “Prometo contar-vos tudo/ em quatro quadras por dia,/ marcando o compasso certo/ e respeitando a harmonia”<sup>65</sup>. Já ao chegar à quinquagésima edição, *Cantu-Mirim* comemorava: “Celebro hoje entre galas/ o meu meio centenário./ Faço festa civilmente,/ sem presença do vigário.// Conto hoje nada menos/ de cinquenta *historietas*,/ zurzindo sempre sem dó/ da Moral todos grilhetas”<sup>66</sup>.

O centésimo número das Historietas foi também motivo de celebração para J. J. Cezar, que sugeria uma boa aceitação do público leitor em relação à seção, destacando que “Na ponta, as *Historietas*/ festejam o seu centenário!/ Eu peço palmas e bravos,/ deste esplêndido cenário!”. O tom bem humorado permanecia, nas estrofes em que o jornalista afirmava que, no caso dos leitores não quererem dedicar-lhe palmas, poderiam recompensá-lo com o envio de petiscos ou vinhos. Mais uma vez saudando o seu público, *Cantu-Mirim* concluía que: “Em honra ao grande sucesso,/ me porei hoje taful,/ para receber toda a gente/ que lê o *Eco do Sul*”<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jun. 1890, a. 37, n. 147, p. 2.

<sup>66</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 ago. 1890, a. 37, n. 194, p. 1.

<sup>67</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 out. 1890, a. 37, n. 244, p. 2.

## Echo do Sul

# HISTORIÉTAS

C (100 !)

Na ponta, as *Historiétas*  
festejam o seu centenario !  
Eu peço palmas e bravos,  
d'este esplendido scenario !

Se não quizerem dar palmas,  
nem bravos quizerem dar,  
mande-me quaesquer petiscos  
que sejam de mastigar.

Tambem aceito bons vinhos,  
d'esses que são generosos.  
Outros liquidos podem vir,  
porém que sejam gostosos.

Em honra ao grande successo,  
me porei hoje taful,  
p'ra receber toda a gente  
que lê o *Echo do Sul*.

*Cantu-Mirim*

As ácidas críticas de *Cantu-Mirim* tinham um amplo espectro, não poupando indivíduos ou autoridades públicas, como procuradores, fiscais e delegados, além do fato de ter na ação policial um de seus principais alvos. Nem mesmo os colegas jornalistas escapavam, pois, por vezes fazia uma espécie de revista dos jornais, escolhendo detalhes de informes estapafúrdios ou erros gráficos, que mudavam o sentido de notas e notícias, tudo servindo como um mote fundamental à óptica bem-humorada e a uma espécie de crítica interna no seio do periodismo. As Historietas traziam em si também uma crítica de costumes bem demarcada, relacionadas, por exemplo, às diferenças nas faixas etárias de casais e ao papel da mulher na sociedade, ou mesmo a cenas da rotina quotidiana, como liquidações em lojas, modas, usos e costumes, a vida teatral e deslocamentos até a estação balnear.

O cerne das Historietas ficava encravado na crítica de natureza política, de modo que seu conteúdo acompanhava *pari passu* os acontecimentos da vida nacional e regional, realizando ferrenhas censuras quanto a desmandos e erros político-administrativos, com a insistência na perspectiva de que os governistas não tinham quadros qualificados para ocupar as diversas posições que compunham o aparelho do Estado, tanto na esfera federal, quanto na estadual e na municipal. Nessa linha, não poupava adjetivos desqualificativos aos adversários declarados ou em potencial. Por vezes atacava abertamente, sem artifícios para apresentar seu alvo, como no caso do Governo Provisório, com o marechal Deodoro da Fonseca à frente. Em outros momentos, utilizava-se de

estratégias como errar a grafia ou mudar propositadamente o gênero dos nomes, para menosprezar os inimigos, como no caso de “Maurícia” e “Cardosa”. O governador Cândido José da Costa, que comandou o Rio Grande do Sul entre maio de 1890 e março de 1891, foi tratado por várias alcunhas, entre elas o diminutivo “Costinha”, que buscava menoscabar o personagem e sua ação. O antigo companheiro de republicanismo de J. J. Cezar, que depois viria a detratá-lo, Ernesto Alves, foi chamado de “Ernestão”.

Bem demarcando sua postura de dissidente republicano, a qual ia ao encontro do posicionamento do *Eco do Sul*, o mais figadal inimigo atacado por meio das Historietas foi Júlio Prates de Castilhos, seus sectários e seu modelo político. Dessa maneira, o castilhismo era apontado como sinônimo de ditadura, tirania e despotismo, vindo a ser denominado constantemente de regime *castilhano*, um jogo de palavras entre o nome do líder do PRR e a expressão castelhano, como uma designação de estrangeiro ou, mais precisamente, a possíveis adeptos oriundos da fronteira platina. Os castilhistas eram chamados também de executivos, jacobinada, em relação ao radicalismo, tristes e patotas, em alusão aos desmandos político-administrativos em causa própria, que estariam cometendo, e pica-paus, denominação que se consolidaria para os governistas, a partir da deflagração da guerra civil em 1893.

Mesmo nos momentos em que a liderança republicana era tratada pelo próprio nome, havia a subtração da letra final de Júlio de Castilhos, permanecendo a denominação “Castilho”. Entretanto, o tratamento mais difundido ao longo das Historietas em relação a tal personagem foi a alcunha de

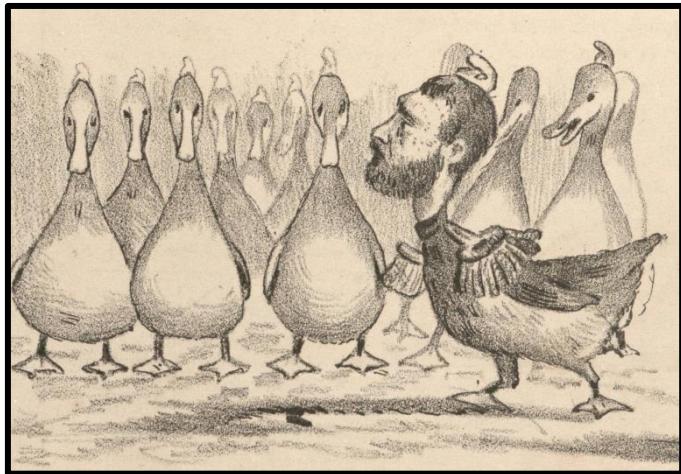
“pato”. A intenção era claramente a de aviltar o adversário, uma vez que o uso da expressão vinculada à ave palmípede estava calcada no linguajar mais popular, de modo pejorativo, ou seja, o pato se referia ao indivíduo simplório ou a outros adjetivos similares ou mesmo a sinônimos tais como paspalho, tolo, pacóvio, idiota e bobo. Além disso, coincidência ou não, “Pato” era o apelido de Castilhos em sua adolescência<sup>68</sup>.

Em tal perspectiva, outro periódico antecastilhista que circulava na cidade do Rio Grande, o caricato *Bisturi* também se utilizou largamente da figura de um pato, para referir-se a Castilhos. A primeira inserção de tal representação deu-se no mesmo mês em que iniciavam as Historietas, mostrando Júlio de Castilhos como um ser misto, meio antropomórfico, meio zoomórfico, com cabeça humana e corpo de palmípede, que estaria sendo recebido pelos seus correligionários, estes também em representação zoomórfica, na forma de marrecos. Todos utilizavam o barrete frígio, símbolo do republicanismo e, no caso do Rio Grande do Sul, do exclusivismo republicano castilhista. A figura que representava Castilhos usava também as dragonas militares, referência ao autoritarismo do político. A legenda era carregada de ironia: “A *marrecada republicana* fez uma recepção estrondosa ao *pato* Castilhos”<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. A evolução da imprensa gaúcha e o *Correio do Povo*. In: *Revista do IHGRGS*, n. 131, 1995, p. 36.

<sup>69</sup> BISTURI. Rio Grande, 1º jun. 1890, a. 3, n. 24, p. 4.



Coube assim a Júlio de Castilhos um protagonismo em meio aos versos das Historietas, envolvido nas mais variadas circunstâncias, sempre no sentido do desprezá-lo, depreciá-lo e desonrá-lo. Nesse sentido, em oportunidade na qual *Cantu-Mirim* ridicularizava a possibilidade de um assalto no prédio da alfândega, com mobilização das autoridades públicas, para no fim descobrir que os ruídos no prédio advinham da presença de um gato, não deixando de haver a referência à perspectiva de que poderia ser a “obra do *pato*”<sup>70</sup>. Em outro momento, o *pato* era propositadamente confundido com um cavalo<sup>71</sup> e Cesar fez alusão à possível origem do apelido daquele líder político, destacando: “Eu passo a contar-vos hoje/ por que é que o chamam *pato*,/ animal de lindas penas/ e que

<sup>70</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 1º jul. 1890, a. 37, n. 150, p. 2.

<sup>71</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 jul. 1890, a. 37, n. 151, p. 2.

tem o bico chato./ O caso é da academia,/ (O pato decapitado!)/ Preso em flagrante delito,/ levou um trote danado!"<sup>72</sup>.

Outra Historieta se referia a "um patudo, enorme *pato*?"<sup>73</sup>. Ao passo que, em outra oportunidade, para na cobertura de uma greve, anunciava-se o envio de um repórter à Lagoa dos Patos<sup>74</sup>, o que, a princípio poderia não parecer uma provocação, entretanto, viria a complementação, detalhando que, naquele local a reportagem encontrara "aves com bicos chatos, grasnando como em pavor", vindo a saudar "o chefe dos patos, numa horrorosa ovação"<sup>75</sup>. Ao noticiar a campanha do órgão castilhista, *A Federação*, pela candidatura de Deodoro, Cezar qualificava o *pato* como um "eterno *cara-dura*"<sup>76</sup>. Com um falseado pundonor, havia várias indicações de "uma beijoca" dada por um político no "pato Castilhos"<sup>77</sup>. O caráter autoritário do líder republicano foi também comparado ao de um monarca, um califa ou um paxá, vindo a ser chamado de "egrégio *mandachuva*" e "dono das nossas serras, das montanhas e dos matos, dos mares, dos arrecifes e da Lagoa dos Patos"<sup>78</sup>. Castilhos era também apresentado como "o feroz, o grande *pato*"<sup>79</sup>.

---

<sup>72</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jul. 1890, a. 37, n. 152, p. 2.

<sup>73</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 4 jul. 1890, a. 37, n. 153, p. 2.

<sup>74</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jul. 1890, a. 37, n. 154, p. 2.

<sup>75</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jul. 1890, a. 37, n. 155, p. 2.

<sup>76</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 jul. 1890, a. 37, n. 162, p. 2.

<sup>77</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jul. 1890, a. 37, n. 163, p. 2.; 16 set. 1890, a. 37, n. 215, p. 2.; e 28 set. 1890, a. 37, n. 226, p. 2.

<sup>78</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 jul. 1890, a. 37, n. 168, p. 2.

<sup>79</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 ago. 1890, a. 37, n. 187, p. 2.

Os poemetas vaticinavam ainda “um momento imprevisto”, em que “houve uma cena de horror” para o chefe castilhista, “quando o *pato* se expandia, de bico aberto, em raivor”, bicando e arranhando “com as unhas ferinas”. Castilhos estaria acometido pelo gogo, não podendo “mais grasnar” e estando “a estrebuchar”, diante do que “choravam os fiéis a perda do osso”, até que um deles gritava “eureka”, descobrindo que se tratava de “uma pena no pescoço”<sup>80</sup>. Em outra ocasião, Cezar perguntava se “depenado está o *pato*”, vindo a responder: “palavra que custa a crer”<sup>81</sup>. Quanto ao excesso de gastos públicos, denunciava que os seguidores do castilhismo tinham recebido “ordens do *pato* para gastar forte *cobreira*”<sup>82</sup>. Ao chegar a edição de número cinquenta, *Cantu-Mirim* preferia comemorar e, por tal motivo, estaria naquele dia descansando “em paz, a panelinha do *pato*”<sup>83</sup>. Em relação às estratégias do castilhismo, que seriam carregadas de esperteza, a sessão jornalística afirmava que “o *pato* lhes passa a perna, deixando-os todos mamados”<sup>84</sup>. Castilhos era ainda comparado a um “senhor da feitoria”<sup>85</sup>.

*Cantu-Mirim* chegou a insinuar que se lançaria candidato, anunciando: “o meu programa é bem curto: depenar tudo que é *pato!*”<sup>86</sup>. Já em outra edição, dizia estar em um bazar de bugigangas, onde teria encontrado uma lembrança, “para

---

<sup>80</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 ago. 1890, a. 37, n. 188, p. 2.

<sup>81</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 ago. 1890, a. 37, n. 190, p. 2.

<sup>82</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 ago. 1890, a. 37, n. 193, p. 1.

<sup>83</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 ago. 1890, a. 37, n. 194, p. 1.

<sup>84</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 ago. 1890, a. 37, n. 201, p. 1.

<sup>85</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 set. 1890, a. 37, n. 211, p. 1.

<sup>86</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 set. 1890, a. 37, n. 212, p. 2.

servir aos *pica-paus*", na qual se encontrava "embalsamado, no centro, medonho *pato*"<sup>87</sup>. Analisava também um artigo jornalístico, afirmando que lera "com paciência o que o *pato Castilho*" escrevera "como artigo de fundilho", descrevendo que "o bicho dá manotaços e salta como um potrancos", utilizando-se de "linguagem torpe" de "feroz aventureiro", despertando tanta oposição, a qual evidenciaria que "o pobre *pato*, engasgado, já vive de boca aberta", e, "à força de o esporearem, já não dá carreira certa"<sup>88</sup>. Na denúncia quanto a interesses escusos da "patota" que compunha o castilhismo, buscava evidenciar que "o *pato* tem aquilo com que se compram os melões", em clara alusão às verbas públicas<sup>89</sup>. O tom jocoso se repetia na promessa de um almoço ao autor das Historietas, demarcando que o menu seria composto de petiscos como "uns *patos* de bico aberto e *pica-paus* recheados"<sup>90</sup>.

J. J. Cezar, por meio de seu *alter ego*, considerava que Júlio de Castilhos pecava pela bazófia, enfatizando que, ao considerar-se "puritano", o "pato" lançava "uma prosápia sem conta"<sup>91</sup>. Também dizia que "os *tristes*, pobre coitados, *pica-paus*, tatibitate" viviam enfrentando crises, diante das quais, "com medo do sarilho, varou o Guaíba o *pato*", fugindo "aflito, grasnando, espalmando na água os pés, pois sabia que lhe davam por detrás dois pontapés"<sup>92</sup>. Ao referir-

---

<sup>87</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 4 out. 1890, a. 37, n. 231, p. 2.

<sup>88</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 out. 1890, a. 37, n. 231, p. 1.

<sup>89</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 out. 1890, a. 37, n. 234, p. 2.

<sup>90</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 out. 1890, a. 37, n. 238, p. 2.

<sup>91</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 out. 1890, a. 37, n. 245, p. 2.

<sup>92</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 out. 1890, a. 37, n. 248, p. 1.

se às atrações de um restaurante, declarava chistosamente que “a grande sensação da festa” seria um “prato que está na ponta – pato-gago com arroz”<sup>93</sup>. Em outra edição, apontava para o “despotismo” da “política *castelhana*”, menosprezando as adesões interesseiras “pelo *pato* conquistadas”<sup>94</sup>. Um poemeto carregado de ironia chamou o líder republicano de “o escrupuloso”, para depois afirmar que ele se revelava “tão mauzinho”, mesmo que alguns o considerassem “um pombinho”, esclarecendo que havia um Júlio “feroz” e outro “Dom Juan”<sup>95</sup>. A insinuação de malversação do dinheiro público era expressa pela declaração de que para consolar um político “de tantas decepções, o *pato* deu-lhe, para o bonde, uns tantos pobres tostões”<sup>96</sup>. Sobre a corrupção castilhista, destacava que os “pica-paus” não largariam os cargos, “quer governe gente ou bicho, quer seja governo um *pato*”<sup>97</sup>.

Em outro ataque à *Federação*, uma Historieta fazia graça com o custo do desenho das armas nacionais oferecidas pelo periódico situacionista, demarcando que parecia “brincadeira que custe assim tão barato o quadro que está exposto no escritório do *pato*”<sup>98</sup>. Ainda no que tange aos símbolos nacionais, se referia a uma suposta alteração na bandeira, sugerindo que nela fosse retirado o globo e colocado no centro “voando um pato de bico aberto”<sup>99</sup>. Nessa

---

<sup>93</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 out. 1890, a. 37, n. 251, p. 2.

<sup>94</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 nov. 1890, a. 37, n. 255, p. 2.

<sup>95</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1890, a. 37, n. 258, p. 2.

<sup>96</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 nov. 1890, a. 37, n. 259, p. 2.

<sup>97</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 nov. 1890, a. 37, n. 262, p. 2.

<sup>98</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 nov. 1890, a. 37, n. 264, p. 2.

<sup>99</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1890, a. 37, n. 265, p. 1.

demarcada oposição ao castilhismo chegou a ser anunciada jocosamente uma “exposição *Cantu-Mirim*”, na qual a maior atração seria um “tipo desconhecido em toda a raça animal”, ou seja, “um palmípede enfurecido, com instintos de chacal”, com o destaque que a visita valeria a pena, para ver o “monstro retratado”, de modo que todo aquele que o contemplasse ficaria “horrorizado”<sup>100</sup>. Os castilhistas seriam chamados de “bicharia”, “tristes da triste seita” e “pica-paus” que ficavam grasnando “aos pés do *pato*”<sup>101</sup>. Na mesma linha, em relação a um candidato de cunho governista, previa que ele poderia contar “com os votos todos da *bicharia* e do *pato*”<sup>102</sup>.

No sentido de desmentir notícias publicadas pela imprensa situacionista de que a recepção a um dissidente republicano fora de pouca expressão, Cezar acusava que “grande peta prega a folha, que serve apenas ao *pato*” e à sua “súcia dos patoteiros”<sup>103</sup>. Em relação à constante busca de obtenção de privilégios de exploração de parte do governo federal, o jornalista dizia que um dissidente viria a desejar apenas um privilégio, que seria receber o *pato*, quando morto, em álcool ter, para conserva”<sup>104</sup>. Júlio de Castilhos aparecia ainda como um “*pato danado*”, com poder de “chefe mau”<sup>105</sup> e, retornando ao cardápio de um restaurante, o principal pedido seria “assado, o *pato* coberto de limão feito em

---

<sup>100</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 18 nov. 1890, a. 37, n. 267, p. 2.

<sup>101</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 nov. 1890, a. 37, n. 274, p. 2.

<sup>102</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 nov. 1890, a. 37, n. 275, p. 2.

<sup>103</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 dez. 1890, a. 37, n. 280, p. 2.

<sup>104</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1890, a. 37, n. 289, p. 2.

<sup>105</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 dez. 1890, a. 37, n. 294, p. 2.

rodelas”<sup>106</sup>. O final de 1890 era saudado por *Cantu-Mirim*, dando graças por sumir-se “para sempre o ano fatal, danado”, que deixava “tantos males”, desejando que naquele período de tempo que se encerrava ficasse esquecido “o *pato audaz, o terrível castilhano*”<sup>107</sup>.

Por meio das Historietas, *Cantu-Mirim* buscava, através da sátira, levar ao público uma versão crítica da situação reinante no Brasil e, fundamentalmente, no Rio Grande do Sul. O espírito dissidente do articulista levava-o a ser um dos mais ferrenhos inimigos de Júlio de Castilhos, ao defender que a ascensão de tal líder trouxera uma época em que “o mal se esparrama, entre os espasmos de dor, plantando nas almas boas as contorções do terror”, diante da qual cabia ao jornalista o combate em defesa de um povo que já não falava, só gemia<sup>108</sup>. J. J. Cezar utilizava-se dos poemetas para fazer oposição, esclarecendo que, estava na “moda fazer versos”, atitude que virara verdadeira “mania”, não importando se o verso era “zarolho ou capenga”, desde que se prosseguisse “a perlenga”. Diante disso, por meio das Historietas, o articulista versejava para combater os inimigos, pois, como afirmava, “chega o verso a fazer guerra”<sup>109</sup>.

---

<sup>106</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 dez. 1890, a. 37, n. 296, p. 1.

<sup>107</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 31 dez. 1890, a. 37, n. 303, p. 1.

<sup>108</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jul. 1890, a. 37, n. 175, p. 2.

<sup>109</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 ago. 1890, a. 37, n. 180, p. 2.



# **AS HISTORIETAS EM 1890**

## HISTORIETAS

### I

Faço hoje a minha estreia  
na falta do Aguiar,  
e aos meus amáveis leitores  
tenho muito que contar.

Contarei todos os dias  
uma historietazinha,  
em versos, mas não capengas,  
em cadência afinadinha.

A rima hoje anda à toa,  
porque aí qualquer garoto  
faz versos sandaicos, crendo  
que poesia é arroto.

Prometo contar-vos tudo  
em quatro quadras por dia,  
marcando o compasso certo  
e respeitando a harmonia.<sup>110</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>110</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jun. 1890, a. 37, n. 147, p. 2.

## HISTORIETAS

### II

É de força, muita força  
aquele procurador,  
que, no Norte, só procura  
dar ao cargo alto valor.

"Eu *convidado-o* para vir  
*pagá* o que *tá* devendo,  
*Pelo* que, eu já *le* aviso,  
o cofre aqui *tá* gemendo."

E continua o ofício:  
"Da lei é *comfermidade*."  
Concluindo com a chapa:  
"Saúde e *faternidade*!"

É de força, muita força  
um *procurado assi*!  
Não me enganas, velhacote,  
só procuras... para ti.<sup>111</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>111</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 jun. 1890, a. 37, n. 148, p. 2.

## HISTORIETAS

### III

Na sessão do júri, anteontem, a promotoria pública leu a acusação, escrita em tiras de papel. Disse-lhe a defesa que o discurso, assim parecia artigo de gazeta.

Ora essa! então cessou  
a lei que rege a matéria?  
Pode quem a representa  
não tê-la mais como séria?

Ler o discurso, em tirinhas,  
em vez de fazê-lo à língua,  
é provar que vive já  
de toda oratória à míngua.

Foi por isso que a defesa,  
tendo ocasião propícia,  
pareceu ver na perlenga  
um artigo para *Maurícia*.

Revela isto também  
uns certos mexeriquinhos  
de Dom Solano em viagem...  
Eticætera e tal... pontinhos!<sup>112</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>112</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 jun. 1890, a. 37, n. 149, p. 1.

## HISTORIETAS

### IV

A propósito do suposto roubo na alfândega, do aparato legal e do gato que ocasionou todo o barulho.

De noite, já tarde era,  
foi a cidade alarmada:  
– Há ladrões dentro da alfândega!  
– Foi a alfândega arrombada!

Disse o Mena, e disse o Freitas,  
e correu tudo em tropel:  
o inspetor e a polícia,  
toda a tropa do quartel.

Foi cercado o edifício  
(Da culpa ninguém isento).  
E mexeu-se, e remexeu-se...  
Era terrível o momento!

Já se falava em revolta,  
Diziam: "é obra do *pato*!"  
Afinal... *estropelias*  
De que era autor – um gato!<sup>113</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>113</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 1º jul. 1890, a. 37, n. 150, p. 2.

## HISTORIETAS

### V

Comunica um telegrama do Rio: –  
“Ocasião partida *pato*, clube ofereceu  
cavalo *Sirius*, puro francês, cinco contos.  
Seguiram.”

Vê-se, pelo telegrama,  
que na festa entre os delírios  
tomaram passagem juntos  
*pato* e também o *Sirius*.

Mas o caso, sendo sério,  
deve alguém vir explicá-lo:  
– Virá o *pato* de a pé  
ou virá de a *cavalo*?

Dizem uns que vem a dois,  
outros que a quatro é quem vem.  
E nessa lida, entre partes,  
Já não se entende ninguém.

Cá por mim posso dizer-vos  
(visto tratar-se de um potro)  
que ao chegar nesta cidade  
vem um ao lado do outro...<sup>114</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>114</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 jul. 1890, a. 37, n. 151, p. 2.

## HISTORIETAS

### VI

Eu passo a contar-vos hoje  
por que é que o chamam *pato*,  
animal de lindas penas  
e que tem o bico chato.

O caso é da academia,  
dos tempos do *patação*,  
do *ceroula*, o *pai da gente*,  
do *jangada*, o *Ernestão*.

Cedendo aos instintos pífios  
da sua gaga fereza,  
cevou-os, sem ter em vista  
as leis da *ana-terezza*.

E foi visto no momento  
(O *pato decapitado!*)  
Preso em flagrante delito,  
levou um trote danado!<sup>115</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>115</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 jul. 1890, a. 37, n. 152, p. 2.

## HISTORIETAS VII

Afinal, ei-lo entre nós,  
podendo afinal dizer,  
como César, que chegou,  
viu... e há de vencer.

Com ele chegou o *Sirius*,  
bela estampa de animal!  
E já dizem os competentes  
que outro não há igual!

Mas o caso agora é outro,  
e outra a oportunidade,  
e disso se ocupa aflita  
a nossa bela cidade.

Perguntam: como é possível,  
sendo bichinho tão chato,  
passar a perna no *Sirius*  
um patudo, enorme *pato*?<sup>116</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>116</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 4 jul. 1890, a. 37, n. 153, p. 2.

## HISTORIETAS

### VIII

A *greve* que, no momento,  
reclama toda atenção,  
estimulou à revolta  
as aves de arribação

Diz-se, com toda cautela,  
que outra *greve* vai haver.  
Indagou a reportagem,  
mas nada pode colher.

Por muito indagar soubemos  
que a *greve* aqui não é:  
Da *greve* só tem notícia  
a gente do *Aimoré*.

Prevenidos ante o caso,  
para contar bem os fatos  
já mandamos um *repórter*  
para a Lagoa dos Patos.<sup>117</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>117</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jul. 1890, a. 37, n. 154, p. 2.

## HISTORIETAS

### X

Já falou a reportagem,  
de bordo do *Aimoré*.  
Um reboliço danado,  
que trouxe tudo num pé!

“Ao chegar às belas águas  
da lagoa colossal,  
o vapor viu-se coberto  
por nuvem descomunal

de aves com bicos chatos,  
grasnando como em pavor.  
O comandante, assustado,  
Mandou parar o vapor!

E a pataria, berrando,  
em forma de canto-chão,  
saudou o chefe dos patos,  
numa horrorosa ovação!”<sup>118</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>118</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jul. 1890, a. 37, n. 155, p. 2. Não há Historieta com o número IX.

## HISTORIETAS

### XI

Caímos todos das nuvens,  
foi grande a decepção!  
Inda dura a ditadura,  
não temos Constituição!

Isto é – tendo, não temos,  
temos lei só no papel.  
Continua a governar-nos  
a confusão de Babel.

É lei, porém não regula;  
lei-brinquedo, caçoaada;  
lei só feita para ingleses  
verem... que lei de *maçada*!

Razão teve, até de sobra,  
o nosso governador:  
“tudo voltou aos seus eixos”,  
aos eixos do dissabor...<sup>119</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>119</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 jul. 1890, a. 37, n. 156, p. 2.

## HISTORIETAS XII

*Montevidéu, 19 – O general Rodriguez foi  
hoje preso por ter afetado não  
cumprimentar o presidente da República  
(Agência Havas)*

Caramelos! mire usted!  
Es mui poco generoso  
un presidente que asi  
se muestra tan receloso.

¿Entonces porque Rodriguez  
no quitó su sombrerito,  
es causa para um arresto,  
una prision sin delicto?

Mire usted com atencion  
mi caro señor Herrera:  
la falta de cumplimiento  
es cosa de frioleira!

Pero yo quedo afigido,  
Em ascuas quedo, señor...  
Puede hacerme misma broma  
Castillo, el governador...<sup>120</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>120</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 jul. 1890, a. 37, n. 157, p. 2.

## HISTORIETAS

### XIII

O decreto de 15 de dezembro dispensa a declaração por parte dos que aceitaram a nacionalidade brasileira; a Constituição marca o prazo de sete anos para a elegibilidade dos que aderirem à mesma nacionalidade.

Essa é boa, e muito boa,  
é boa até de doer:  
os que já são brasileiros  
estrangeiros têm de ser!

Mas como pode o governo  
marcar prazo para a eleição,  
se a lei primeira, a lei sábia  
dispensa a declaração?

Se contradiz essa gente,  
já não dá carreira certa;  
mostrando até que não sabe  
onde o sapato lhe aperta.

Dizer sim e dizer não,  
ser Sansão e filisteus,

é acender uma vela  
ao diabo e outra a Deus.<sup>121</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>121</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jul. 1890, a. 37, n. 158, p. 2.

## HISTORIETAS

### XIV

Às vezes com Janos mexes,  
de Onan gentinha danada,  
pensando, caros bobeches,  
que Jano é para a caçada.

Foi leal e hospitaleiro,  
quando Saturno, fugido,  
recorreu dele ao dinheiro,  
por ser de Jove vencido.

Tendo Jano duas caras,  
olhando as coisas futuras,  
olha o passado, onde raras  
não são as ruins figuras.

No passadovê mistérios,  
das falcatrugas a mina...  
Deixem Jano para os mais sérios,  
vão cuidar... de sua sina.<sup>122</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>122</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jul. 1890, a. 37, n. 159, p. 2.

## HISTORIETAS XV

Dizem que o dever é honra,  
sendo brio o pagamento;  
quem não paga é caloteiro,  
mostra até descaramento.

Quem quebra, fica quebrado!  
quem rouba, roubado fica.  
Mas há gente que, roubando,  
arma aos credores tal trica,

que os transforma em devedores,  
fazendo-os perder o sizo.  
Essa classe é proclamada  
a quem tem muito juízo!

– Pedir emprego o que é?  
– Isso é coisa muito feia...  
Coisa boa, nestes tempos,  
É viver à custa alheia!<sup>123</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>123</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 jul. 1890, a. 37, n. 160, p. 2.

## HISTORIETAS XVI

Já não sabem ler os tristes,  
vivem treslendo, coitados!  
Pois meteu-se-lhes nos cascos  
que era aqui mencionados!

Era a coisa com a *Gazeta*  
*de Notícias*, federal,  
onde é chefe o Araújo,  
um gorducho sem igual.

E pensaram os pobrezinhos  
que o *Lúcifer* recortava  
para regalo dos bobeches!  
Era só o que faltava!...

Descanse, que com vocês  
só se conversa a troçar.  
Faz lembrar a opereta:  
"Sai, sujo! Vai te catar!"<sup>124</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>124</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 jul. 1890, a. 37, n. 161, p. 2.

## HISTORIETAS XVII

Telegrama do governador aos presidentes das juntas municipais: "Comunico a V. que a *Federação* escreveu hoje um bom artigo, recomendando a candidatura Deo-Doro."

Ora, seu Costa, palavra  
que esta *sorte* é muito *bruta*.  
Deveras do seu raminho  
não restara nenhuma fruta?

Muitos jornais escreveram  
artigos nesse sentido,  
e nenhum teve a fortuna  
devê-lo assim *convertido*,

Por que é que se comove  
por essa candidatura,  
você que ao *pato* chamava  
o eterno *cara-dura*?

Olhe, seu Costa, você,  
tão sujeito ao azorrague,

bem mostra que é feitura  
de um jornal – o *Ziguezague*...<sup>125</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>125</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 jul. 1890, a. 37, n. 162, p. 2.

## HISTORIETAS XVIII

Telegrama à imprensa do Rio comunica:  
– “O governador, como representante do  
governo, abraçou e beijou o Dr. Castilho,  
diante do povo.”

Nos tempos da monarquia,  
um dos seus melhores traços  
foi a obra do Sr. Dantas:  
a política dos abraços.

Mas hoje, em pleno domínio  
das liberdades sem conta,  
cada abraço pede um beijo,  
o beijo é que está na ponta.

Se Judas beijou a Cristo,  
visando à apenas dinheiro,  
*seu* Costa beijou *seu* Júlio  
diante do mundo inteiro!

Beijo de moça é pudor,  
de namorado é beijoca,  
o beijo do *seu* Costinha  
é chocho, já não pipoca...<sup>126</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>126</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jul. 1890, a. 37, n. 163, p. 2.

## HISTORIETAS

### XIX

#### Telegrama ao PAÍS

*Rio Grande, 8. (Demorado por trovoada.) – O partido republicano desta cidade, acompanhando o de todas as circunscrições dos Estados, sustenta com entusiasmo a candidatura do generalíssimo Deodoro, para presidente da República. – A Maurícia.*

Causou sucesso espantoso  
no Centro Confederado  
o telegrama transrito,  
apesar de demorado.

Abalou os céus, a terra,  
Do Corcovado à Tijuca;  
o povo corria às tontas,  
como quem foge à mutuca.

O clero, o militarismo,  
a imprensa, o finado Obá,  
*una voz*, perguntavam:  
– Isto, meu Deus, que será?

No paço Itamarati,  
ao receber tal notícia,

perguntou o marechal:  
– Mas quem é essa *Maurícia*?...<sup>127</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>127</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jul. 1890, a. 37, n. 164, p. 2.

## HISTORIETAS

### XX

#### *Subdeleguê de Canguçu*

Ó *seu* Rufino da Silva!  
Ó *seu* da Silva Rufino!  
Você é *nones*, sem par,  
dos *tristes* é *pente-fino*.

Se o *seu* Costa chega a vê-lo,  
dá-lhe em público uma beijoca.  
Se o vê, o grande Ernestão  
dá coices na maçaroca.

Como ele, fino, esperto,  
nos *passes* que sabe dar,  
só o Lobo, mas que tem  
sete anos a esperar!

Eu quisera este Rufino  
entre nós. Prenda amorosa!  
Talvez descobrisse os brincos  
da morta yelha Cardosa...<sup>128</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>128</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 18 jul. 1890, a. 37, n. 165, p. 2.

## HISTORIETAS XXI

*Seu* delegado deu sorte  
deu sorte o *seu* delegado;  
quis prender o seu colega,  
mas ficou desapontado.

Em se tratando de dentes,  
*seu* delegado se encrista.  
Quer acaso privilégio  
de ser o único *dentista*?

*El señor Don Sinisterra*  
põe-lhe terra nas meninas  
dos olhos, deixando-o cego,  
os olhos já sem retinas!

Mas por que *seu* delegado  
Tem você desses repentes?  
*Deje el hombre sacar muelas*,  
e você que saque... dentes!<sup>129</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>129</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 jul. 1890, a. 37, n. 166, p. 2.

## HISTORIETAS

### XXI

Da chapa de senadores  
da feroz jacobinada,  
dois são tipos bem aceitos,  
o outro... é de caçoada.

Entra o Ramiro Barcelos,  
entra o Machado Pinheiro  
mas aonde bate o ponto  
é no tal, é no terceiro!

Ora essa! entra na chapa  
o coronel Anacleto?!...  
Aquele do arsenal,  
só de virtudes repleto?!

O *seu* Frota senador?!...  
Não é sério, é brincadeira...  
Desgraçadíssimamente  
isso é frota sem bandeira...<sup>130</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>130</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 20 jul. 1890, a. 37, n. 167, p. 2. Há duas Historietas com o número XXI.

## HISTORIETAS XXIII

Ao rei da terra, ao herói,  
ao poderoso Moloch,  
que, montado no seu *Sirius*,  
todos esmaga, a galope;

Ao egrégio *manda-chuva*,  
manda o sol, manda o tufão,  
que tem mais força entre nós  
que o micado do Japão;

Ao dono das nossas serras,  
das montanhas e dos matos,  
dos mares, dos arrecifes  
e da Lagoa dos Patos;

Que resta para ser completo,  
mais que califa ou paxá?  
Em vacatura só vemos  
o principado de Obá...<sup>131</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>131</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 jul. 1890, a. 37, n. 168, p. 2. Não há Historieta com o número XXII.

## HISTORIETAS

### XXIV

O nosso amigo do Norte,  
deveras impressionado,  
nos escreve, o pobrezinho,  
já bastante horrorizado.

Da Junta, está confundida  
a pobre secretaria,  
pois vai ter a seu serviço...  
Ó que horror! quem tal diria!

Um parente da Cardosa,  
um outro *faternidade*,  
um *companheiro* do Capa,  
com jericos na irmandade!

Horror! Três vezes horror!  
Ó que gente sem critério!  
O pretendente é também  
da família do Silvério...<sup>132</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>132</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 jul. 1890, a. 37, n. 169, p. 2.

## HISTORIETAS

### XXV

A vinte e quatro de julho  
celebro o meu quarteirão.  
Vinte e cinco vezes quatro,  
um centenário, mais não!

Multiplicando esses vinte,  
mais cinco, por dezesseis,  
produz quatrocentos versos,  
e isto em menos de um mês!

É de festa o dia de hoje,  
de festa, só de prazer!  
Em festa as *Historietas*,  
nada mais devo dizer.

Começarei amanhã  
A visita aos cemitérios  
da História, donde trarei  
repugnantes Silvérios.<sup>133</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>133</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 jul. 1890, a. 37, n. 170, p. 2.

## HISTORIETAS

### XXVI

Do *Correio de Pelotas*:

"O major Urbano de Carvalho, delegado de polícia deste termo, negou ontem licença a dois indivíduos que, chegados do Rio Grande, pretendiam estabelecer aqui o jogo de argolas que ali tiveram."

Que diferença se nota  
entre aquela autoridade  
e as de cá, amigas velhas  
de uma fresca novidade.

Falando sem prevenções,  
de paixões aqui isento,  
não vejo razão para guerra  
de argola ao simples invento!

Argolas jogaram freiras,  
papas, frades e rainhas.  
Consta até que o pai Adão  
jogou suas argolinhas.

As nossas autoridades,  
que tão mal andam da bola,

com razão são amantéticas  
do jogo que tem argola...<sup>134</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>134</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 jul. 1890, a. 37, n. 171, p. 2.

## HISTORIETAS XXVII

O nosso ex-camarada,  
que a nós vinha a toda a hora,  
virou patrulha conosco,  
pôs os manguitos de fora!

Jurava todos os dias,  
mas de um modo positivo,  
que não era, não seria  
nem por sombra *executivo!*

Mas de repente *deu sorte*,  
exibiu-se em outra cena:  
ficou tocado da bola...  
Palavra de honra que é pena!

Amigo Arlindo, descansa,  
não te trarei entre dentes.  
Costumo ser generoso  
com todos os inocentes...<sup>135</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>135</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 jul. 1890, a. 37, n. 172, p. 2.

## HISTORIETAS XXIX

A novidade mais fresca,  
notícia de sensação,  
é que houve bate-barbas  
entre a tropa da *União*.

A união dos aflitos  
dos tristes *executivos*.  
Eu passo sem mais demora  
a expor quais os motivos.

A mudança de apelido  
é que deu causa ao chinfrim,  
por não quererem os sócios  
continuar mais assim.

Lembranças surgiram muitas,  
entre ditos e ditérios,  
mas foi depois resolvido  
que se chamassem... *silvérios*.<sup>136</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>136</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jul. 1890, a. 37, n. 173, p. 2. Não há Historieta com o número XXVIII.

## HISTORIETAS

### XXX

Foi de um sucesso estupendo  
da Instrução o recreio,  
uma festa que deixou  
as almas em puro anseio.

Teve os tons, já costumeiros,  
das festas sem etiqueta,  
um meio-termo marcado  
entre a casaca e a jaqueta.

Mas a casaca surgiu  
quando o baile estava em meio.  
Aplaudem uns o costume,  
cá por mim acho-o mui feio!

Por isso o vice Chiquinho,  
que aos prejuízos ataca,  
põe fora, sem cerimônias ,  
um *lord*, mais a casaca...<sup>137</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>137</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 jul. 1890, a. 37, n. 174, p. 2.

## HISTORIETAS

### XXXI

Enquanto a bexiga invade  
palácios, casas, quartéis,  
levando na debandada  
crentes, céticos e fiéis;

enquanto o mal se esparrama  
entre os espasmos de dor,  
plantando nas almas boas  
as contorções do terror;

enquanto todos se afligem,  
transidos pelo tormento  
que vem de longe, e vem perto,  
que está no ar, está no vento;

enquanto aflito, inquieto,  
o povo geme, não fala:  
*seu* Costinha da oliveira  
é todo entregue à cabala!<sup>138</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>138</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jul. 1890, a. 37, n. 175, p. 2.

## HISTORIETAS

### XXXII

A cavalo, dois a dois,  
o tenente e o delegado,  
mais uns da guarda, chibantes,  
cada qual para seu lado,

saíram em busca dos tipos  
que já vão batendo a bota,  
com os duzentos *camirras*  
do infeliz Mastriota.

Pensam eles encontrar  
os famosos meliantes  
que estão à testa da trupe  
dos descarados brigantes.

O plano é bem combinado,  
e um plano de inocentes:  
encontrando-os, a polícia  
a todos três tira os dentes...<sup>139</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>139</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 31 jul. 1890, a. 37, n. 176, p. 2.

## HISTORIETAS XXXIII

Há grande faina no beco,  
um barulho desusado:  
a polícia está na ponta  
e na ponta o delegado.

Foi também o comandante  
da guarda, o tenente Rosa,  
e mais o Centurião,  
tipo de vida famosa.

Dizem os filhos da Candinha  
que o fim dessa patacoada  
pertence ao número daquelas  
em que entra a vida airada.

É questão de bilontragem,  
de Boccaccio uma aventura.  
Dizem outros pela moita  
que a coisa é de dentadura...<sup>140</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>140</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 1º ago. 1890, a. 37, n. 177, p. 2.

## HISTORIETAS

### XXXIV

Muito já se tem falado  
do negócio da casaca;  
e pode a coisa acabar  
em luta à ponta de faca.

Imaginem que o *Royal*,  
e que também é *Palais*,  
leu nas folhas o duelo  
em que venceu o Floquet.

Por isso, todo arrebique,  
fumando, doido, atrevido,  
me dirigiu uma carta,  
cheia... de ar comprimido.

E disse: "quero bater-me,  
sem quebra de *dinidade*"  
Faltando um – g – resolvi-me  
a calar... a heroicidade...<sup>141</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>141</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 ago. 1890, a. 37, n. 178, p. 1.

## HISTORIETAS

### XXXV

Andam os *silvérios* dizendo  
que têm sangue novo agora,  
uma conquista de arromba,  
por esses mares a fora!

Dizem mais que isto basta  
para vencer a eleição,  
e já mandaram chamar  
da tropa o grande *papão*.

Por mais que procure dar  
tratos à minha cachola,  
nada descubro de certo.  
Não posso, não dou em bola.

Mas hei de afinal saber  
quem é herói afamado;  
se é sangue ainda fresco,  
ou se é sangue estragado.<sup>142</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>142</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 ago. 1890, a. 37, n. 179, p. 1.

## HISTORIETAS

### XXXVI

Anda em moda fazer versos,  
o verso é hoje mania.  
Se os anúncios de remédios  
já se fazem em poesia...

Se o verso forma ou não forma  
se é zarolho ou se é capenga,  
pouco importa, pois o fato  
é que se prossiga a perlenga.

Chega o verso a fazer guerra  
até ao próprio Cambará!  
Mas, por que, se ele é doce,  
e doce como não há?

Cá por mim hei de cantá-lo  
da Musa ao som das trombetas.  
Sem ele sucumbiria  
o Parque das Violetas...<sup>143</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>143</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 ago. 1890, a. 37, n. 180, p. 1.

## HISTORIETAS

### XXXVII

Já principia a discórdia  
entre a pobre miuçalha.  
Há divergências profundas  
no meio dessa gentalha.

Dizem que as altas funções  
da nossa delegacia  
vão sair da arte dentária,  
voltando à advocacia,

Já se diz que o Malagrida,  
chefe desses malandrins,  
não vive muito contente  
por não conseguir seus fins.

Outros, que falta elemento  
para a triste versalhada.  
E até já chegam a dizer  
que a *União* está quebrada...<sup>144</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>144</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 6 ago. 1890, a. 37, n. 181, p. 1.

## HISTORIETAS

### XXXVIII

Eu li na *Federação*  
que do governo é mania  
falar repetidamente  
em coisa de economia.

Dela, porém, não se lembra  
para dar-lhe execução  
Por isso viu-se o Rio Grande  
mais que pobre – pobretão.

Isto foi naqueles tempos  
de pagode e brincadeira,  
quando o Rio Grande não tinha  
o raminho de oliveira.

Hoje o Rio Grande é mendigo  
que já não recebe esmola.  
Só de – Deus te favoreça –  
traz ele cheia a sacola...<sup>145</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>145</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 ago. 1890, a. 37, n. 182, p. 1.

## HISTORIETAS

### XXXIX

Vai ser todo reformado  
o sistema *pica-pau*:  
para dentro tudo que é bom,  
para fora tudo que é mau!

Dos *tristes* poucos terão  
direito às *execuções*.  
Gente nova! gente nova!  
pois se trata de eleições.

Já se ouve, aqui, ali,  
o despeito dos *antigos*,  
que se verão colocados  
na posição de *mendigos*.

Gente nova! gente nova!  
Gente que caía com as *quotas*.  
Estão na ponta os esgotos,  
voltam à cena as patotas...<sup>146</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>146</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 ago. 1890, a. 37, n. 183, p. 1.

## HISTORIETAS

### XL

Ferve a cabala, e fervendo  
fraterniza os desiguais  
Os que ontem não prestavam  
até já são bons demais...

Os indignos, patoteiros,  
os vendidos por galões,  
são agora *puritanos*  
os mais honrados varões...

Os escravos, sem vontade,  
são donos dos seus narizes;  
os famintos, desgraçados,  
são homens muito felizes...

Os piores – são pudicos,  
os amargos – são de mel,  
os traidores – fidelíssimos,  
quem foi Caim – é Abel...<sup>147</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>147</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 ago. 1890, a. 37, n. 184, p. 2.

## HISTORIETAS

### XLI

Chegou ao fim o paxá,  
o famoso Ezequiel,  
a quem o bom Jeová  
receitou favos de... mel.

Vem trazer doce repasto  
às falanges aguerridas,  
vem encurtar as orelhas  
dos nossos modernos Midas.

Traz a mala recheada  
de postos e de galões.  
Crê-se até que na República  
Pretenda fazer barões!

Vamos ver quantos figuram  
entre o rol dos *homens sérios*,  
quantas caras, duras sempre,  
qual o número de *silvérios*...<sup>148</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>148</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 10 ago. 1890, a. 37, n. 185, p. 1.

## HISTORIETAS

### XLII

Está provada a *influência*  
dos que viraram casaca:  
o que ontem inda era trunfo,  
não vale meia pataca!

Dois apenas, dois somente  
compareceram ao chamado:  
um professor conhecido  
e um ilustre ignorado!

Nem sempre se torna certo,  
nem sempre crê-se verdade  
o que diz velho proólogo;  
quem foi rei, tem majestade.

Foi rei, mas rei de outros tempos,  
era rei sem ser real.  
Não representa o ex-rei  
o partido liberal...<sup>149</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>149</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 ago. 1890, a. 37, n. 186, p. 1.

## HISTORIETAS

### XLIII

Não é matéria vencida  
a reforma *executiva*;  
houve brigas, houve choques  
entre os que eram da ativa.

Consta que houve recusa  
por parte de um coronel,  
que faz jogo cá fora,  
tendo em vista o *seu papel*...

mas ficará governando  
um general candidato.  
Assim ficou mais seguro  
o feroz, o grande *pato*...

Os *puros* ficaram tristes,  
mas não bufam coitadinhos!  
Passou-lhes a perna o *pato*...  
Ficaram *tristes, tristinhos*.<sup>150</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>150</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 ago. 1890, a. 37, n. 187, p. 2.

## HISTORIETAS

### XLIV

Houve um momento imprevisto,  
houve uma cena de horror,  
quando o *pato* se expandia,  
de bico aberto, em raivor.

Bicava ele na vida  
dois leais, dos quais falava,  
e com as unhas ferinas  
a todo mundo arranhava.

Eis que o gogo o acomete,  
e não pode mais grasar!  
Em vão acudiram todos...  
Já estava a estrebuchar...

Já o choravam os fiéis,  
chorando a perda do osso.  
– Eureka! gritou um deles.  
Uma pena no pescoço...<sup>151</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>151</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 ago. 1890, a. 37, n. 188, p. 2.

## HISTORIETAS

### XLV

A cabala é hoje em dia  
elemento oficial.

Já cabala sem reserva  
a Junta Municipal.

As ruas estão transformadas  
no mais imundo chiqueiro.  
Para limpá-las, diz a Junta  
que os cofres não têm dinheiro!

Por toda a parte se notam  
podridões amontoadas;  
mas a Junta, com defluxo,  
tem as narinas tapadas.

Nada vê, e nada cheira,  
é surda, e mesmo não fala.  
Só cuida a Junta, sem coice,  
da feroz, doida cabala!<sup>152</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>152</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 ago. 1890, a. 37, n. 189, p. 1.

## HISTORIETAS

### XLVI

Causou um sucesso doido  
a patota do Fanor,  
que é cavalheiro *cumplido*,  
tendo ao *pato* muito amor.

- Pois o Catão, o virgíneo,  
que enche a boca de moral,  
é aí qualquer vivente,  
um patife sem igual?
- Então ele também come?
- Tem barriga ele também?
- Também rói o seu ossinho?
- Também isso lhe faz bem?

Já não falta ver mais nada,  
nada mais já falta ver!  
– Depenado está o *pato*?  
Palavra que custa a crer...<sup>153</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>153</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 ago. 1890, a. 37, n. 190, p. 2.

## HISTORIETAS

### XLVII

Da polícia o camarote  
em noites de diversão,  
parece, em dias de festa,  
os nossos trens de excursão.

Vai o senhor delegado,  
vão o sub e o tenente,  
escrivão, as ordenanças  
e um ou outro suplente.

Os amigos também vão,  
vão também os conhecidos,  
vão até representantes  
das fábricas que dão tecidos!

Já é demais a filança,  
isso é filança demais,  
e redunda em prejuízo  
das empresas teatrais...<sup>154</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>154</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 ago. 1890, a. 37, n. 191, p. 2.

## HISTORIETAS

### XLVIII

Um cabalista adestrado,  
que veio de outro partido,  
pedia o voto, chorando  
a um seu velho conhecido.

Este que a fundo conhece  
os pataratas de outrora,  
respondeu-lhe impertinente,  
sem a mínima demora:

– Você por acaso pensa  
que eu sou manso como Abel?  
deveras se persuade  
que eu sou traste de aluguel?

– Juro pela minha honra  
que isto não é brincadeira!  
– Deixe a honra descansada,  
que ela agora anda vasqueira...<sup>155</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>155</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 20 ago. 1890, a. 37, n. 192, p. 2.

## HISTORIETAS

### XLIX

É voz corrente que a trupe  
dos guris da *mauriceira*  
recebeu ordens do *pato*  
para gastar forte *cobreira*.

Ficou dominada a tropa  
por todas as alegrias,  
e já gostosa tratava  
de repartir as fatias.

Nisto chega o *grande mágico*,  
o famoso *pente-fino*!  
Era de ver com que cara  
ficou cada um menino!

– No colégio, meus amigos,  
aprendi esta lição:  
na parte da *engulideira*,  
quem vence é sempre o leão...<sup>156</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>156</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 ago. 1890, a. 37, n. 193, p. 1.

## HISTORIETAS

### L

Celebro hoje entre galas  
o meu meio centenário.  
Faço festa civilmente,  
sem presença do vigário.

Conto hoje nada menos  
de cinquenta *historietas*,  
zurzindo sempre sem dó  
da Moral todos grilhetas.

E como em dia de festa  
devo esquecer os *silvérios*,  
adio para mais tarde  
uma história de mistérios...

*Chapeau bas, vos cumprimento,*  
leitor, a quem tanto acato.  
Descansa por hoje em paz  
a panelinha do *pato*.<sup>157</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>157</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 ago. 1890, a. 37, n. 194, p. 1.

## HISTORIETAS

### LI

Deixem lá falar quem fala,  
mas é questão decidida  
que uma lição bem ditada  
é sempre bem recebida.

A polícia era soberba  
a ninguém cumprimentava,  
e, quando alguém recebia,  
a polícia assobiava!

Porém ontem foi cortês,  
não estava mais coberta.  
E chegou a ter sorrisos,  
sorrisos que o rir desperta.

Confesse, não seja má,  
que aproveitou a lição.  
Senão confessa, cautela!  
dou-lhe nova *esfregaçāo...*<sup>158</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>158</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 ago. 1890, a. 37, n. 195, p. 2.

## HISTORIETAS

### LII

O pobre Jorge, coitado,  
já está dando que fazer.  
Anda a polícia zaranza  
e bufando sem querer.

Em vida nadava Jorge  
como um peixe dos melhores,  
e morto dá à polícia  
trabalhinhos dos piores.

Tenta a polícia encobrir  
a verdade toda, inteira,  
tendo por fim abaifar  
da ciência alguma asneira.

Porém há de submeter-se  
aos ditames da razão.  
Vá preparando o nariz  
para nova exumação...<sup>159</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>159</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 ago. 1890, a. 37, n. 196, p. 2.

## HISTORIETAS

### LIII

Nada mais já falta ver  
neste torrão tão pacífico:  
delegado sem camisa  
demonstra ser muito pífico.

Se isso é prova de pobreza,  
se é coisa de economia,  
deixar desde já a vara  
deve sua senhoria.

Deve toda a autoridade  
ter ao menos que vestir.  
Camisa de lã serve  
para alguma coisa encobrir.

Aqui aconselho apenas,  
pois é minha essa divisa:  
deve o senhor delegado  
ter branca a sua camisa.<sup>160</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>160</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 ago. 1890, a. 37, n. 197, p. 2.

## HISTORIETAS

### LIV

Numa ligeira visita  
à Junta Municipal,  
observamos com mágoa  
uma cena original:

Onde então se colocava  
o filho do rei primeiro,  
há dois quadrinhos suspensos,  
como anúncios de barbeiro!

Revela aquilo da Junta  
um brinquedo de menino,  
e é contraste famoso  
com o quadro de De Martino.

Num dos tais há a bandeira  
que dizem ser de progresso;  
porém ambos, meus senhores,  
só representam... regresso.<sup>161</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>161</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 ago. 1890, a. 37, n. 198, p. 1.

## HISTORIETAS LV

(Ao 80º aniversário natalício do poeta  
Aguiar)

Como todo o mundo sabe,  
esta seção do jornal  
teve origem no que era  
a *seção policial*.

Foi dela que ressurgiu  
este seu *Cantu-Mirim*,  
um sujeito que promete  
contar histórias sem fim.

E como a *noblesse oblige*,  
eu devo aqui declarar  
que rendo todo tributo  
ao ex-repórter Aguiar.

Sorvendo suas pitadas,  
perseguido dos brejeiros,  
conta hoje o Aguiar  
os seus oitenta janeiros.<sup>162</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>162</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 ago. 1890, a. 37, n. 199, p. 2.

## HISTORIETAS

### LVI

Pelo Sr. Dr. Líbio Vinhas, delegado da higiene pública de Bagé, foi multado em 100\$, por exercer ilegalmente a medicina, o Sr. H. Senisterra, vendedor, ao som da música e em carro de um licor intitulado – *El bien del mundo entero*.

Usted es, D. Líbio Vinhas,  
de Nero casi rival.  
Hacer daño á Senisterra,  
que es um sabio universal?!...

¿ Pues usted no sabe entonces  
que es hecho mui verdadero  
que Senisterra solo hace  
todo *el bien al mundo entero*?

Mas que Otelo, el africano,  
ese señor delegado...  
Una multa á Senisterra,  
por todo el mundo adorado?!...

Se yo fuera um dictador,  
á Senisterra, el valiente,

ordenaba que al cruel  
no dejase um solo diente!<sup>163</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>163</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 ago. 1890, a. 37, n. 200, p. 2.

## HISTORIETAS

### LVII

#### **Não me abstenho!**

Por mais razão que assinalem  
os que têm a direção,  
declaro em público e raso,  
que sou contra a abstenção!

Quem quiser que se abstenha  
e vá para a cama chorar.  
Cá por mim prometo e juro  
que a 15 irei votar...

É um protesto que lavro  
contra a União Nacional.  
Ela pensou andar bem,  
porém andou muito mal.

Que papel farão agora  
os eternos renegados?  
O *pato* lhes passa a perna,  
deixando-os todos mamados...<sup>164</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>164</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 ago. 1890, a. 37, n. 201, p. 1.

## HISTORIETAS

### LVIII

Veio ontem procurar-me  
o meu colega Aguiar,  
pedindo com seus bons modos  
para um erro eu emendar.

Fazendo a conta nos dedos,  
recorrendo aos seus assentos,  
o poeta Aguiarzinho  
exclamou entre lamentos:

“Você, seu *Cantu-Mirim*,  
é homem sem piedade...  
mas lhe peço, com ternura:  
retifique a minha idade!”

À vista de tal pedido,  
não tenho remédio, pois,  
senão dizer que o Aguiar  
já fez os 92!<sup>165</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>165</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 31 ago. 1890, a. 37, n. 202, p. 2.

## HISTORIETAS

### LIX

Parece judaria,  
judaria sem par,  
o que aqui se está passando  
com o meu colega Aguiar.

Escrevi sessenta e dois,  
em versinho bem rimado.  
Que fez o compositor?  
colocou o – 6 – virado!

De maneira que ao poeta  
deu mais 30 anos de idade.  
E isto é, meus senhores,  
uma feroz crueldade!

São sessenta e dois anos  
que o Aguiar já contou!  
Sem contar os anos muitos  
que a mamar ele passou...<sup>166</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>166</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 set. 1890, a. 37, n. 203, p. 2.

## HISTORIETAS

### LX

Já não sei o que fazer  
como me desapertar,  
para que exatos fiquem  
os janeiros do Aguiar.

De novo veio o bom duque  
pedir retificação:  
– Isto é mais que caçoada!  
Já passa de amolação!

Tão gago e atrapalhado  
ele ontem se mostrou,  
que chegou a confessar  
que, em pequeno, não mamou!

Nova emenda faço hoje,  
para combater desenganos:  
o bom velhote conta  
uma centena de anos!<sup>167</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>167</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 set. 1890, a. 37, n. 204, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXI

Dizem que, devido ao fato  
Da maldita abstenção,  
nos arraiais dos contrários  
foi grande a decepção.

O que ontem inda era trunfo,  
manobrando as legiões,  
hoje é tipo que não vale  
nem mesmo vinte tostões.

Pelo fio têm seguido  
recados e mais recados,  
mas o *bicho* jaz na moita,  
deixando-os desapontados!

Um só recurso lhes resta,  
recurso de muita gente:  
vão chorar as amarguras  
na cama que é lugar quente...<sup>168</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>168</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 4 set. 1890, a. 37, n. 205, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXII

Realmente, a medicina  
recolheu ao seu alforje  
muita coisa preciosa  
depois que morreu o Jorge.

Dos siris todos temiam  
as *unhas* cruéis, mordentes;  
mas ninguém viu que os siris  
nas antenas tinham dentes.

Palmas das mãos e dos pés  
eram palmas muito certas,  
mas as dos dedos ainda  
não estavam descobertas!

Cabe a glória dos inventos  
ao moderno Malagrida,  
que só viu triste *figura*  
onde havia uma *ferida*...<sup>169</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>169</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 set. 1890, a. 37, n. 206, p. 1.

## HISTORIETAS LXIII

A polícia de Rio Claro, cidade de S. Paulo,  
prendeu um indivíduo casado com quatro  
mulheres.

Quatro mulheres! Caramba!  
Já é coragem de bruto!  
Como ele se haverá  
se de todas tiver fruto?

Quatro filhotes por ano,  
em vinte anos, oitenta;  
e se os partos forem duplos,  
dar-lhe-ão cento e sessenta!

Ora imagine o leitor  
toda essa gente a comer!  
Quantas torturas o pai  
não terá que padecer!...

Para empregar tal família,  
segundo o preceito novo,  
será preciso que o pai  
seja o chefe deste povo...<sup>170</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>170</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 6 set. 1890, a. 37, n. 207, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXIV

"Dia 7 de Setembro, despontando  
alvissareiro, faz bater de entusiasmo todo  
o peito brasileiro."

Isso foi em tempos idos,  
antes das *historietas*,  
porque nos tempos de hoje  
só há história de petas.

Independente, este povo  
foi transformado em cativo.  
Esse sete nada exprime,  
é um sete *executivo*...

Hoje o 7 de Setembro  
é um sete dos *Três Setes*:  
fazem joguinho com ele  
os nossos *marionetes*.

Entusiasmo, isso é coisa  
muito vasqueira hoje em dia.  
Não se tem entusiasmo  
com a barriga vazia...<sup>171</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>171</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 set. 1890, a. 37, n. 208, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXV

(No baile de 7)

– Minha senhora, eu quisera  
conservar as ilusões:  
diga com toda a franqueza  
se é estranha às comoções?...

– Meu caro senhor, eu já  
não me alimento de ideias!  
Desde muito que deixei  
de entreter-me com teteias...

– Por Deus! Então é possível  
que a senhora, já descrente,  
não tenha pena de quem  
se mostra tão padecente?

– Sabe que mais, senhor *crente*,  
essa crença é ilusória!  
Até o amor, nestes tempos,  
é coisa bem *provisória*...<sup>172</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>172</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 set. 1890, a. 37, n. 209, p. 2.

## HISTORIETAS LXVI

Recordando as maravilhas  
do *pandero* e a castanhola,  
da Espanha nos traz as filhas  
a companhia espanhola.

Vem como mestre la Vega,  
como a primeira Dolores;  
*desfalcado* vem o Seva,  
mas todos nos trazem flores.

Vem Catalá, a Vicente  
vem o Lia, mui faceiro,  
e as Fontanas, de patente,  
para as quais não há dinheiro...

Vêm atrizes, vêm atores,  
cheios de *gracia* e de riso,  
despertar novos amores,  
fazer-nos perder o sizo...<sup>173</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>173</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 10 set. 1890, a. 37, n. 210, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXVII

Pela cidade se diz,  
pelas ruas se murmura  
que a viagem demetrista  
faz suar a ditadura.

O ex-ministro, rebelde,  
a crer na *Federação*,  
com Cassal reforçará  
o grêmio da oposição.

O senhor da feitoria  
mandou um tipo, de lá,  
que ao fio de palácio  
delata tudo o que há.

Se anuncia para breve  
um desenlace fatal,  
triunfando em toda a linha  
o candidato Cassal.<sup>174</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>174</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 set. 1890, a. 37, n. 211, p. 1.

## HISTORIETAS LXVIII

Todos cantam a sua terra,  
Também vou cantar a minha.

G. D.

Todos deitam manifesto,  
o meu também vou deitar,  
dizendo a este bom povo:  
"Basta já! Não mais chorar!"

Pitanga é fruta gostosa,  
o centro foi sempre o meio.  
Para dizer-te a verdade,  
o diabo não é lá tão feio...

Como o pintam de cangalhas,  
disposto a tudo sofrer,  
pensa o povo ser burrico,  
e que assim tem de viver!

Às claras, eu vos declaro  
que também sou candidato.  
O meu programa é bem curto:  
Depenar tudo que é *pato!*<sup>175</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>175</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 set. 1890, a. 37, n. 212, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXIX

A companhia espanhola,  
na comédia que ontem deu,  
nos revelou um bom dito,  
que com os nervos me mexeu.

Quando se encontra um sujeito  
todo arrebique, dengoso,  
a gente diz para ele:  
*es usted mui merengoso!*

Merengue é doce, de açúcar,  
mas quer dizer derretido  
se se trata de um janota  
que é todo a sebo metido.

Diga-me agora a leitora  
se a alguém cabe melhor  
o nome de *merengoso*  
do que àquele que é *lorde*?...<sup>176</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>176</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 set. 1890, a. 37, n. 213, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXX

Amanhã irei à urna  
minha chapinha entregar,  
e dois dos meus candidatos  
passo aqui a declarar.

Voto para senador  
no seu Costa da oliveira.  
Querovê-lo no Congresso  
zabumbar o *Zé-Pereira*.

Para deputado levo  
o Borges Mendes na lista,  
por ser ele o fundador  
do partido oportunista.

Todos os mais são legítimos  
*pica-paus*, dos bem vermelhos.  
Esta República afinal  
é república de fedelhos!<sup>177</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>177</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 set. 1890, a. 37, n. 214, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXI

Um telegrama ao *Diário*  
traz má notícia para dança:  
o seu Costa das beijocas  
vai deixar a governança.

Veio para cá o seu Costa  
de raminho de oliveira,  
e deixa do seu governo  
lembranças de desfruteira.

Dançou, dormiu, cabalou,  
um dia *amarrou o gato*,  
e, para cúmulo do desfrute,  
até beijocou o *pato*!

Sem alcaide, D. Olímpia  
não mais dançará na praça.  
O povo fica tristonho,  
pois não terá mais chalaça...<sup>178</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>178</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 set. 1890, a. 37, n. 215, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXII

Propício, tu és propício  
às ternuras paternais,  
mas não deves ir de encontro  
às ternuras filiais.

Se o teu Salustiano  
quer com a velha casar,  
por que, Propício querido,  
o obrigas a jejuar?

Sogras velhas – coisa velha!  
é difícil de sofrer,  
mas uma nora velinha  
prestes está a morrer.

Depois, se a velinha fala  
francês, sem tê-lo estudado,  
deixará o teu Salústio  
com o futuro assegurado...<sup>179</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>179</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 set. 1890, a. 37, n. 216, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXXIII

Em uma das seções eleitorais desta  
cidade apareceu a seguinte chapa de  
senadores: general Protesto – general  
Sistema – general eleitoral.

Há uma crítica severa  
nessa chapa que aí está,  
protesto com endereço  
aos generais do paxá.

Há também protesto contra  
o sistema eleitoral;  
uma orgia – não sistema,  
não processo – bacanal!

Outro protesto inda existe  
em chapa tão engracada,  
é contra os comediantes  
dessa enorme palhaçada.

Protesto contra os pandorgas,  
os fedelhos chamados;

protesto com texto em pró  
dos eternos malogrados.<sup>180</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>180</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 18 set. 1890, a. 37, n. 217, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXXIV

Chega a terras do Rio Grande  
novo prelado apostólico  
e vai ver como está feito  
o tal partido católico.

Sem ter lutas com o Estado,  
nem com a maçonaria,  
terá desgostos profundos  
com a nova bicharia.

Aquilo não é partido,  
é um bando mascarado,  
andando no mesmo embrulho  
o profano e o sagrado.

Irá ver sua excelência  
em união coisas raras:  
casados, bem casadinhos,  
jacarés com capivaras!<sup>181</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>181</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 set. 1890, a. 37, n. 218, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXXV

Na lista de passageiros do *Camilo*,  
publicada ontem pelo *Diário*, lê-se: – “Rev.  
padre Josué da Fonseca e *sua filha*.”

Credo em cruz! Que sacrilégio!  
Que horrível profanação!  
Um padre com uma filha  
junto ao bispo D. Leão?...

Reverendo Josué  
e mais Fonseca, você  
tem coragem de exibir-se  
assim com sua nenê?

Não sabe, reverendíssimo,  
que o padre sexo não tem?  
E a esse pecado feio  
o bispo dirá – amem?

A essa filha, meu padre,  
tem de perder o amor,  
se não quer do padre santo  
ter a excomunhão maior...<sup>182</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>182</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 20 set. 1890, a. 37, n. 219, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXVI

À margem de um número da *Federação*,  
recebi este recado: "Hoje, na loja do  
Felizardo, o nosso governador esteve  
tocando realejo. – Lídio"

Ao chegar, trazia em mão  
um raminho de oliveira.  
Era a paz, a paz da dança,  
do cancã e da fieira.

Cabalou, depois dormiu,  
deu beijoquinhas no *pato*.  
Nas colônias, com colona  
andou perdido no mato...

Foi D. Olímpia das praças,  
entregou-se ao violão;  
agora para o realejo  
voltou a sua atenção.

Fuma cigarros, cachimbo,  
também funga o seu tabaco

e, já que tem realejo,  
por que não compra um macaco?<sup>183</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>183</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 set. 1890, a. 37, n. 220, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXXVII

À porta do escritório do *Diário*, um curioso de notícias telegráficas lia ontem: — “Zacarias Salcedo foi eleito presidente da Companhia *Canônica*.”

As voltas que o mundo dá!  
O Salcedo, economista,  
metido nessas funduras,  
como aí qualquer *sacrista*!

Ele, que sempre gritava  
contra os tiranos papais,  
ver-se agora confundido  
com batinas e missais!

Mas apurando a atenção  
sobre a tábua do *Diário*,  
eu vi que a tal companhia  
tem um fim muito contrário.

Econômica é que ela é,  
companhia de patente,

que ao Salcedo consagrou  
o cargo de presidente.<sup>184</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>184</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 set. 1890, a. 37, n. 221, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXVIII

Corre insistente o boato  
de ser mudado o governo,  
vindo para a governança  
um governante mais terno.

Isso é coisa tão difícil,  
que não é acreditável.  
Pois será crível que haja  
governo mais desfrutável?

Um Costa mais dançarino?  
um Costa mais folião?  
Um Costa mais pandorgueiro?  
Costa mais Costa? Isso não!

Se o desfrute vai além,  
aonde iremos parar!  
Só mesmo sendo governo  
o bom duque de Aguiar...<sup>185</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>185</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 set. 1890, a. 37, n. 222, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXIX

A Exma. Sra. D. Maria Augusta Cândida Meira de Vasconcelos, que, no Recife, se apresentou candidata a uma cadeira no Congresso, obteve muito poucos votos.

Se a falar eram temíveis  
os bacharéis masculinos  
imaginem um parlamento  
de bacharéis femininos!

Não fui, não sou, não serei  
contrário às modernas leis  
que admitem que as mulheres  
também sejam bacharéis.

Porém folgo com a derrota  
da Sra. Vasconcelos,  
por não vê-la desprezar  
do sexo os intuitos belos.

Obrigada pela espada  
a discutir e a votar,

podia esquecer os votos  
que o Amor manda guardar...<sup>186</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>186</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 set. 1890, a. 37, n. 223, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXX

A *Gazeta do Sul*, de Santa Catarina, noticia que o subdelegado de Capivari remeteu ao delegado de polícia de S. José uma moça escoltada por seis cidadãos, só porque a mesma vivia em companhia de um velho.

Ó cruel *subdeleguê*,  
monstruosa criatura!  
Por que assim tu desmansas  
de um casal terna ventura?

Acaso um velho não pode,  
em conchego de amizade,  
dedicar os seus quindins  
a uma bela deidade?

Ignoras que o Amor  
é sentinelha perdida?  
Não sabes tu por acaso  
que o gosto regala a vida?

Se o velho, embora já velho,  
fazia a moça feliz,

que tinha o *subdeleguê*  
de ir lá meter o nariz?...<sup>187</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>187</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 set. 1890, a. 37, n. 224, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXXI

Falou-se pela cidade  
que um processo escandaloso  
vai tirar certa gentinha  
da boa vida, do gozo.

Dizia um: “só se trata  
de um famoso quebrado.”  
Outros que era negócio  
de gatuno refinado.

Ainda outros falavam  
de gatunagem, mais meia,  
com história horripilante  
e mui perto da cadeia.

Afinal reconheci,  
nessa questão afanosa,  
que se tratava do furto  
feito às joias da Cardosa...<sup>188</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>188</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 set. 1890, a. 37, n. 225, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXXII

O nosso amigo Costinha  
deu em beijar toda a gente,  
por um beijo dá o beiço  
e é capaz de dar um dente.

Depois de beijar o *pato*,  
foi-se ao bispo D. Leão,  
beijando o sagrado anel,  
lambendo a sagrada mão.

Para ser agradável à igreja,  
beijará os seus fiéis,  
estendendo os seus beijinhos  
até a preta dos pasteis.

Sendo Costa, o seu Costinha,  
que anda sempre num sarilho,  
será capaz de beijar  
do Costa o belo rosilho...<sup>189</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>189</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 set. 1890, a. 37, n. 226, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXXIII

Dizia ontem, em soluços,  
da justiça o *papa-açorda*:  
“Não poder eu apertar-lhe  
a garganta em dura corda!”

– Enforcar-me?... Mas por quê?  
Que mal eu fiz ao coitado?  
Se até lastimo que o pobre  
tenha a vida de engasgado...

A questão toda versava  
sobre a *União* de Pelotas.  
Daí a vontade negra  
do *cujo* meter-me as botas.

Podes tu e pode o outro  
juntinhos ficar num tambo...  
Estarão a gosto os dois...  
Se estarão! *Arcades ambo!*<sup>190</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>190</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 set. 1890, a. 37, n. 227, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXXXIV

A notícia da chegada  
do conselheiro Gaspar  
já desnorteia a gentinha  
que firme não sabe estar.

Ontem dizia um dos tais,  
espoleta e cabalista:  
"Cá por mim declaro e juro  
que sempre fui *gasparista*!"

Outro exclamava entre arroubos  
de eloquência acalcanhada:  
"O Martins há de ensinar  
essa *triste gurizada*!..."

Eu quero ver no momento  
essas pobres criaturas.  
Quero apreciar de perto  
tão geniais... *caras-duras*.<sup>191</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>191</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 1º out. 1890, a. 37, n. 228, p. 1.

## HISTORIETAS

### LXXXV

Também recebi convite  
do belo *Palais Royal*,  
para ver as novidades  
que ali estão em festival.

– *Entré*, me disse *mylord*,  
num tom de flauta, macio;  
e toda a casa mostrando,  
andava num corrupio.

– Tudo aqui é *nouveauté*,  
é *psuchtt*, de matar!  
Vem tudo diretamente  
Da *casa Maison Coutard*!

Dando-me um vidrinho, disse:  
“Tome lá esta delícia!”  
Cai num delíquio horrível!  
Era extrato... de *Maurícia*...<sup>192</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>192</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 out. 1890, a. 37, n. 229, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXXVI

#### AINDA O PALAIS ROYAL

Voltando a mim, encontrei  
*mylord* todo atrapalhado.  
– *Mon cher Cantu*, vós estais  
em meu quartinho adorado!

“Vede a cama, uma outra igual  
teve D. Pedro – homem sério!  
O *bidé* é traste raro –  
foi da família *Silvério*...

Levantei-me, aborrecido,  
para a visita prosseguir,  
e senti por todo o corpo  
mau perfume me invadir!

Olhando para o guarda-roupa,  
eu lá vi em exposição  
a tal famosa casaca  
da partida da *Instrução*...<sup>193</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>193</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 out. 1890, a. 37, n. 230, p. 2.

## HISTORIETAS LXXXVII

ADMIRÁVEL!

Achei-me de novo em meio  
de todas as bugigangas.  
Verdadeiro bazar de África  
um acúmulo de missangas.

Busos muitos, orucungos.  
porongos e berimbaus,  
que *lord* mandou buscar  
para servir aos *pica-paus*.

Um manipanso horroroso  
está em cima do balcão.  
Disse-me o *lord*, mui contente:  
– Dei-lhe o nome de *Pimpão*!

Coleções de bichos raros,  
de casa, como do mato.  
Embalsamado, no centro,  
Se encontra medonho *pato*.<sup>194</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>194</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 4 out. 1890, a. 37, n. 231, p. 2.

## HISTORIETAS

### LXXXVIII

Li ontem com paciência  
o que o *pato* Castilho  
escreveu no *Semanário*  
como artigos de fundilho.

O bicho dá manotaços  
e salta como um potrancos,  
mas o fraseado é todo  
Camilo Castelo Branco.

Por entre a linguagem torpe  
do feroz aventureiro  
pululam todas as frases  
dos *Críticos do Cancioneiro*.

O pobre *pato*, engasgado,  
já vive de boca aberta.  
À força de o esporearem,  
já não dá carreira certa...<sup>195</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>195</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 out. 1890, a. 37, n. 231, p. 1. (O periódico foi publicado por duas vezes com a numeração “231”).

## HISTORIETAS LXXXIX

Eu também fui ao *Marengo*,  
à grande e bela festança.  
Prazeres em toda a linha  
e a mais gostosa *chupança*!

Houve de tudo na festa,  
Champanhe, Xerez sem conta.  
E só se ouvia dizer  
– O Marengo está na ponta!

Também não deixou de haver  
um ou outro *capacete*...  
E vi moleque dançando  
o cancã e o *minuete*...

E por entre as alegrias  
de tão boas funçanatas  
sobressaíam a sorrir  
do Bocage as alpargatas!<sup>196</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>196</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 out. 1890, a. 37, n. 232, p. 2.

## HISTORIETAS XC

Noticiou ontem o *Eco*  
que o Trajano delegado  
cometeu um canicídio  
e que deve ser julgado.

Mal sabe o *Eco* que ele  
fez isso com consciência  
de prestar grande serviço,  
só por amor à ciência.

Não soube o *Eco* que o homem  
é mui entendido em dentes,  
e que não quer que os cães  
se transformem em pacientes?

Pois fique o *Eco* sabendo  
que está sofrendo da vista.  
O delegado, dos cães  
foi nomeado... dentista!<sup>197</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>197</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 out. 1890, a. 37, n. 233, p. 2.

## HISTORIETAS

### XCI

Depois que se deu o rolo  
com o chefe alucinado,  
os *tristes* embatucaram,  
estão de bico fechado.

Eles veem a luta agora  
dos leais contra os vilões,  
mas o *pato* tem aquilo  
com que se compram os melões...

A patota foi desfeita,  
deu em água de barrela,  
mas a gentinha dos *tristes*  
ainda espera por ela.

É preciso que os *tristes*  
se decidam finalmente,  
E podem crer nos burgos  
não atolam mais o dente!<sup>198</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>198</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 out. 1890, a. 37, n. 234, p. 2.

## HISTORIETAS XCII

Diziam ontem num grupo,  
com cautelas, em mistério,  
que na mesa que é de rendas  
se está dando algo de sério.

Interroguei, quis saber,  
o grupo ficou calado.  
No entanto, todos sabem,  
aí há gato encerrado.

Eu sei que houve lá dentro  
um sarilho, um grande rolo;  
e se tratava de ver  
quem tem o dente no bolo...

Mas as pesquisas só dizem  
que há lá dentro... confusão!  
É preciso, pois, cuidado  
com o grande *camaleão*...<sup>199</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>199</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 10 out. 1890, a. 37, n. 235, p. 2.

## HISTORIETAS XCIII

Reuniu-se a santa grei  
dos sublimes fedelhotes  
e resolveu desfazer-se  
de um dos seus amigalhotes.

É ele o seu *deleguê*,  
cabeça já muito oca,  
que deu agora para andar,  
em vez de chapéu, de touca.

Foi decidido e julgado  
enviá-lo a passear,  
a fim de que a cabeça,  
possa ele refrescar.

Se não for, tem de aguentar  
com a culpa de seus excessos,  
pois já estão engatilhados  
uns cento e tantos processos...<sup>200</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>200</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 out. 1890, a. 37, n. 236, p. 2.

## HISTORIETAS XCIII

Para longe os maus humores,  
de festas é hoje o dia!  
Eu também vou receber  
os foliões de *Thalia*.

Que fique em paz a polícia,  
que em paz fique o delegado,  
porque todo me desdobra  
num *viva!* Entusiasmado.

A velha, antiga Thalia  
rege as coisas teatrais,  
mas os seus modernos filhos  
têm carinhos paternais.

Aos mendigos e às órfãs  
vêm trazer santos favores  
Pois, por eles e por elas,  
Aos Thalias – meus louvores!<sup>201</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>201</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 out. 1890, a. 37, n. 237, p. 1. Há duas Historietas com o número XCIII.

## HISTORIETAS

### XCIV

Ao copo de água servido no Clube Saca-Rolhas, o Chico Souto, do *Nacional* levantou um brinde ao *Cantu-Mirim*.

Daqui desta *historieta*,  
te envio muito saudar!  
Tu na ponta já estavas  
e na ponta hás de ficar!

Para não imitar o Costa,  
não te estalo uma beijoca.  
Porém, quando aqui vieres  
terás almoço no *Moka*.

Mandarei fazer petiscos  
até hoje ignorados.  
Uns *patos* de bico aberto  
e *pica-paus* recheados.

Dou-te em lembrança da festa  
uma flor que vi perdida.  
Sou fraco em floricultura,  
Mas parece margarida...<sup>202</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>202</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 out. 1890, a. 37, n. 238, p. 2.

## HISTORIETAS XCV

AO *EX-DELEGUÊ* DOS TRISTES

Caíste como um patinho,  
de ventas, num trambolhão,  
e não tiveste dos *tristes*  
nem sequer um... cantochão!

Já eras triste nos dentes,  
eras triste na ojeriza,  
pois até te apresentavas  
nas ruas sem camisa...

Agora, a tristeza tua  
chegou ao último grau:  
és dos *tristes* o tristíssimo,  
tristíssimo *pica-pau!*

Espera, porém. Terás  
ao teu lado outros calhordas:  
vai te fazer companhia,  
muito breve, o *papa-açordas...*<sup>203</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>203</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 out. 1890, a. 37, n. 239, p. 2.

## HISTORIETAS XCVI

Finalmente foram postas  
em completa debandada  
as facas e as argolinhas  
e as roletas de empreitada.

Nem se salvou da voragem  
a da Rua Paissandu,  
onde dizem que jogavam  
a polícia e o seu *tatu*...

Agora só resta aos tais  
pôr os jogos em leilão,  
reclamando à ex-polícia  
o que lhes deu em quinhão.

Pena é que o delegado  
Da polícia hoje senhor  
Não possa meter no *buque*  
o tal seu antecessor...<sup>204</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>204</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 out. 1890, a. 37, n. 240, p. 2.

## HISTORIETAS

### XCVII

O delegado da polícia de Pelotas proibiu o  
brinquedo de soltar pandorgas.

Estou em pleno desacordo  
com o senhor delegado:  
as pandorgas purificam  
este ar tão pesteado.

Dizer a uma criança –  
“não brinqueis, isto faz mal” –  
é abrir portas ao vício,  
é corromper a moral.

Deixe livres as pandorgas,  
em contradanças no ar,  
e pegue os *pandorgas* Costas  
que por cá vivem a dançar.

E faça danar os *tristes*,  
em trejeitos de brejeiros;  
proíba que *façam vida*  
cá da imprensa os *pandorgueiros*...<sup>205</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>205</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 out. 1890, a. 37, n. 241, p. 1.

## HISTORIETAS XCVIII

Sebastião de Carvalho Porto

Esta pobre *historieta*  
tem hoje o sinal da dor:  
circula-a uma tarja preta,  
emblema do dissabor...

Ele era moço... e na alma  
tinha o pungir da saudade!  
Nas aparências da calma  
Enganou-o... a felicidade!

Sorria entre as amarguras  
de cruéis decepções,  
e só teve as desventuras  
de fatais desilusões!

Eu dou-te, ó *Tic* adorado,  
pranto do meu querer:  
tu, morto, estás descansando;  
eu, vivo... vivo a sofrer...<sup>206</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>206</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 18 out. 1890, a. 37, n. 242, p. 2.

## HISTORIETAS XCIX

Para apenas quatro vagas  
da Barra na comissão  
há oitenta pendentes  
que esperam nomeação!

Outros tantos, talvez mais  
se nutrem de uma esperança,  
e ainda há outro grupo  
que bem vê que nada alcança.

Se todos eles, soldados,  
se pucesssem em pelotões,  
formariam, com certeza,  
três ou quatro batalhões.

No entanto, há tantas terras  
de cultivos tão escassos!  
E se diz que o nosso mal  
é inda a falta de braços...<sup>207</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>207</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 out. 1890, a. 37, n. 243, p. 2.

## HISTORIETAS C (100!)

Na ponta, as *Historietas*  
festejam o seu centenário!  
Eu peço palmas e bravos,  
deste esplêndido cenário!

Se não quiserem dar palmas,  
nem bravos quiserem dar,  
mande-me quaisquer petiscos  
que sejam de mastigar.

Também aceito bons vinhos,  
desses que são generosos.  
Outros líquidos podem vir,  
porém que sejam gostosos.

Em honra ao grande sucesso,  
me porei hoje taful,  
para receber toda a gente  
que lê o *Eco do Sul*.<sup>208</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>208</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 out. 1890, a. 37, n. 244, p. 2.

## HISTORIETAS

### 101

Eu conheço o *Patriota*,  
e também o Americano:  
foi cadete, é redator,  
mas nunca foi puritano.

Em outros tempos dizia,  
com medo, mui devagar:  
“O *Patriota* é apenas  
uma folha... popular...”

Agora, mudado o tempo,  
é *puritano* na ponta!  
E ao *pato* elege, *lançando*  
uma prosápia sem conta.

Os tempos são mui diversos,  
são outros, não os passados:  
o suor desfez as máscaras,  
já não há mais mascarados...<sup>209</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>209</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 out. 1890, a. 37, n. 245, p. 2.

## HISTORIETAS

### 102

Do Norte escreve-me o *Cura*: — "O Monteiro, que foi ajudante de guarda-mor durante dias, não sabe o que fazer da farda bordada e do boné com que se apresentou na Barra."

Pois não precisa dar tratos  
à bola para saber  
o que do boné, da farda  
deve o Monteiro fazer.

Venda a farda ao *Samuel*,  
que é professor em fardões,  
e há de ficar catita  
metido nesses galões.

O boné, que representa  
no fisco a desigualdade,  
pode ser vendido ao tal  
Ramiro *faternidade*.

Mas se temer o calote  
de um ou outro *caradura*,

dê o boné, dê a farda  
ao nosso adorado *Cura*...<sup>210</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>210</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 out. 1890, a. 37, n. 246, p. 2.

## HISTORIETAS

### 103

Numa missa, no Bomfim,  
pelo padre Papaleos,  
deu-se um caso edificante,  
na consagração a Deus.

O sacristão, descuidado,  
não preparou bem a cena:  
esqueceu-se de botar  
a hóstia sobre a patena.

Chegando o momento, o padre  
deu pela falta da hóstia,  
e ficou tão entalado  
como o cordovão na encospia.

Mas o *sacrista* que ao *lord*  
se parece, quanto ao *dengue*,  
salvando a situação,  
pôs na patena... um merengue!<sup>211</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>211</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 out. 1890, a. 37, n. 247, p. 1.

## HISTORIETAS

### 104

Os *tristes*, pobre coitados,  
*pica-paus*, tatibitate,  
converteram o seu governo  
na pior casa de Orates.

Lá por cima é tudo rusga  
entre os *panças* sem recato,  
e com medo do sarielho  
varou o Guaíba o *pato*.

Fugiu, aflito, grasnando,  
espalmando na água os pés,  
pois sabia que lhe davam  
por detrás dois pontapés.

E ficou triste o seu Costa,  
do alcaide sem as graças!  
Não come, está jururu,  
já em dança pelas praças...<sup>212</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>212</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 out. 1890, a. 37, n. 248, p. 1.

## HISTORIETAS

### 105

DEVANEANDO...

(A PEDIDO DE VÁRIAS FAMÍLIAS)

Tu és o *mylord* Favônio,  
o lordinho embonecado.  
Tu vives entre perfumes  
e do teu ser namorado!

És também o *lord* Fanor,  
porém sem burgo *cumplido*.  
Tu és *lord* sem *lordeza*,  
mas de orgulho convencido.

Tu és *lord* e de um lordismo  
entre todos o primeiro,  
és *lord* tal qual foi o Fú,  
sendo dele o companheiro.

Mas é preciso que fiques  
como *lord* de eterna escola:  
sendo tu um *lord* panela,  
serás o *lord Caçarola*...<sup>213</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>213</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 out. 1890, a. 37, n. 249, p. 2.

## HISTORIETAS

### 106

Num adejar de louquinhas,  
em torno às *Historietas*,  
duas castas andorinhas,  
sempre, sempre irrequietas –

meteram o *Cantu-Mirim*  
à bulha, em meio da praça...  
Em apuros viu-se, assim,  
entre a Beleza e a Graça!

A Graça, com crueldade,  
chamou-as... *semsaborias!*  
O *Cantu*, da felicidade  
perdeu todas alegrias...

Salvou as pobres, coitadas,  
a Beleza, outra andorinha:  
– Seu *Cantu*, é caçoadas,  
é capricho da maninha...<sup>214</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>214</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 out. 1890, a. 37, n. 250, p. 2.

## HISTORIETAS

### 107

É hoje um famoso dia  
para os amigos do Custódio:  
no Marengo, se reúnem  
em volta de enorme bródio!

A patuscada é tremenda:  
a cada *padre* um *rosário*,  
e o sermão vai ser pregado  
em novo vocabulário.

Um da *roxa* desertado,  
que não toma vinhos maus,  
entoará *De profundis*  
em honra dos *pica-paus*.

Mas a grande sensação  
da festa, o Custódio pôs  
num prato que está na ponta:  
pato-gago com arroz!<sup>215</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>215</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 out. 1890, a. 37, n. 251, p. 2.

## HISTORIETAS

### 108

Está exposto na *vitrine*,  
do Teles na Livraria,  
o retrato encaixilhado  
do chefe da *bicharia*.

É fiel, na repelência,  
o tipo do destemido  
que passou ambas as pernas  
no doutor Fanor Cumplido.

Os Ganimedes famosos,  
do Santa Barbará fregueses,  
vão ofertar-lhe o retrato,  
entre gestos de entremeses.

Em discurso, o *papa-açordas*,  
com voz tristonha, chorosa,  
falará em *hipotecas*  
e nas joias da Cardosa...<sup>216</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>216</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 out. 1890, a. 37, n. 252, p. 1.

## HISTORIETAS

### 109

#### AO PÚBLICO

Declaro ao público que, tendo anteontem falecido minha esposa, minhas filhas menores Francisca Amélia Dias e Clotildes Raimunda Dias saíram da minha casa e poder sem o meu consentimento, recolhendo-se a primeira à casa do Sr. Manoel Augusto e a segunda à do Sr. Antônio Pereira. Faço esta declaração para isentar-me de qualquer responsabilidade futura. – Pelotas, 27 de outubro de 1890 – *Manoel Morgado Dias*.

Ó Sr. Morgado Dias,  
que contristadora história!  
Pois não tinha à mão  
uma boa palmatória?

Que morgado mais pastel,  
que deixa, sem mais nem mais,  
as filhas assim fugirem  
aos carinhos paternais...

E diz ainda por cima,  
num momento de amargura:  
– Não sou eu o responsável  
da vossa vida futura!

Morgado não és de Fafe,  
pois não tens jeito para coisa.  
Tu não passas, ó Morgado,  
de um grande... Manoel de Souza.<sup>217</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>217</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 31 out. 1890, a. 37, n. 253, p. 2.

## HISTORIETAS

### 110

#### TELEGRAMA À FEDERAÇÃO

*São José, 29. – O partido republicano daqui protesta contra a conduta injustificável dos Drs. Demétrio Ribeiro e Antão de Faria, por terem desmerecido da desconfiança. – A Comissão Executiva: Alcino R. de Sá e Silva, Alfredo Emiliano da Cunha (Capaverde ausente).*

“Por terem desmerecido  
da sua *desconfiança*!  
O diabo que destrinche  
tão intrincada lembrança...

É grave assaz o protesto  
da gente de S. José,  
do Norte já esquecido  
como quem vivo não é!

Porém mais grave é a ausência  
do Capa, verde *garrafa*.  
Parece que estava entregue  
à sua eterna *moafa*...

Ele está pronto a fazer  
ao telegrama uma errata:

só dará a confiança  
em troco de uma *mamata*...<sup>218</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>218</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 1º nov. 1890, a. 37, n. 254, p. 2.

## HISTORIETAS

### 110

Aos Srs. Barbeiros

#### PROTESTO

A barbearia *Rio Branco* não assinou o convênio feito por seus colegas por julgá-lo um atentado à liberdade do cidadão, impondo-o a barbear-se nos dias de semana e pagar-se pela barba 300 rs. e o corte de cabelo 500. Também declaro que conservarei a porta aberta aos domingos.

– Porto Alegre, 30 de outubro de 1890. –

*Miguel Arcanjo da Cunha.*

(Seguem-se as adesões de sete colegas).

Muito bem, Sr. barbeiro  
Miguel Arcanjo da Cunha!  
Você é barbeiro *onça*,  
muito mais do que eu supunha!

É deveras despotismo,  
é política *castilhana*  
dizer a um homem: – “Barbeie-se  
só nos dias de semana!”

Sinto eu não conhecê-lo,  
ou não tê-lo aqui à mão,  
porque queria fazer-lhe  
uma estrondosa ovacão!

Todas essas adesões  
que já lhe foram prestadas  
têm mais valor de que aquelas  
pelo *pato* conquistadas.<sup>219</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>219</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 nov. 1890, a. 37, n. 255, p. 2. Há duas Historietas com o número 110.

## HISTORIETAS

### 111

Telegrama do Desterro  
eu tive, assim concebido:  
"Aqui chegaram imigrantes  
de um tipo desconhecido.

Um vem de braço quebrado,  
outro torto do pescoço.  
Há na *frota* um boca-mole  
que na língua tem caroço.

Um gago, um surdo, um maluco,  
um com mamilo nos olhos.  
Que diabos será isto?  
Responda sem mais refolhos."

Respondi, e prontamente,  
mas com dor no coração:  
"Toda essa bicharia  
é a nossa... deputação!!!..."<sup>220</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>220</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 nov. 1890, a. 37, n. 256, p. 2.

## HISTORIETAS

### 112

Chegaram, diz um recado,  
à Capital Federal  
os imigrantes que foram  
para o Congresso Funeral.

O bom povo carioca,  
da surpresa entre os horrores,  
pensou deveras que os tipos  
eram todos desertores!

o Paula Nei de luneta,  
solta gostosa risada!  
– Vá saindo! exclama o Nei.  
"Ó que gentes de maçada!"

O Pardal Mallet, tristonho,  
murmurou: "Quem tal diria!  
O Rio Grande, em vez de gente,  
manda esta bicharia!..."<sup>221</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>221</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 6 nov. 1890, a. 37, n. 257, p. 2.

## HISTORIETAS

### 113

Júlio – o Escrupuloso...

Seu Júlio, porque você  
se revela tão mauzinho?  
Se todo o mundo julgava  
que você fosse um pombinho...

Havia um Júlio – o feroz,  
um outro – que é D. João;  
você que é macio e puro,  
que nome terá então?

Você é bem parecido  
(salvo seja o pensamento...).  
Não consta que tenha feito  
em falso algum *juramento*...

Por que se mete você  
a morder assim na gente?  
Vai ver que, afinal de contas,  
Será Júlio – com bom dente...<sup>222</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>222</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1890, a. 37, n. 258, p. 2.

## HISTORIETAS

### 114

De Porto Alegre escrevem-me, pedindo  
notícias dos 50 contos emprestados por  
um coronel.

Não se sabe com certeza  
quem chupou essa *cobreira*,  
que mostrou estar o Rio Grande  
na mais triste *quebradeira*.

Estava bem convencido  
que ela só teve extração  
no subsídio prestado  
à nossa deputação.

Há, porém, um sujeitinho,  
moleque de boa vista,  
que sabe que nesse bolo  
meteu o dente um *artista*.

Para consolá-lo um pouco  
de tantas decepções,  
o *pato* deu-lhe, para o bonde,  
uns tantos pobres tostões...<sup>223</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>223</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 nov. 1890, a. 37, n. 259, p. 2.

## HISTORIETAS

### 115

Em Pelotas, andam alguns em briga, por causa do local escolhido para ao baile de 15.

Briguem lá como entenderem,  
porém que o baile apareça.  
Eu estou já preparado  
desde os pés até a cabeça.

Tenho luvas, e *gris-perle*,  
Do grande *Palais Royal*  
(Chuche lá este *reclame*...),  
e um claque descomunal!

Já suspiro pela viagem,  
para ver o *Madear*,  
mais o Souto e o Toscano  
num apuro de matar!

Assim, neste desacordo  
com o meu camarada Zé,  
irei dançar na Princesa,  
com ela fazer filé...<sup>224</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>224</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 nov. 1890, a. 37, n. 260, p. 2.

## HISTORIETAS

### 116

#### PASSEIO À MANGUEIRA

Tomei o bonde e depois  
instalei-me no vapor.  
Um pó de todos diabos,  
insuportável o calor!

O trem parou no caminho,  
*encalhou* na polvadeira.  
E marchei de infantaria  
para a praia da Mangueira.

Suado, tonto de sede,  
entregue ao furor do tédio,  
fui ao Cassino. Nem água  
havia para remédio!...

Surdiu, porém, uma cesta  
que causou decepções:  
cerveja em meias garrafas,  
vendida a sete tostões...<sup>225</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>225</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 nov. 1890, a. 37, n. 261, p. 2.

## HISTORIETAS

### 117

Os *pica-paus* de Canguçu telegrafaram à *Federação* nos seguintes termos: – “O partido republicano de Canguçu não tem fendas; sua política sã apoia firmemente todo e qualquer governo.”

Sim, senhor! Isto é que é  
partido dentro da lei!  
– Seja governo quem for,  
pois eu cá pronto estarei!

É claro que em Canguçu  
(com perdão da má palavra...)  
suceda o que suceder,  
a dissidência não lavra.

Só um partido partido  
é que necessita emendas;  
mas não um partido inteiro,  
partido que não tem fendas.

Pica-paus e canguçuanos  
estão na ponta, isto é um fato,

quer governe gente ou bicho,  
quer seja governo um *pato*<sup>226</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>226</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 nov. 1890, a. 37, n. 262, p. 2.

## HISTORIETAS

### 118

#### SPLEEN...

Nas culminâncias do tédio  
não tenho de quem falar.  
Falta-me a bossa atrevida,  
nem posso sequer... chorar!

Por estes densos calores,  
tenho pensamentos maus:  
só vejo nuvens de abutres  
e bandos de pica-paus...

Não suporto assim a vida,  
penso até no suicídio!  
Desconfio que se trata,  
contra mim, de um homicídio...

Nenhum consolo me resta  
nesta hora pesarosa...  
Pois até me arrebataram  
o meu rico cabo Rosa...<sup>227</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>227</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 nov. 1890, a. 37, n. 263, p. 2.

## HISTORIETAS

### 119

Lê-se na *Federação*: – “Continua em exposição no escritório desta folha e à venda por seiscentos réis, o bonito quadro das armas da República executado por A. Puhlmann.”

Ó que armas tão baratas,  
que armas mal armadas!  
Com certeza essas arminhas  
nunca foram assinaladas.

Pena é que nessas armas  
não figurem já barões,  
porque queria comprá-las  
ao menos por dez tostões.

Mas parece brincadeira  
que custe assim tão barato  
o quadro que está exposto  
no escritório do *pato*!

É crível que toda a gente  
do jornal *Federação*

esteja hoje reduzida  
a tanta desbagação?...<sup>228</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>228</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 nov. 1890, a. 37, n. 264, p. 2.

## HISTORIETAS

### 120

Em preito justo às reformas  
por que passa esta Nação,  
penso eu ter o direito  
de emitir opinião.

Nada eu tenho que ver  
com as coisas do passado.  
No presente, do que cuido  
é das coisas deste Estado.

O que mais me impressiona  
em toda esta brincadeira  
é a tal reforma feita  
na estrela da bandeira.

Da nossa tire-se o globo  
que o centro traz encoberto.  
No centro que vá voando  
um pato de bico aberto!<sup>229</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>229</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1890, a. 37, n. 265, p. 1.

## HISTORIETAS

### 121

#### QUE FIGURA!

Quando a tropa desfilava,  
o doze e mais o terceto,  
desfraldando ao som da orquestra  
o pavilhão brasileiro;

quando tudo era alegria,  
e das janelas as flores  
caíam por sobre os bravos,  
espalhando mil odores;

tentou à tropa falar  
senhor Júlio Julião,  
que se tinha preparado  
para fazer figuração.

Mas a tropa, em continência,  
ao povo que a festejava,  
foi seguindo o seu caminho  
sem ver quem atrás ficava...<sup>230</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>230</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 nov. 1890, a. 37, n. 266, p. 2.

## HISTORIETAS

### 121

EXPOSIÇÃO CANTU-MIRIM. – Abre-se  
hoje, no escritório desta folha, a *Exposição*  
*Cantu-Mirim*.

Nas salas de redação,  
que é eco de novidades,  
inauguro a exposição  
de estupendas raridades!

A mais rara e curiosa  
veio ontem entre as delícias  
de uma folha primorosa –  
a *Gazeta de Notícias*.

É tipo desconhecido  
em toda a raça animal,  
um palmípede enfurecido  
com instintos de chacal!

Vale a pena observá-lo,  
ver um monstro retratado.  
Todo o mundo ao contemplá-lo  
ficará horrorizado!<sup>231</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>231</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 18 nov. 1890, a. 37, n. 267, p. 2.

## HISTORIETAS

### 121

Escrevem-me de Pelotas: – “O coronel comandante da G. N. compareceu às festas, apresentando-se de casaca, chapéu alto e... salteiras!”

Louvado Deus Senhor Cristo,  
tende dele compaixão!  
Um coronel assim feito  
mais parece um... folião!

Eu conheço o Nascimento,  
o rotundo coronel,  
que à República... isso foi tempo!  
serviu como o mais fiel.

Era então o coletor  
dos *farrapos*, gente pobre.  
Rebentando a tempestade,  
adeus folia, adeus cobre!

Por engano foi levando  
a *caixa da ferramenta*...

E hoje, estando na ponta,  
espera nova tormenta...<sup>232</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>232</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 nov. 1890, a. 37, n. 268, p. 2. Há três Historietas com o número 121.

## HISTORIETAS

### 125

O Sr. L. A. da R. Fraga, em publicação de ontem, *pela verdade*, começou assim: – “Sinto ter de vir à imprensa para declarar a verdade, pois que é isso contrário aos meus hábitos.”

Confessa o amigo Fraga,  
em tom de severidade,  
que é contrário aos bons costumes  
de falar sempre a verdade.

Pois então que vem você  
meter-se, sem ser chamado,  
em negócios de jornais  
que tão bem o têm tratado?

Confessar-se mentiroso  
quem já foi mestre de escola,  
é dar prova que o miolo  
anda fervendo na bola!

Olhe, amigo, Sr. Fraga,  
dizer-lhe não é demais:

cuide lá da sua vida,  
não se meta com jornais...<sup>233</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>233</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 20 nov. 1890, a. 37, n. 269, p. 2. Não há Historieta com os números 122, 123 e 124.

## HISTORIETAS

### 126

NOTÍCIAS MILITARES. – Com destino ao 29º batalhão de infantaria, verificou praça no 12º batalhão o indivíduo Leopoldo Xavier Ferreira. – (*Eco do Sul* de 19 do corrente).

Este Sr. Leopoldo,  
mais Xavier, mais Ferreira,  
era subdelegado  
até ontem (terça-feira).

Na quarta largava o cargo  
e na quinta era já praça!  
Podem crer que falo sério,  
nem o caso é para chalaça...

Pedagogo, foi tentado  
pelo cargo da polícia.  
Posto ao fresco, o seu recurso  
foi servir na outra milícia.

Examinadas as coisas  
lucrou a farda afinal.

– Leopoldo! se pudesse  
tu serias... general!<sup>234</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>234</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 nov. 1890, a. 37, n. 270, p. 2.

## HISTORIETAS

### 127

Escrevem-me de Pelotas: — “Pede retificação à minha notícia: o coronel Nascimento não compareceu de cartola, e sim de chapéu armado.”

Vale ouro este pedaço!  
É de rir um dia inteiro!  
Que bom corte de figura  
para um belo... paliteiro!

Um segundo Sancho Pança  
o tal senhor coronel!  
Muito gordo e muito baixo,  
parece mesmo um tonel!

De chapéu a três pancadas,  
fazendo figuração!...  
Era do povo gritar:  
— Viva o nosso folião!

Seu Nascimento, por que  
você não toma juízo?

Tão velho e tão desfrutável,  
causa dó e causa riso...<sup>235</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>235</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 nov. 1890, a. 37, n. 271, p. 2.

## HISTORIETAS

### 127

Comunica-me um *repórter* oficioso: – "No Bomfim, sexta-feira, o secretário declarou que ali havia cera à venda, por ser ordinária a das últimas *promessas*."

Se eu fosse negociante,  
protestava incontinenti,  
os santos não negociam,  
o negócio é só para a gente.

Mas desde que no Bomfim  
já se trata de negócio,  
do Senhor Crucificado  
me proponho para sócio.

É preciso, urgente é  
que o reverendo vigário  
suspenda essa ordem dada  
ao senhor seu secretário.

O profano e o sagrado  
não devem viver assim.

Do contrário, em vez de bom  
aquilo terá – mau fim...<sup>236</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>236</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 nov. 1890, a. 37, n. 272, p. 2. Há duas Historietas com o número 127.

## HISTORIETAS

### 128

Acabou-se a *Maurícia*, fechou-se a União Republicana e vai embora o tenente Rosa.

Que resta da debandada  
desses tristes figurões?  
Sem União, sem *Maurícia*,  
sem Rosa... Desilusões!...

A *Maurícia* era o letreiro  
de eterna imbecilidade,  
mas a União sustentava  
seus foros de honestidade.

Era o Rosa a força toda  
dos *jericos* e *marmotas*.  
Indo embora, o que mais resta  
dessa súcia de idiotas?...

“Desgraçada, eis tudo que resta.”  
do bando dos fedelhotes.  
Um partido sem figuras,  
o Abel, muitos calotes...<sup>237</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>237</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 nov. 1890, a. 37, n. 273, p. 2.

## HISTORIETAS

### 129

"... vimos na manifestação a Gaspar Martins a realização de um ato de grande valor político. Sem dúvida, ele é o chefe supremo de uma maioria convicta e leal, da agremiação política do Rio Grande do Sul." – (*Gazeta Mercantil* de 25 do corrente).

Muito bem! bravo! apoiado!  
fale assim que é bom falar,  
e deixe essa *bicharia*  
aos pés do *pato* grasnar.

Lavrou um texto a *Gazeta*,  
que está mais limpa, escorreita,  
depois que largou ao pasto  
os *tristes* da triste seita.

Condenando o que fizeram  
pica-paus e tico-ticos,  
pôs ela um freio na boca  
de Abeis, Cains e *jericos*.

Por isso, e por muito mais,  
dou parabéns ao Maurício,

que se viu livre afinal  
de tamanho sacrifício.<sup>238</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>238</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 nov. 1890, a. 37, n. 274, p. 2.

## HISTORIETAS

### 130

Peço toda atenção para o Manifesto Autobiográfico do cidadão Vicente Mendes Borges, peça de grande valor político, publicada hoje na seção – *Cortes & Recortes*.

Em prol da candidatura  
do meu amigo Vicente,  
eu dou até, se quiserem,  
da boca o último dente!

“Republicano de raça”,  
diz que tem “pouco talento”,  
mas que é “correto na ação”,  
tendo “bom o pensamento.”

Atos seus “não glorifica”,  
jamais “sublima uma ideia”.  
Candidato de tal força  
é preciosa teteia!

A postos os eletores,  
que o Vicente é candidato,

contando com os votos todos  
da *bicharia* e do *pato*.<sup>239</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>239</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 nov. 1890, a. 37, n. 275, p. 2.

## HISTORIETAS

### 131

Disse ao Congresso o Sr. Costa Machado:  
– “Cidadãos, estamos aqui reunidos por  
ordem do governo provisório!”

Um Costa Machado assim  
não é machado, é enxó.  
Merecia que das costas  
lhe tirassem todo o pó.

Este Costa, me parece,  
é parente do outro Costa;  
do tal que é mui pequenino  
e da dança tanto gosta.

Os dois Costas puxam certo,  
do carro nas tiradeiras,  
em procissão para tolice,  
em festivais parvalheiras.

O de cá, dançando sempre,  
o de lá na *falação*,  
só esperam uma rasteira  
que os dê de ventas no chão...<sup>240</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>240</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 nov. 1890, a. 37, n. 276, p. 2.

## HISTORIETAS

### 132

Na Constituição do Sr. Portela há as seguintes coisas: 6º, liberdade de locomoção; 8º, direito de petição, de representação e de denunciação de qualquer infração da constituição.

Liberdade há para tudo,  
desde que termine em *ão*;  
assim quis que se fizesse –  
dom Portela Portelão.

Há liberdade para a dança,  
para o cancã de sensação;  
liberdade sem limites,  
até de locomoção: –

de pernas, braços, cabeças,  
outro qualquer membro são,  
de acordo com a lei escrita  
– a nova Constituição.

À cena, pois, o Portela!  
Que tenha grande ovação.

Batam palmas, joguem flores  
a essa enorme *obração*...<sup>241</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>241</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 nov. 1890, a. 37, n. 277, p. 2.

## HISTORIETAS

### 133

Lê-se no *Rio Grande*, folha de Porto Alegre:

“O artista Eduardo Rodrigues, que aqui esteve como empresário da companhia de que fazia parte a Sra. Helena Balsemão, mandou vir de Montevidéu para fazer parte de seu grupo, atualmente em Pelotas, a atriz cantora dos teatros de Buenos Aires, Antonieta Morionnes.”

Enquanto, Sr. Rodrigues,  
sua bela Antonieta  
limitou-se a só pregar  
entre nós a sua peta;

deixei que corresse o barco,  
sem descobrir o negócio.  
Agora, porém, eu devo  
dá-lo como... capadócio!

Essa sua Antonieta,  
sem fama, já é famosa.  
Por ela viu-se em ceroulas  
o famoso cabo Rosa!

Nunca cantou, pois se a voz  
nem ao menos tem de gata.

Quando muito, uma, outra vez,  
ela sabe o que é cantata...<sup>242</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>242</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 nov. 1890, a. 37, n. 278, p. 2.

## HISTORIETAS

### 134

Recebi este bilhetinho, rescendendo a sândalo: – “Cantu, foi desastrada a missa de sexta-feira! O secretário quase fez em estilhaços os quadros que o ritual manda ter sobre o altar, e chegou a... rasgar a opa! Duas moças devotas retiraram-se antes de concluir a cerimônia religiosa.”

Ó senhor seu secretário,  
isso é muita irreverência!  
Não sabe você que a igreja  
deve ser toda clemência?

Destruir os quadros santos,  
as moças desrespeitar...  
Esse senhor secretário  
precisa a fúria acalmar.

Rasgar a opa?... Heresia!  
Oh que horrível sacrilégio!  
Será crível que por lá  
ande o demo em sortilégio?...

A opa, a opa sagrada,  
a opa da devoção!?...

Larga a opa, secretário!  
se não és da opa irmão...<sup>243</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>243</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 2 dez. 1890, a. 37, n. 279, p. 2.

## HISTORIETAS

### 135

A *Federação*, falando da passagem de Demétrio Ribeiro por esta cidade, diz: “—... ele só teve a companhia do seu hóspede, e mais um ou dois cidadãos; nenhum republicano, nenhum dos seus antigos companheiros o procurou.”

Grande peta prega a folha  
que serve apenas ao *pato*,  
pois em tudo que aí está  
não há um só ponto exato.

Demétrio, ao passar aqui,  
quando foi para o Congresso,  
é que viu que os *tristes-vidas*  
não têm na decência ingresso.

Não teve, é certo, ao seu lado  
*Abeis, jericos, marmotas*,  
porque esses só rodeiam  
os que lhes dão as patotas.

Mas teve, em compensação,  
os antigos companheiros,

os que quartel nunca deram  
à súcia dos patoteiros...<sup>244</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>244</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 3 dez. 1890, a. 37, n. 280, p. 2.

## HISTORIETAS

### 136

O governador Costinha proibiu,  
aprovando posturas municipais, que  
fossem queimados foguetes, pistolões e  
bombas, no *recinto* das povoações.

Dançou, foliou, pulou,  
fez da dança o seu governo,  
e apesar da cara feia  
às moças mostrou-se terno.

Mas agora, a despedir-se,  
imaginou que os foguetes  
exercem suas funções  
em honra a *marionetes*.

Por isso o Sr. Costinha,  
dando mostras de vivório,  
quer ver se na despedida  
não apanha um foguetório.

Não se lembra no entanto  
que à passagem dos basbaques

o *Zé-Povinho* só queima  
*traques, traques* e mais *traques...*<sup>245</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>245</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 4 dez. 1890, a. 37, n. 281, p. 2.

## HISTORIETAS

### 137

Do *Jornal do Comércio* da Capital Federal:

– “Benzem-se hoje (27), com assistência do Sr. Dr. Portela, os sinos da igreja de S. Lourenço, em Niterói.”

Não há mais que admirar  
neste tempo original,  
quando a igreja não mais tem  
nem cheiro de oficial.

Até para benzer sinos  
é preciso autoridades;  
sacristas junto aos badalos,  
badalar vão as trindades.

Ao Sr. Portela cabe  
a honra: foi o primeiro  
sacristão-governador  
nas alturas do sineiro.

Não há mais que admirar  
no regime dos Portelas,

dos Costas, Amambaís,  
e de outros tantos... panelas.<sup>246</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>246</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 dez. 1890, a. 37, n. 282, p. 1.

## HISTORIETAS

### 138

A *Cidade de Araras*, folha de S. Paulo, diz que na fazenda do Dr. Martinho Prado, nasceu “um leitão preto, com parte da cara branca, que tem o corpo, pernas e orelhas de um verdadeiro leitão, porém, tendo a cabeça, olhos, nariz e queixos, bem formados com fisionomia de gente.”

Se o jornal de tal cidade  
se denomina de araras,  
claro está que isso é fruto  
comum nas suas searas.

Um leitão assim nascido,  
um leitão tão mala-cara,  
só tendo pai jacaré  
e uma mãe bem... capivara.

Mas a natureza, farta,  
sempre tão novidadeira,  
podia agora trazer-nos  
esta história verdadeira:

Acaso o bicho bifronte,  
da raça da porcaria,

será presente chegado  
do *chefe da bicharia*?...<sup>247</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>247</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 6 dez. 1890, a. 37, n. 283, p. 2.

## HISTORIETAS

### 139

Das folhas recebidas ontem:

"O Sr. generalíssimo Deodoro da Fonseca  
recebeu da casa Krupp dois ricos álbuns  
com capa de couro e chapas de prata,  
trazendo os espécimes dos produtos  
daquela casa."

Vejo no fato um conselho,  
conselho em tom de ameaça:  
não brinqueis com canhões Krupp,  
pois canhão não é chalaça!

Canhões na vida encontramos  
de calibres diferentes,  
canhões que têm carne e osso,  
e canhões de grandes dentes.

Porém os produtos dados  
em amostra ao marechal  
são canhões de outro feitio,  
canhões de gente real.

É preciso ter cautela  
com esses novos canhões:

têm alma negra, medonha,  
mas bem claras explosões...<sup>248</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>248</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 dez. 1890, a. 37, n. 284, p. 2.

## HISTORIETAS

### 140

Em um dos últimos números do *Diário*, lê-se o seguinte anúncio: — "Perdeu-se 55\$000; quem tiver achado e quiser restituir, pode fazê-lo na Rua Paissandu, n. 1."

Simplicidade ou pilhária,  
ausente de todo o mal,  
esse anúncio, sim senhores,  
deveras, é original!...

quem tiver achado os tais  
cinquenta e cinco mil réis,  
se tiver pouco amor  
a tão gostosos *migueis*,

pode levá-los ao dono,  
que os espera, confiante,  
pois tem certeza bem certa  
que não trata com tratante.

Levai-os, peço também,  
e em nome do Santo Deus!

É dos pobres sem espírito  
que é feito o reino dos céus...<sup>249</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>249</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 dez. 1890, a. 37, n. 285, p. 2.

## HISTORIETAS

### 141

Lê-se no *Diário da Manhã*, de Santos: – “O Sr. CARLOS DE MACEDO. – Ontem dei a Macedo a resposta que pelas insolências merecia: enchi-lhe a cara de socos. Foram uns pontos de reticência na polêmica. – *Cândido de Carvalho.*”

Livra, arreda, vá saindo!  
Que pontos de reticência!  
Este Cândido tão carvalho  
é bonzão contra a insolência!

Que candura a do tal Cândido,  
que endiabrado rapaz!  
Candidez assim tão cândida  
só mesmo de... Ferrabrés!

Com a cara cheia de socos,  
dados assim tão sem medo,  
Como terá se arranjado  
o coitado do Macedo!

Ora eu que para essas coisas,  
palavra, jeito não tenho,

ver-me-ia em calças pardas,  
aos socos com o Soromenho...<sup>250</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>250</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 10 dez. 1890, a. 37, n. 286, p. 2.

## HISTORIETAS

### 142

Uma folha do estado do Rio de Janeiro, falando da benção dos sinos pelo governador Portela, dá esta nota cômica:  
– “Na ocasião de dar a primeira badalada no sino grande, declarou o Sr. governador que desde pequeno tinha predileção para repicar sinos, a ponto de pagar quatro vinténs a 200 réis ao sineiro para consentir que o jovem Portela fosse o primeiro a repicar o sino da freguesia...”

Pelo que fica transscrito,  
vê-se que o Sr. Portela  
desde *miúdo* que tinha  
de menos uma *aduela*...

O seu amor pelos sinos,  
tamanha predileção  
ia ao ponto de andar sempre  
com o badalo na mão.

Pagando quatro vinténs  
para os sinos repicar,  
já tinha os oitenta réis  
sem os sinos badalar...

Em conclusão: o Portela,  
badaleiro de alta escola,

com badalo ou sem badalo  
está sofrendo da bola...<sup>251</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>251</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 dez. 1890, a. 37, n. 287, p. 2.

## HISTORIETAS

### 143

Refere a *Gazeta do Sul*, folha de Santa Catarina:

– “A intendência de Camboriú cobra o direito de 2\$ por ano sobre os relógios de algibeira. Ninguém pode usar relógios de algibeira sem pagar a referida importância.”

Este imposto é obra do intendente Manoel Antônio Pereira.

Eis aqui um intendente  
deveras bem entendido,  
pois entende que o relógio  
é um luxo descabido.

És Manoel sem ser Souza,  
és Pereira e Anastácio;  
sem relógio e com relógio,  
tu não passas de Pancrácio.

Se eu, em vez de *Mirim*,  
fosse bom relojoeiro,  
de ti faria um relógio  
para servir... de paliteiro.

Ó intendente patusco  
da egrégia Camboriú!

Tu tens olho e és bem digno  
de andar junto com o Fú...<sup>252</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>252</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 dez. 1890, a. 37, n. 288, p. 2.

## HISTORIETAS

### 144

No expediente dos conselhos do general Costinha lê-se o seguinte: – "Thomaz José de Campos – Indefiro o pedido de privilégio para a exploração de que trata o peticionário, por não ser caso disso, visto como o fabrico de pregos denominados – Pontas de Paris – não se pode considerar invenção."

Explorando os privilégios  
de um tempo tão deo... odórico,  
alguém já quis arranjar  
um privilégio fosfórico.

O grande senhor Ramiro,  
de vida tão romanesca,  
já pediu o privilégio...  
de conservar carne fresca!

Outro agora vem para a ponta  
e um privilégio quis  
para pregar o Rio Grande  
só com pontas de Paris.

Falta só que um privilégio  
peça o Ramiro, em reserva:

para o *pato*, quando morto,  
em álcool ter... para conserva.<sup>253</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>253</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1890, a. 37, n. 289, p. 2.

## HISTORIETAS

### 145

O Ramiro foi para a ponta  
foi para a ponta D. Ramiro;  
caçador da grande fama,  
fez agora o melhor tiro.

Já era bom diplomata,  
senador também já era,  
mas no processo das carnes  
é que provou que era *cuéra!*

Grite embora quem gritar  
contra o sublime inventor;  
cá por mim, dou-lhe até votos  
para que seja imperador.

Que viva, pois, D. Ramiro  
de todos admirado,  
pois garante termos sempre  
carne fresca no mercado...<sup>254</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>254</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 dez. 1890, a. 37, n. 290, p. 2.

## HISTORIETAS

### 145

Encontrei há dias, pelas ruas da cidade,  
um pardinho que levava às costas um  
cartaz de papelão com o seguinte letreiro:  
– “Demorou na rua 1 ½ hora para ir ao Vaz  
Dias. VADIO!”

Se a moda pega, de certo  
temos que ver na cidade  
de cartaz pregado às costas  
pessoas de toda a idade.

Moços, velhos, raparigas,  
pretos, brancos e mulatos,  
da vadiagem terão  
de exibir esses retratos.

Se é certo que a nossa raça  
é forte em vadiação,  
terão de pregar-lhe às costas  
cartazes de papelão.

Para que exceção não haja  
nesse eterno dissabor,

ao cartaz será sujeito  
quem dele foi inventor...<sup>255</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>255</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 dez. 1890, a. 37, n. 291, p. 2. Há duas Historietas com o número 145.

## HISTORIETAS

### 146

#### Passado e presente

Sem assunto, aborrecido,  
nada tendo em que pensar,  
lembrei-me de um documento  
que muito deu que falar.

Reli a *ordem do dia*  
de um valente coronel  
que, hoje dizem, não creio,  
tem por chefe um tal Abel.

“No dia em que eu souber  
que a espada é a tirania,  
em vez da farda terei  
a blusa da burguesia!”

Procurei em vão saber  
que nome tinha o leal.  
– O nome? jaz esquecido!  
Ele é hoje general...<sup>256</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>256</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 dez. 1890, a. 37, n. 292, p. 2.

## HISTORIETAS

### 147

"FU-KU – Um telegrama do Japão dá como descoberta a fotografia a cores. Chama-se o seu inventor Arusizwa-Ryochi-Nichome-Samyskamboz – Kio-Boski – Fu-Ku!" (*Eco do Sul* de ontem).

Estes amigos chineses  
são tipos originais!  
Até em nomes compridos  
não se conhecem rivais.

Porém o que me entristece,  
o que me causa a maior dó  
é ver os dois companheiros  
transformados em um só!

Por que artes de berliques,  
os chineses tão falados  
agora nos aparecem  
completamente mudados?

Vão ver que lá pela China  
há mania espiritista:

o Fu meteu-se no outro  
e este fez-se retratista...<sup>257</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>257</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 18 dez. 1890, a. 37, n. 293, p. 2.

## HISTORIETAS

### 148

Telegrama da Capital Federal a uma casa importante desta praça, diz: – “Causou sensação Manifesto Autobiográfico Mendes Borges, reproduzido hoje seção humorística *País*. Contudo, bancada riograndense Congresso protesta candidatura mesmo cidadão, alegando nunca ter sido republicano. – D. R.”

O Borges está convencido  
de que o *pato*, que é danado,  
ao ver o Borges na ponta  
ficou todo enciumado!

O Borges, porém, ciente  
do poder do chefe mau,  
vai dizer-lhe que foi sempre  
destemido *pica-pau*.

Penso de modo contrário:  
deve o Borges, luminária,  
destruir o jugo infame  
que o quer tornar alimária.

Rompa de vez, e na praça  
faça discursos candentes!

Mas não esqueça: primeiro,  
Postiços bote dois dentes...<sup>258</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>258</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 dez. 1890, a. 37, n. 294, p. 2.

## HISTORIETAS

### 149

Em um escrito, a pedido, no *Eco* de ontem, diz o Sr. Martinho Gomes: “— Sempre honrado e digno, privando como a melhor gente, eu sou eu mesmo. *Ego sum qui sum!*”

Ó Martinho! o mundo inteiro  
ante ti se curvará!  
Mais Martinhos, tão Martinho  
não houve, nem haverá!

O teu nome, a tua glória,  
teu latim, a fama tua  
subirão, ó grão Martinho,  
até ao mundo da lua!

Martinhando pela imprensa,  
até onde irás, Martinico?  
Vais direto ao Panteão,  
Cavalgando num jerico.

Mais que Koch, mais que o Borges,  
tu és um salta-Marinho.

É tua a Posteridade,  
Rilhafoles por caminho...<sup>259</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>259</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 20 dez. 1890, a. 37, n. 295, p. 2.

## HISTORIETAS

### 150

Uma folha parisiense diz que, na secretaria do parlamento francês, estuda-se um novo sistema de verificação de notas, menos sujeito a erros. Consiste o projeto na pesagem das notas que são até hoje contadas.

Dou o meu assentimento  
a tão sublime invenção.  
Já uma vez foi provado  
que tem peso a Opinião!

Estando a sessão aberta  
e o assunto discutido,  
será fácil ao presidente  
dizer qual foi o vencido.

"Foi aprovado o projeto  
por noventa e duas gramas."  
Ou então: "Foi rejeitado  
por quarenta quilogramas."

Ó França! Quisera dar-te,  
com as devidas cautelas,

assado, o *pato* coberto  
de limão feito em rodelas!<sup>260</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>260</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 dez. 1890, a. 37, n. 296, p. 1.

## HISTORIETAS

### 151

No *Medicale Recor* lê-se o seguinte:

"Uma mulher grávida, extraordinariamente impressionada pela vista da torre Eiffel, deu à luz um pimpolho trazendo sobre o peito uma representação desse monumento."

Era crença que a mulher,  
nesse estado interessante,  
pondo no seio uma rosa,  
um pedaço de barbante,

o produto apresentava  
o fruto da ignorância.  
Mas o fato agora assume  
proporções de outra importância!

Imaginem que uma pobre,  
fatalmente impressionada,  
tem olhos para o que se passa  
nesta quadra malfadada.

Se der à luz do Congresso  
em alguma galeria,

o filho trará no peito  
pintada uma bicharia!<sup>261</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>261</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 23 dez. 1890, a. 37, n. 297, p. 2.

## HISTORIETAS

### 152

Telegrama ao *Diário* comunica: -  
"Criminosos homiziados nos limites do Estado de S. Paulo invadiram a vila paranaense Boa Vista, por motivo de haver sido preso o seu feroz chefe, autor de 15 mortes. Roubaram e praticaram toda a sorte de tropelias. As autoridades fugiram."

*Valientes* autoridades  
as que fogem ao seu destino,  
elas que professam a escola  
do mais cego desatino.

Se um pobre, triste, contrito,  
escorrega a vez primeira,  
na violência elas todas  
tomam logo a dianteira.

Mas quando o perigo é certo,  
quando a luta tem azares,  
as nossas autoridades  
põem sebo nos calcanhares.

Apostar em como alguma,  
com os sustos da jornada,

ao chegar ao fim da fuga  
estava toda... cansada?<sup>262</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>262</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 dez. 1890, a. 37, n. 298, p. 2.

## HISTORIETAS

### 153

O meu caro amigo Castro Soromenho  
deixou ontem a redação da *Gazeta  
Mercantil*.

Ó meu Castro Soromenho,  
tu me dás nova delícia,  
pois deixaste que a *Gazeta*  
de novo fosse *Maurícia*.

Tens os meus aplausos todos,  
aplausos que não têm fim.  
Venha de lá um abraço,  
porque eu... sou mesmo assim:

Dou palmas a quem, contente,  
foge ao contato da *tinha*.  
Mas dou-te um conselho sábio,  
receita contra a *morrinha*.

Vai já à praia de banhos,  
leva sabão fenicado;  
do contrário, terás sempre  
um cheirinho *enjericado*...<sup>263</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>263</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 dez. 1890, a. 37, n. 299, p. 2.

## HISTORIETAS

### 154

Há presentemente em França, dizem as gazetas, dez mulheres autorizadas pela polícia a usarem trajes masculinos, e um homem autorizado a vestir-se de mulher, em consequência de uma enfermidade que não lhe permite andar de calças.

Pena é que, entre nós  
despindo uma antiga usança,  
a polícia não permita  
que se dê igual mudança.

Cabo em ceroulas tivemos  
e uma dona bem fardada,  
mas a moda não pegou,  
não passou... de caçoada.

Se pegasse, mais de um,  
cedendo às recordações,  
às saias se agarrariam,  
abandonando os calções.

Até a justiça da terra,  
a qual de toleima é rica,

mudando o trajo, mudava  
o nome para *jerica*...<sup>264</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>264</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 dez. 1890, a. 37, n. 300, p. 2.

## HISTORIETAS

### 155

O *Jornal do Comércio* do Rio dá esta notícia: – “Um amigo do Sr. chefe do governo provisório enviou-lhe da Europa um pequeno leão.”

Sempre ouvi dizer que a força,  
entre o número dos mortais,  
tem residência nas garras  
desse rei... dos animais.

Terá força de pilharia  
o presente ao provisório?  
Ou realmente terá  
um valor muito ilusório?

Pode o nosso grão-senhor,  
animando o bicho atroz,  
dizer-lhe: – “Sou como tu,  
tenho garras, sou feroz!”

Mas é preciso que as feras  
isto tenham na lembrança:

o homem já inventou  
gaiolas de segurança...<sup>265</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>265</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 dez. 1890, a. 37, n. 301, p. 2.

## HISTORIETAS

### 156

A *Gazeta Mineira* publica entre outros, o seguinte recibo, passado e firmado pelo grande mártir – o Tiradentes: “– Resibi do absentista Antônio Pereira da Cunha quinzi alqueires em pó de milho para minusiar coatro cavalos de sua majestade e três alqrs. de farinha para quatro camaradas que cuntem neste coartel em o mês de dezembro. Sete Lagoas, 30 de setembro de 1780 – Joaquim José da S. Xavier.”

Presto toda a reverência  
aos mortos, que são sagrados,  
e muito mais quando são  
pela Pátria abençoados.

Mas o caso ora desperta  
estudo de alta valia!  
fica provado que o mártir  
foi o pai da ortografia

de que hoje fazem uso  
do Comte os fiéis sectários.  
Ingratos que renegar querem  
Os mais santos legendários!

A frase, tão bem escrita,

– *Resibi do asentista –*  
bem prova que o Tiradentes  
foi sempre positivista.<sup>266</sup>

***Cantu-Mirim***

---

<sup>266</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 dez. 1890, a. 37, n. 302, p. 2.

## HISTORIETAS

### 157

#### VAI-SE!...

Vai-se, some-se para sempre  
o ano fatal, danado,  
que nos deixa tantos males,  
tendo outros encomendado.

Que o noventa e um que surge,  
amanhã, entre esperanças,  
seja todo de alegrias,  
de folguedos e bonanças.

Ano bom ele há de ser,  
porque no primeiro dia  
nos favorece com a ausência  
da feiosa bicharia!

Oxalá ela ficasse  
por lá ao menos um ano;  
ela e ele, o *pato* audaz,  
o terrível *castilhano*...<sup>267</sup>

*Cantu-Mirim*

---

<sup>267</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 31 dez. 1890, a. 37, n. 303, p. 1.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



  
**Coleção  
Documentos**

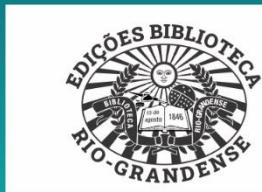
**23**

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 7886587 216089

ISBN: 978-65-87216-08-9